



**Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Programa de Pós-Graduação em Letras:
Estudos Da Linguagem**



CARLOS HENRIQUE DE BRITO FURQUIM

***O Lampion e Os Sujeitos da Esquina: performatizando identidades
gays à luz da Linguística Aplicada Transgressiva***

Mariana
2020

CARLOS HENRIQUE DE BRITO FURQUIM

O Lampião e Os Sujeitos da Esquina: performatizando identidades gays à luz da Linguística Aplicada Transgressiva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada – interfaces entre práticas e teorias

Mariana
2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F987o Furquim, Carlos Henrique De Brito .
O *Lampião* e Os Sujeitos *da Esquina* [manuscrito]: performatizando
identidades gays à luz da Linguística Aplicada Transgressiva. / Carlos
Henrique De Brito Furquim. - 2020.
114 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Kassandra da Silva Muniz.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras:
Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Jornais - Publicação - Lampião da Esquina. 2. Jornais - Seções,
colunas, etc. - Bixórdia. 3. Linguística Aplicada. 4. Linguística Aplicada -
Transgressiva. 5. Homossexualidade - Pesquisa Gay. I. Muniz, Kassandra
da Silva. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 808.1 /5

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Carlos Henrique de Brito Furquim

**"O Lampion e Os Sujeitos da Esquina: Performatizando
Identidades Gays à Luz Da Linguística Aplicada Transgressiva"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem

Aprovada em 08 de dezembro de 2020

Membros da banca

Profa. Dra. Cassandra da Silva Muniz - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza - Universidade Federal da Bahia - UFBA
Prof. Dr. Rodrigo Correa Martins Machado - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Profa. Dra. Cassandra da Silva Muniz, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 08/12/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Kassandra da Silva Muniz, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 10/06/2021, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0180949** e o código CRC **924A4100**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.009044/2020-44

SEI nº 0180949

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Dedicatória

Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba
veludo escondido
na pele enrugada
água pura, ar puro
Puro pensamento
[...]

Mãe não morre nunca
mãe ficará sempre
junto de seu filho
e ele, velho embora,
será pequenino
feito grão de milho.
(Drummond, Para Sempre)

À minha amada mãe Cristina de Brito, *in memoriam*, dedico esse trabalho:

pelo auxílio nas tarefas escolares, quando eu era criança, me ensinando a ler e a escrever;

pela matemática dos números, que ela também aprendia ao me ensinar, e junto dela aprendi a matemática da vida;

pelo amor-doação, sem limites, que possibilitou a minha chegada até aqui. Neste exato ponto.

A ela devo tudo. Por ela, tudo sou.

Minha eterna gratidão!

Agradecimentos

Eu tenho Zumbi, Besouro, o chefe dos tupis
Sou Tupinambá, tenho os erês, caboclo boiadeiro
Mãos de cura, morubichabas, cocares
Zarabatanas, curares, flechas e altares
A velocidade da luz, o escuro da mata escura
O breu, o silêncio, a espera
Eu tenho Jesus, Maria e José
Todos os pajés em minha companhia
O menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos
O poeta me contou
Não mexe comigo, que eu não ando só
Eu não ando só, que eu não ando só
Não mexe não!
(Maria Bethânia, Carta de Amor)

A palavra “obrigado” surge do latim, *obligatus*, que é o particípio do verbo *obligare*. Literalmente, a sua etimologia carrega em si o ato de agradecer uma graça prestada por outrem, criando assim um vínculo entre aquele que é favorecido e o provedor da graça. Já a palavra “gratidão”, derivada da expressão latina *gratus*, carrega em si muito mais que um vínculo entre pessoas, muito mais que um elo de “obrigação” e “troca de favores”, transmutando-se, assim, o sentido do ato de agradecer como retribuição para o ato de sentir-se grato como forma de agradecimento. Ao tornar-se um sentimento, a gratidão se amplifica também como uma emoção e uma sensação que registra em quem a sente a alegria e felicidade por um presente em sua vida. Sendo assim, a palavra gratidão desdobra os limites do recebimento de uma graça, e é por isso que quem é grato possui condições de descobrir o verdadeiro significado da palavra felicidade. Ser grato, antes de tudo, é expressar ao outro que a única retribuição possível como agradecimento é o sentimento de gratidão. Em um mundo onde a moeda da troca costumeiramente se tornou material, o ato de agradecer e de receber o sentimento de gratidão se torna uma oportunidade nobre para aqueles que aprendem a ser felizes. É assim que eu, Carlos, me sinto ao encerrar mais esta etapa de minha vida. Foram muitas as pessoas que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Alguns meses depois de ingressar no mestrado, no ano de 2018, com todo o fôlego e ansiedade em aprender e realizar a presente pesquisa, minha vida passou por uma transformação radical, e com isso muitas questões dentro de mim, bem como do sujeito pesquisador que aqui se enuncia, precisaram de se refazer. A perda física de minha mãe me deslocou de tal forma que eu tive que lidar com inúmeros processos concomitantes e de forma intensificada durante a pós-graduação: desde o luto à luta pelo desenvolvimento dessa pesquisa, ao regurgitar e digerir a dor da perda, além de estudar e trabalhar. Recordo-me de que alguns dias antes de minha mãe fazer a passagem deste plano, ela tinha ido

em romaria até Aparecida do Norte (São Paulo) cumprir a promessa da minha entrada no mestrado. Hoje eu posso dizer que venci, mas não venci sozinho. Muito do que conquistei vem também do esforço dos meus pais, das orações de minha mãe e das muitas e muitas horas que ela se lançava em uma jornada tripla de trabalho para poder, junto de meu pai, me ajudar com um pouco de dinheiro (que era muito, pois era tudo que ela podia dar, além do seu amor) para que eu pudesse me manter e estudar. Por isso, minha amada mãe, Cristina (*in memoriam*), e meu amado pai, Benedito, hoje vencemos mais uma etapa juntos. Essa vitória se manifesta em gratidão pela vida, pelos ensinamentos e por tudo que me fizeram legar de vocês. Também não poderia deixar de agradecer ao meu irmão Eduardo, por todo apoio e generosidade, bem como pelas muitas vezes que ele se desdobrou para me amparar financeiramente, quando, no início do mestrado, eu tinha que, além de lutar por um rendimento sempre acima de 90% nas disciplinas da pós-graduação, me preocupar com questões básicas de sobrevivência. De antemão, não poderia deixar de agradecer a CAPES, que, por meio do subsídio do povo brasileiro, financiou a realização desta pesquisa durante o período em que estive bolsista. Em concomitância, agradeço também à PRA-CE, Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, que oportunizou, durante o período em que eu não tive bolsa de pesquisa, a assistência estudantil por meio das bolsas permanência, alimentação e dos auxílios de inclusão digital, contribuindo, assim, para que eu pudesse finalizar minha dissertação durante a pandemia da COVID-19. O mesmo agradecimento se estende a todos aqueles e a todas aquelas que pagam seus impostos e, ainda assim, uma pequena parte deles é investida em pesquisas e Educação no nosso país, possibilitando-me ser beneficiado com as bolsas mencionadas acima. Gratidão ao Prof. Dr. Melliandro Gallinari, à Profa. Dra. Soélis Mendes, à Profa. Dra. Mônica Gama e à Profa. Dra. Margareth Diniz pelas contribuições preciosíssimas em minha pesquisa por meio das suas disciplinas. Agradecimentos também ao Departamento de Letras da UFOP, por possibilitar que eu realizasse meus estágios docências sob a supervisão da Profa. Dra. Kassandra Muniz, no semestre de 2019.1, nas disciplinas de Pragmática, com os discentes do curso de Letras, e Leitura e Produção de Textos com os discentes do curso de Serviço Social, bem como pela oportunidade de me tornar brevemente professor substituto durante o semestre de 2019.2, podendo, assim, trazer um pouco dos bastidores de minha pesquisa nas disciplinas. Agradeço aos colegas e amigos da turma do Posletras de 2018, que caminharam comigo durante esta jornada. Agradecimentos especiais a Camila Lisboa, Rúbia Araújo, Fernanda Araújo, Michelle Oliveira, Madu Ferreira, Paola Jara, Raquel Nunes, Sissy Flôres, Dâmares Carla, Leilane Mota e Johny César; de um modo geral, agradeço a

todos os colegas do Posletras pela confiança no trabalho que realizei enquanto estive como representante discente no colegiado e nas comissões de bolsas de pesquisa da pós-graduação nos anos de 2018 e 2019. Acredito que demos os primeiros passos para o processo de democratização da nossa pós. Vida longa ao Posletras UFOP! Não poderia deixar de expressar meu sentimento de gratidão também aos colegas e amigos queridos do GEALI – Grupo de Estudos em Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus de Ouro Preto. Agradeço carinhosamente a todos e, em *sui generis*, à Pollyanna Fernandes, Elke Pena, Gláucia Xavier, Irina Coelho, Paulo Ricardo e Verônica Barçante, pelas trocas, apoio e incentivo na entrada e permanência na pós-graduação, bem como pelos “puxões de orelha” que algumas queridas me deram para que eu pudesse crescer como profissional e como pessoa. Um agradecimento especial a Érica Aniceto, pela amizade, parceria, profissionalismo e pelos ditos “puxões de orelha”. Outro grupo, de igual importância, que muito contribuiu em toda a minha trajetória acadêmica na UFOP ao longo desses quase dez anos entre graduação e mestrado é o NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, que foi fundamental para a minha formação, acolhimento e reexistência. Minha gratidão ao corpo de professorxs, estudantes e militantes que compõem o núcleo, pois foram tantas e tantas trocas significativas ao longo desses anos! Não poderia deixar de mencionar também a figura de Adilson Pereira dos Santos, pelas trocas prazerosas e projetos que pudemos vivenciar juntos por todo esse tempo no núcleo. Agradecimentos especiais também às queridas Profas. Ms. Isis Rosta, Ms. Jussara Lopes, Ms. Dulce Maria Pereira, Dra. Ana Mônica Henriques Lopes, Dra. Janete Flor de Maio Fonseca e ao Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos. São pessoas queridas com quem pude compartilhar imensas trocas nas atividades realizadas pelo núcleo. Em concomitância, agradeço ao GELCI (Grupo de Pesquisa em Linguagens, Culturas e Identidades), liderado pela Profa. Dra. Cassandra Muniz, e que também não poderia ficar de fora. Agradecimentos aos/às colegas pelas trocas prazerosas: Diogo Simões, Rúbia Araújo, Camila Lisboa, Amanda Ribeiro, Camila Rodrigues, Drieli Sampaio, Geuderson Transpadini, Luana Lima, Mikaela Gabriele, Kátisson Félix, Jorge Lopes e Bárbara Guerra. Gratidão à Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza (UFBA) e ao Prof. Dr. Rodrigo Corrêa Martins Machado (UFOP), por aceitarem compor a minha banca de defesa como membros titulares, bem como aos professores Dr. Joel Austin Windle (UFF) e Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior (UFOP), pela participação como membros suplentes. Gratidão, sobretudo, por todos vocês reservarem uma parte do tempo de suas vidas para avaliar o meu trabalho. Sinto-me muito grato por contribuírem na minha formação. Agradeço carinhosa-

mente ao Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior, pelas suas preciosas e atenciosas contribuições na avaliação do meu projeto definitivo, bem como pela sua presença na minha banca de qualificação. Adail, desde a sua orientação na minha iniciação científica, foi um grande estimulador para que eu pudesse trabalhar com o jornal *Lampião da Esquina*, além de me apresentá-lo. Este querido tem grande contribuição na minha formação. Sou grato por suas provocações durante todo esse processo, bem como pela sua sororidade. Meu respeito e admiração! Gratidão a Ariane Albergaria, Camila Ribeiro Lisboa, Érica Aniceto, José Luiz Foureaux, Rodrigo Machado, Pollyana Fernandes e Juliana Couto Santos, pelas generosas e solidárias contribuições com a leitura e revisão do meu trabalho antes e depois da defesa da minha dissertação. Minha gratidão também a João Silvério Trevisan, um dos percursores do *Lampião*, ao Prof. Dr. Luiz Mott (UFBA) e ao Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes, que, paralelamente ao Prof. Adail, nortearam meus passos para localizar o material do jornal *Lampião da Esquina*. Sou grato ao site do Grupo Dignidade, por disponibilizar todo o material de forma digitalizada, por meio do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott. Gostaria de agradecer às queridas amigas Roberta Eliane dos Santos Froes, Érica Alessandra Fernandes Aniceto, Janete Flor de Maio Fonseca Fonseca, Juliana Couto Santos, Bárbara Maria Costa e Camila Ribeiro Lisboa, pela presença, apoio, afeto e, sobretudo, por estarem do meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida, durante esse período de tantas descobertas e amadurecimento. Agradecimentos especiais também à querida Lídia Lopes Ozório, ao querido José Luiz Foureaux Souza Júnior e à querida Míria Gomes Oliveira, aqueles com quem também cravei no peito o sentimento de amizade e que caminharam comigo direta e indiretamente até aqui. Parcerias prazerosas, cafés maravilhosos, vivências inesquecíveis! Não posso deixar de mencionar a minha gratidão às mãos negras e cheias de luz e amor da dona Eloale, minha querida vó adotiva, que cuidou e muito das minhas feridas perante o luto e me ajudou incessantemente para que eu pudesse, do começo ao fim, cumprir com as etapas da pesquisa de forma que a dor da perda fosse amenizada e meus caminhos para o saber e para o bem se fortalecessem. Gratidão também a Preta (Maria do Carmo), minha “mãe preta”, bem como à sua família, em especial à sua filha, minha amiga Cintia Luana, pelo acolhimento e por cuidarem de mim com tanto amor. Minha gratidão também estendida aos guias e mentores espirituais, e em especial aos pretos velhos e pretas velhas, bem como à falange de trabalhadores do querido Irmão Horta, por me acolherem num período tão significativo e doloroso de minha vida. A espiritualidade nunca nos desamparada. Deus tudo ouve, tudo vê, tudo sente. Agradecimento especial à querida Renata Duarte, por sua presença cheia de

afeto e amor. É nos momentos mais difíceis que podemos enxergar a oportunidade de crescer e evoluir, bem como quem está conosco. Fruto dos cuidados da espiritualidade comigo, tem a entrada e permanência em minha vida, da minha querida tia Ana Paula Castejon, que com sua fé e com seu amor verdadeiro e incondicional me tornou também seu filho. Agradeço carinhosamente! Gratidão também às queridas que a UFOP me apresentou: Patrícia Ribeiro, psicoterapeuta; Priscila Braga, nutricionista; e Maria Tereza Fragoso, clínica geral. Bem como todos, essas figuras estiveram comigo do início ao fim. Agradecer a todos é um presente que eu me permito, pois a minha pesquisa e o meu corpo se dobraram e emergiram em suas frentes por meio das acolhidas, da escuta atenta, dos conselhos e apoio, sobretudo fora dos consultórios e muros da universidade. A pesquisa não ocorre somente dentro dos espaços acadêmicos e, sim, em outros espaços de reexistência e que também são espaços de saberes, saberes esses como as práticas de benzimento de dona Eloale, que cuidam, acolhem, ensinam e fortalecem nossa existência holística. Asê! E, por fim, não menos importante que todas as pessoas citadas acima, gostaria muito, e muito, de agradecer à querida Kassandra Muniz. Kassy ocupou e ocupa muitos lugares em minha vida. Desde a sua presença como minha professora ao longo desses quase dez anos de parcerias até a sua participação como orientadora desta pesquisa. O seu lado humano como educadora só a torna grande, para além de um título de professora universitária e doutora. Não somente a sua competência e bagagem intelectual, e também a sua humildade e o seu amor, a alteridade e compaixão são as suas principais qualidades que me fizeram desejá-la e escolhê-la como orientadora dessa pesquisa, e eu me sinto muito honrado pela escolha ter sido recíproca. Essa pesquisa teve muito dos nossos “tapas e beijos”, do aprendizado com os diversos momentos de alegrias, estresses, dificuldades e tesão pelo saber que partilhamos. Mais uma parceria! Minha gratidão aos Orixás e às Deusas por colocar você em minha vida! Diante de tudo que vivemos, hoje sinto que continuo o que me ensinou. Ao escrever esses agradecimentos, pude constatar, de fato, que eu não ando sozinho. Ao meu lado muita gente caminha junto! Muita gente está chegando junto. Me sinto muito grato por chegar até aqui com todos vocês. E, como canta Maria Bethânia, “não mexe comigo que eu não ando só”. *O Lampião e Os Sujeitos da Esquina: performances gays à luz da Linguística Aplicada Transgressiva* é fruto das múltiplas trocas, contribuições, saberes, corpos e presenças de todas essas pessoas e de muitas outras; é fruto do amor e da vida que emerge como um pulsar do sujeito em transformação. Hoje, ao escrever este texto, me senti pequenininho e, sobretudo, me senti grato. Gratidão é a palavra que me define. Mariana, 30 de novembro de 2020.

'Cause, baby, you're a firework
Come on, show 'em what you're worth
Make 'em go: Ah, ah, ah!
As you shoot across the sky
Baby, you're a firework
Come on, let your colors burst
Make 'em go: Ah, ah, ah!
You're gonna leave them all in awe, awe, awe
You don't have to feel
Like a wasted space
You're original
Cannot be replaced
If you only knew
What the future holds
After a hurricane
Comes a rainbow
(Katy Perry, Firework)

Se recebo dor, te devolvo amor
Se recebo dor, te devolvo amor
E quanto mais dor recebo
Mais percebo que sou
Indestrutível
(Pablo Vittar, Indestrutível)

A teoria não é intrinsicamente curativa,
libertadora e revolucionária. Só cumpre essa
função quando lhe pedimos que o faça e
dirigimos nossa teorização para esse fim.
(bell hooks, Ensinando a transgredir)

Resumo

O *Lampião e Os Sujeitos da Esquina*: performatizando identidades gays à luz da Linguística Aplicada Transgressiva

Nesta perquirição interroga-se, com base nos estudos em Linguagens e Identidades, sobre como são performatizadas as identidades de homens gays no jornal *Lampião da Esquina* por meio de um viés que compreende o discurso como ação constitutiva da identidade e a identidade como performance discursiva. Este trabalho está situado dentro do campo da Linguística Aplicada de viés transgressivo. Com olhar interseccional, elegendo a categoria *queer* como recorte para investigar as performances das identidades de homens gays, tem-se em consonância a relação da identidade de gênero com a orientação sexual. O *corpus* surgiu no final da década de 1970 e foi o primeiro jornal homossexual brasileiro produzido por Imprensa Livre a ganhar um grande protagonismo no fortalecimento do movimento LGBTI. Além disso, debateu assuntos de relevância para o grupo, em uma época de cerceamento da liberdade de expressão, consequência do regime militar instaurado no Brasil em 1964. Por tratar-se de um material que, além de debater sobre o universo LGBTI no século XX, contém discussões de temáticas diversas, fizemos um recorte qualitativo, focando em alguns trechos de textos veiculados na coluna *Bixórdia*, assinada pelo próprio tabloide. Nesse sentido, por meio desta investigação, aspirou-se a contribuir para a área da Linguística Aplicada, bem como para o campo das Linguagens e Identidades, com a produção de uma pesquisa nomeada como *gay* e que investiga a performance das identidades de homens gays na época da Ditadura Militar por meio do jornal *Lampião da Esquina*.

Palavras-chave: *Lampião da Esquina*; *Bixórdia*; Linguística Aplicada; Linguística Aplicada Transgressiva; Pesquisa Gay.

Abstract

***Lampião* and the Subjects from *da Esquina*: performing gay identities from Transgressive Applied Linguistics' perspective**

Based on the studies about identity and language and on the idea that considers discourse as a constitutive action of identity and identity as discourse performance, this research, connected to the field of Transgressive Applied Linguistics, aims to investigate how gay male identities are performed in the Brazilian newspaper *Lampião da Esquina*. Through an intersectional perspective and by choosing *queer* as a category in order to analyze gay male identities, there is a correspondence between gender identity and sexual orientation. The *corpus* is from the end of the 1970s and was the very first Brazilian gay newspaper produced by a free press to gain prominence in the strengthening of the LGBTI movement. Furthermore, *Lampião* discussed subjects which were relevant to the community during a period of restriction of freedom of expression, derived from the military regime ruled in Brazil in 1964. Due to fact that it represents a material that involved discussions on the LGTBI universe in the 20th century and on other topics, we chose a qualitative approach, focusing on some excerpts from the newspaper's section called *Bixórdia*, which was signed by the tabloid itself. Therefore, through this study and the development of a gay-related research that investigates the performance of gay male identities during Brazilian Dictatorship in the newspaper *Lampião da Esquina*, we seek to contribute to both Applied Linguistics and Transgressive Applied Linguistics fields.

Keywords: *Lampião da Esquina*; *Bixórdia*; Applied Linguistics; Transgressive Applied Linguistics; Gay-related research.

Lista de Figuras

Figura 1 - <i>Lampião da Esquina</i> : Edições diversas	57
Figura 2 - Capa de <i>Gay Sunshine</i>	61
Figura 3 - Jovens em frente ao Stonewall no período das rebeliões	62
Figura 4 - Foto divulgada da noite das rebeliões de Stonewall	62
Figura 5 - Integrantes do Somos - Grupo de Afirmação Homossexual após uma reunião nas Ciências Sociais da USP, 1980	64
Figura 6 - Alguns integrantes do <i>Lampião da Esquina</i>	65
Figura 7 - Abertura da Sessão Opinião com Editorial "Saindo do Gueto" na Edição Zero	67
Figura 8 - <i>Lampião da Esquina</i> : Edição 15, Ano 2, agosto de 1979	68
Figura 9 - <i>Lampião da Esquina</i> : Edição 14, Ano 2, julho de 1979	69
Figura 10 - <i>Lampião da Esquina</i> : Edição 12, Ano 1, maio de 1979	69
Figura 11 - <i>Lampião da Esquina</i> : Edição 4, Ano 1, agosto-setembro de 1978	70
Figura 12 - Cartas Na Mesa: Ora, pois!	72
Figura 13 - Seção Ensaio, Edição Zero	73
Figura 14 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 1	74
Figura 15 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 2	74
Figura 16 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 3	75
Figura 17 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 4	75
Figura 18 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 5	76
Figura 19 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 6	76
Figura 20 - Seção Entrevista, A Nova Versão de "A Médica e a Monstra"	77
Figura 21 - Seção Literatura, Do outro lado da porta	78
Figura 22 - Seção Reportagem, A fábrica de heterossexuais	79
Figura 23 - Concurso da Bixórdia	86
Figura 24 - Concurso da Bixórdia: bilhetinho de leitor	89
Figura 25 - A narrativa do banheiro	89
Figura 26 - Escolha seu nome	90
Figura 27 - Nome de Guerra	91
Figura 28 - Escolha seu nome, II	92
Figura 29 - Bicha e Fila	92
Figura 30 - A pequena notável	93
Figura 31 - Folias da Telerj	94
Figura 32 - Homens e bichas	95
Figura 33 - Bicha burra	95
Figura 34 - Atenção, bonecas!	96
Figura 35 - Ivan Lessa 1	96
Figura 36 - Ivan Lessa 2	97
Figura 37 - Esther Willians enrustida	97
Figura 38 - Aniversário do <i>Lampião</i>	98
Figura 39 - Verdadeira Bixórdia	98
Figura 40 - Os aníban vão acueudá as mona e levar pro ilês	99
Figura 41 - Novocabulário guei	100
Figura 42 - Regionalismos semânticos	101
Figura 43 - O homem do dedo-duro	101

Sumário

O <i>Lampião</i> e O(s) Sujeito(s) <i>da Esquina</i> : Uma Introdução	17
Capítulo 1 – Uma pesquisa gay em Linguística Aplicada Transgressiva	24
1.1 A Teoria como poder de Cura	25
1.2 A Linguística Aplicada Transgressiva	29
Capítulo 2 – Performances Identitárias	37
2.1 Linguagem & Performances Identitárias.....	38
2.2 Identidades Sociais & Identidade Gay	50
Capítulo 3 – <i>Lampião da Esquina</i> : traçando um perfil	56
3.1 <i>Opinião</i>	66
3.2 Algumas Edições Temáticas	68
3.3 <i>Cartas Na Mesa</i>	71
3.4 <i>Ensaio</i>	72
3.5 <i>Entrevista</i>	77
3.6 <i>Literatura</i>	78
3.7 <i>Reportagem</i>	79
3.8 Um perfil	80
Capítulo 4 – “Vale tudo, né queridinhas?”: performances gays em <i>Bixórdia</i>	81
5. Considerações Finais.....	106
6. Referências Bibliográficas	109

O Lampião e O(s) Sujeito(s) da Esquina: Uma Introdução

Quando eu estava pra nascer
De vez em quando eu ouvia
Eu ouvia a mãe dizer
Ai meu Deus como eu queria
Que essa cabra fosse home
Cabra macho pra danar
Ah! Mamãe aqui estou eu
Mamãe aqui estou eu
Sou homem com H
E como sou!
[...]
Nunca vi rastro de cobra
Nem couro de lobisomem
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
Porque eu sou é home
Porque eu sou é home
Menino eu sou é home
Menino eu sou é home
E como sou
(Antônio Barros, Homem com H)

Quando nos reelaboramos por meio de uma pesquisa sobre identidade, refletimos a respeito do papel dessa investigação em nossas vidas e em nossos corpos. No contexto em questão, qual é o impacto do presente trabalho na construção e ressignificação da minha identidade gay? Ou a pesquisa teria influência apenas sobre a minha identidade de pesquisador? Não penso que exista uma única identidade, fixa, finalizada e contida do pesquisador. Se nosso papel é investigar e conhecer, estaremos frequentemente nos movimentando pelas perquirições e o ciclo de investigação ocorrerá sempre por meio de uma vivência constituída pelo saber-investigar¹. O mesmo se aplica no sujeito que compreende, nas palavras do mestre Paulo Freire, que a vida é um processo de contínuo aprendizado, e por isso podemos dizer que o aprendizado só se finda quando o sujeito vivente termina o seu ciclo de vida.

Desde 2012, passei a aprofundar um pouco mais o meu interesse pelas temáticas sobre identidade, questões raciais, de gênero e sexualidades, tendo contato com tais discussões por meio do Projeto de Estímulo à Docência, do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência da CAPES, denominado por PIBID AFRO (História, Cultura e Literatura Africana e Afro-brasileira), então coordenado pela Professora Dra. Kassandra da Silva Muniz (Departamento de Letras da UFOP), que também orientou a presente pesquisa.

Como bem disse Djamila Ribeiro (2017) em *O que é lugar de fala?*, trabalhar com a minimização das desigualdades, bem como contra o preconceito, exige de nós um engajamento nas mais variadas frentes da diversidade, bem como promover conexões que interligam as questões políticas no campo das Identidades e das Linguagens. Nesse sentido, trabalhar com corpos e através de corpos que são vistos como subalternos em uma sociedade LGBTIfóbica, racista, sexista e machista, por meio da presença de uma orientadora negra e de um orientando gay é promover política por meio da linguagem, uma vez que é por meio desses corpos que a presente pesquisa se realizou e passou a buscar a constituição de uma discussão que não surgisse no viés tão tradicional e institucionalizado de forma invisível, como o do homem acadêmico branco e heterossexual.

Sabemos que não basta ser negro ou ser gay para promover política, é preciso, sobretudo, ter consciência sobre o papel e a presença de nossos corpos nos meios que circulamos. Além de ter essa visão, precisamos compreender também que temos que instigar ações sociais que promovam a descolonização de corpos, saberes e sujeitos. E

¹ Tal discussão é iniciada em Furquim (2019).

tudo isso, na presente pesquisa, só foi possível através do amor e paixão que move e promove aprendizados, trocas (seja de afetos ou de experiências), prazer pelo trabalho que se faz. É nesse processo que Cassandra e eu viemos trabalhando ao longo desses anos, em parcerias por meio NEABI-UFOP.

Essa pesquisa tem muito desse amor que cura e quer acolher, ou melhor, que acolhe, protege e, especialmente, cura. A academia pode se tornar um espaço onde a vivência do amor pode ser a base para a realização de muitos trabalhos, como bem disse bell hooks². Trabalhos que possam impactar vidas, as nossas vidas, as vidas dos outros, e refazer o mundo em que vivemos. Tenho descoberto, no ato de pesquisa, o poder da cura; no conhecimento, o empoderamento; e tento redescobrir sempre a minha vida a partir dessas práticas de liberdade. Afinal, a pesquisa precisa ter um papel na vida do pesquisador. Para ele exercer tal prática, ela carece de ser uma de suas paixões.

Como pontuei anteriormente, o PIBID AFRO, projeto que me inseriu nas temáticas étnico-raciais e de gênero, foi de grande importância para a minha formação, pois através dele, e também do NEABI e do GELCI (Grupo de Estudos em Linguagens, Culturas e Identidades), tive a oportunidade de iniciar meus estudos na temática das relações raciais e de gênero e, por questões de interesse pessoal, a *posteriori*, passei a aprofundar meus estudos sobre sexualidades, cursando a disciplina de Gênero e Sexualidade, ministrada pelo Professor Dr. Marco Antônio Torres, Departamento de Educação, da Universidade Federal de Ouro Preto. Nessa oportunidade, meu corpo em crise começava timidamente a se entender. Por isso, as temáticas identitárias se fazem emergenciais na base das licenciaturas e também na educação básica, uma vez que o sujeito que adentra em tais estudos passa a compreender com mais facilidade e menos sofrimento (ou melhor, sem sofrimento) o que sucede com ele. No ano de 2019, tive a oportunidade de participar da comissão de heteroidentificação racial, durante a matrícula dos calouros da graduação, da UFOP, e, mais uma vez, confirmei o que já sentia há um bom tempo: muitas pessoas possuem inúmeras dificuldades em se reconhecerem como brancas ou negras. Mas por quê? Porque lá na Educação Básica, raramente, ou nunca, se trabalha a conscientização racial. Assim, como pouco ou nunca se discute as questões de gênero e sexualidade. Nomear-se gay, bissexual, lésbica ou transgênero nessa sociedade, ainda mais em tempos sombrios, é um ato político de ressignificação sobre quem somos. É

² Sobre o nome de bell hooks ser empregado em letra minúscula: essa prática surge a partir de uma postura da própria autora que criou esse nome em homenagem à sua avó e o emprega em letra minúscula como um posicionamento político que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa. O presente texto respeita a escolha da autora.

preciso ter muita coragem para subverter os processos colonizadores e se libertar dos grilhões do medo e do preconceito.

Por isso, não posso deixar de pensar na minha pesquisa em via interseccional. Na sua relação comigo, com o meu corpo, mesmo que às vezes seja preciso de um distanciamento e outras vezes bastante intimidade e proximidade, conforme venho discutindo a partir de Furquim (2019). Somos sujeitos de muitas identidades, coexistentes ao mesmo tempo e espaço, e cada identidade causa seu impacto social. O presente trabalho me deslocou para fora dos meus eixos normativos. Deslocou minhas identidades, meu corpo, minha pele, meus sonhos e meus desejos. Embora a pesquisa não seja sobre mim, parte de quem sou está aqui se deslocando ao colocar o meu corpo gay de forma distanciada.

Lembro-me, como se fosse hoje, de quando submeti o pré-projeto para o processo seletivo do mestrado e pela primeira vez na minha vida me nomeei gay. Recordo-me de que quando Kassandra leu o meu pré-projeto deu um pulo de emoção e alegria ao ver-me nomear com parte de quem sou, ou melhor, aquele que sou: um homem gay. Expressar aos quatro cantos do universo sobre minha(s) identidade(s) é um desafio constante, por isso essa pesquisa me deslocou tanto. Saber quem você é e ter a consciência do seu lugar e do seu papel na sociedade é um grande passo para ser empoderado de si mesmo. Pesquisar identidade e promover políticas identitárias por meio da linguagem é possibilitar o empoderamento: seu, meu, nosso.

Ao longo desses últimos anos passei por inúmeros processos em minha vida. Hoje, por exemplo, trago conscientemente comigo os meus pais nos bastidores desta pesquisa. Não como interlocutores das discussões aqui feitas, e sim como agentes que possibilitaram que eu pudesse concretizar o meu mestrado. Trago também muitas pessoas comigo, pessoas que jamais vi o rosto, jamais dei um abraço, mas que enfrentaram e enfrentam a sociedade patriarcal e heteronormativa pelo direito de sermos quem somos. Como cantou Gonzaguinha, “viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Essas pessoas enfrentaram a vida, depararam-se e ainda se deparam com a morte, com a violência física e psíquica em momentos críticos de nossa História, especialmente a Ditadura Militar (e ainda assim uma ditadura heteronormativa e invisível que ainda hoje tenta regular e exterminar os nossos corpos), tudo para que hoje eu e muitos outros pudéssemos fazer pesquisas sobre identidades LGBTI³, como a presente pesquisa feita dentro do

³ Tal nomenclatura adotada neste trabalho segue a visão da pesquisadora transgênero Jaqueline Gomes de Jesus.

campo da linguagem, tendo espaços acadêmicos para que pudéssemos falar, bem como o respeito pelos nossos corpos e nossas falas.

Essa pesquisa surge de um período bem conturbado de minha vida em que passo a ter conscientemente a certeza incerta (porque nós nunca estamos prontos, sempre em constante construção) de minha orientação sexual bem como a digestão da dor da perda física. Só que a dor precisa nos impulsionar, bem como a curiosidade em aprender, em entender o porquê que, assim como eu, muitos homossexuais tiveram seus caminhos tão dolorosos, e felizmente nos dias de hoje grande parte de nós encontrou e encontra uma luz no final do túnel. A chegada de novos ventos se torna mais clara na realidade escolar de muitos sujeitos LGBTI, negros e indígenas quando as instituições escolares passam a se refazerem, se reinventarem, para ouvir e acolher tais sujeitos. É sinal de que a pesquisa, os sujeitos que pesquisam e os Movimentos Sociais possuem grande contribuição para a nova sociedade que vem se construindo em nosso país e no mundo.

A escolha do jornal *Lampião da Esquina* como *corpus* da presente pesquisa surgiu desde quando, em minha graduação, fui bolsista de iniciação científica do Professor Adail Sebastião Rodrigues-Júnior, quem agradeço imensamente pela sugestão e apresentação deste *corpus*, e que tomei consciência, no percurso do meu mestrado, sobre a importância do jornal e o seu impacto social no Brasil e na sociedade brasileira do final do século XX. Através desse trabalho pude conhecer um pouquinho mais da minha história. Graças aos Movimentos LGBTIs e aos grupos que fizeram e fazem parte deles, materializando, por exemplo, a existência, mesmo que de curta duração, do *Lampião da Esquina*, é que os grupos LGBTIs vem conquistando seus espaços e direitos em nossa sociedade. E assim vamos nos posicionando na sociedade heteronormativa como sujeitos não só de deveres e também de direitos.

Felizmente, apesar dos retrocessos políticos dos últimos anos, tivemos e estamos tendo, ainda que timidamente, a presença política de mulheres negras, sujeitos LGBTIs e povos indígenas em espaços de poder e, sobretudo, ocupando lugares antes ocupados exclusivamente por homens brancos de famílias que reuniam dentro de si o núcleo tanto da “elite” cultural, intelectual quanto da elite econômica brasileira. Alguns exemplos significativos das mudanças que vem ocorrendo nos espaços de poder brasileiros são: a eleição de um homem gay como Deputado Federal, Jean Willys, a presença de uma ministra negra no Ministério das Mulheres, a Professora Doutora Nilma Lino Gomes, que também foi a primeira Reitora negra em uma universidade federal, assumindo por um

período a gestão da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana), ambos os cargos no Governo Dilma. Outro exemplo é a Primeira Travesti a se tornar Doutora e Professora em uma universidade federal no Brasil, a pesquisadora Luma Nogueira Andrade, que também assumiu a reitoria da UNILA por um tempo. No estado de São Paulo temos a primeira Professora Transgênero a assumir a Direção de uma escola estadual, a Professora Paula Beatriz de Souza Cruz. A eleição da Primeira Presidenta Brasileira, Dilma Rousseff. Na Literatura, temos a escritora negra Conceição Evaristo a ganhar um dos prêmios literários mais aspirados no país, o prêmio Jabuti, além de ser reconhecida em vida pela importância de seu trabalho tanto na Literatura Negra quanto no espaço acadêmico. A consolidação de uma Literatura Indígena produzida e divulgada por autoras e autores indígenas, que possuem grande renome e respeito no ambiente acadêmico contemporâneo, como Eliane Potiguara e Daniel Munduruku.

Assim, felizmente, com a luta e o engajamento dos Movimentos Sociais, temos conseguido, aos poucos, democratizar a sociedade brasileira e promover timidamente a igualdade social. Por isso, é importante pensar que *Lampião da Esquina* é um jornal realizado por parte dos grupos integrantes desses movimentos e também que o projeto *Lampião* contribuiu para a propagação de informações e assuntos relevantes para a população LGBTI, pobre, trabalhadora, negra e entendida como pertencente às minorias sociais. E, assim, essa pesquisa se justifica e se faz emergente dentro de uma Linguística Aplicada em perspectiva Transgressiva.

Esta perquirição teve como objetivo investigar como são performatizadas as identidades de homens gays no jornal *Lampião da Esquina* através da coluna *Bixórdia*. Em razão do jornal contar com o editorial *Opinião* em poucas edições, decidimos por trabalhar com a coluna *Bixórdia*, produzida pelo conselho editorial do tabloide. Sendo assim, tal coluna pode ser compreendida também como uma das propagadoras das ideologias do jornal.

A presente dissertação conta com quatro capítulos. O primeiro deles, *Uma pesquisa gay em Linguística Aplicada Transgressiva*, aborda um pouco sobre o papel da teoria como poder de cura, bem como do porquê o presente trabalho se situa no viés da Linguística Aplicada Transgressiva. O segundo capítulo, *Performances Identitárias*, trata das teorias da performatividade em Judith Butler e Austin, bem como traz a discussão sobre identidades culturais e sociais em Stuart Hall e também reflexões sobre os corpos LGBTI. No terceiro capítulo, *Lampião da Esquina: traçando um perfil*, temos uma breve discussão sobre algumas seções que compuseram o tabloide e apresentaram

reflexões sobre as identidades de homens gays. Dentre elas, se destacam: *Opinião, Cartas na Mesa, Ensaio, Esquina, Entrevista, Literatura, Reportagem, Tendências e Bixórdia*. Sobre esta última, foco deste trabalho, sua discussão ocorre exclusivamente no quarto capítulo, intitulado por “*Vale tudo, né queridinhas?*” *performances gays em Bixórdia*. Neste capítulo fazemos uma apresentação de trechos da coluna que estão presentes em edições do *Lampião*, bem como destacamos a forma como o conselho editorial (ou seja, o tabloide) entendia por ser bicha (gay) no final do século XX.

O jornal *Lampião da Esquina* é uma das grandes raridades que expõem a História da Cultura e Intelectualidade LGBTI brasileira, bem como o seu engajamento para a constituição do que temos de mais vivo e significativo nos sujeitos dos Movimentos LGBTI brasileiros hoje: o orgulho de ser quem somos. Por fim, gostaria de desejar à leitora e ao leitor deste trabalho uma belíssima bixórdia!

Capítulo 1 – Uma pesquisa gay em Linguística Aplicada Transgressiva

Liberdade – essa palavra que
o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!
(Cecília Meireles)

O pesquisador interdisciplinar,
mais do que qualquer outro,
é um nômade, um rei sem reino.
(Faure)

1.1 A Teoria como poder de Cura

Quando bell hooks, ao referenciar o trabalho do mestre Paulo Freire por meio da pedagogia engajada, apresentou o papel fundamental que a teoria pode exercer na formação e na vida do pesquisador, eu me encontrei⁴ (FURQUIM, 2019, p.12). Digo que me encontrei no sentido absoluto de reconhecer que interrogar o mundo e as coisas, em uma visão filosófica aspirante à busca pelas verdades (CHAUI, 2010, p.10), interrogar-se a si mesmo e adentrar-se em um campo de conhecimento requer mais que práticas cotidianas constituintes da performance do fazer acadêmico (FURQUIM, 2019, p.12). Tais indagações exigem do sujeito pesquisador autonomia e liberdade para investigar as narrativas construtoras de uma pesquisa revisitando a própria história.

O autor, ou seja, o sujeito enunciado nesse texto, através do olhar gay, revisita o sujeito descentrado em Hall (2006) e em Butler (2008), ao realizar uma reflexão que perpassa a relação entre Linguagem e Identidade. Diante das discussões sobre interseccionalidade feitas por Hirata (2014) - elencando a relação entre as identidades sociais coexistentes no sujeito -, prosseguimos com as indagações feitas por Furquim (2019, p.12) como um pano de fundo importante para refletir sobre o papel da pesquisa sobre identidade gay e a sua relação com o sujeito que pesquisa.

Logo, é importante refletirmos sobre a importância da pesquisa para o pesquisador e a relação do pesquisador com a sua pesquisa. Mesmo que você deseje pesquisar um objeto e ele não fale diretamente sobre o seu corpo, a escolha, por vezes, traz marcas subjetivas e de uma dimensão de ser interligada ao objeto, de forma que ele passa a ser aquilo a ser descoberto. É como um bebê ao reconhecer a estranheza do mundo e precisa desvendá-lo usando os seus cinco sentidos, sobretudo seu tato, pois necessita de palpá-lo para conhecê-lo. É isso que acontece com o objeto ou *corpus* desta pesquisa. Ele não é um objeto frio e inanimado, como geralmente poderia ser visto, tem um corpo, urge como uma vida, e dialoga com o pesquisador.

O pesquisador e o objeto, então, tornam-se muito próximos, de uma forma que ele, o pesquisador, reconhece que não está investigando uma matéria sem vida e passa assim a ver e viver a sua pesquisa a partir de um plano linguístico, histórico, social, cultural, político e ideológico. O objeto não é mais objeto, é a pesquisa que conversa com o

4 Parte das discussões presentes nesta dissertação foram ensaiadas e registradas na publicação do Cadernos de Gênero e Diversidade, cujo dossiê é intitulado por Gênero e Raça na Educação (I Dossiê GEALI), número especial. O autor, como forma de respeitar a presença da publicação e da revista eletrônica, referenda-as por meio da citação, além de trazer um aprimoramento sobre o que já vinha discutindo. Para uma leitura do ensaio, acesso o link: <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/31914>

pesquisador por meio de seus interlocutores (FURQUIM, 2019, p.13). Por isso, temos que compreender que existe uma relação intrínseca entre a pesquisa, seus interlocutores e o pesquisador (CELANI, 2005), estando assim relacionados, fomentando o processo de pesquisar e conhecer.

Por que escolher esse objeto para pesquisar? Qual é a relação do seu corpo com ele? Perguntas a serem feitas para um pesquisador. Se ele não diz sobre o seu corpo, então o que ele diz sobre você? E se ele disser sobre o seu corpo? O que muda? Como será tudo daqui para frente? Foram essas as perguntas que me fiz nesses últimos anos, além de me perguntar realmente sobre o que estou pesquisando afinal e porque fazer uma pesquisa sobre identidade gay. Assim se espera do mestrado, afinal a carreira de pesquisador ainda é tímida, incerta, sendo que a única certeza que temos é que a pesquisa tem um percurso cheio de inquietações e descobertas.

Este trabalho poderá me possibilitar um pouco mais de conhecimento sobre a História e o percurso dos homens gays no Brasil, um pouco sobre meus antecessores. Nesse sentido, nomear esta pesquisa como gay exige não somente um posicionamento político e linguístico, mas também um compromisso comigo mesmo, com meus colegas de trabalho e com a sociedade. Seguindo essa linha de raciocínio, talvez eu precise ser a teoria na prática. A ideia é sempre essa. Paulo Freire (1996) e bell hooks (2013) já discutiam isso: é preciso viver a teoria. Melhor viver a teoria do que viver somente de teoria. Praticar aquilo que se discute no cotidiano do âmbito acadêmico e não ficar confinado na hipocrisia de um discurso que muitas vezes se contradiz com atos totalmente contrários ao que se exprime pela palavra é fundamental para construirmos uma realidade cheia de mudanças e que proporcione para os outros, e também para nós, uma ética tanto nos atos discursivos quanto nos atos não discursivos do dia a dia dos sujeitos que pesquisam. Afirmar a identidade gay para si mesmo é um grande passo libertador (liberta a dor).

Nesse sentido, para o percurso do mestrado, optei por trabalhar com a coluna *Bixórdia*, presente no jornal *Lampião da Esquina*, uma vez que me identifiquei com o *corpus* selecionado, e também me vi representado pelo trabalho desenvolvido pelo jornal a respeito do público LGBTI. A pergunta de pesquisa que me movimentou a pensar nesta investigação foi: *como são performatizadas, por meio da coluna Bixórdia, as identidades de homens gays presentes no Lampião da Esquina?*

A justificativa da existência de uma pesquisa que possa ser aceita e reconhecida no âmbito acadêmico é a sua relevância e contribuição para o campo, mas o que sempre

passa despercebido, ou é muito pouco refletido pelos colegas pesquisadores, é: qual é a relevância desta pesquisa para a minha formação como sujeito? Posso eu, sujeito, dialogar com a minha pesquisa? Ela poderá dialogar diretamente ou indiretamente comigo? Estarei eu, sujeito, autor deste texto, pronto, formatado, terminado, a ponto de não ser descentrado de meus valores e conceitos sobre normas e sociedade? Ou, como colocou Hall, em uma “celebração móvel” (HALL, 2006)? Isso quando me refiro a uma pesquisa LGBTI de cunho interseccional (com raça, etnia, gênero, classe, sexualidade), por meio da linguagem. Toda pesquisa sobre identidades, no campo da linguagem, precisa passar por essas interrogações. Logo, o método clínico discutido por Diniz (2006) torna-se necessário para pensar a relação do sujeito pesquisador e a pesquisa. Como pontua Diniz:

O dispositivo de pesquisa que se utiliza do método clínico reconhece que o produto da pesquisa contém em si uma parte de desconhecimento, chamando-o como as “zonas cegas”, que são elementos nem sempre nomeáveis, de ordem inconsciente. A implicação da subjetividade do/a pesquisador/a, em suas dimensões consciente e inconsciente, é tratada não como obstáculo à compreensão, mas como um fenômeno a ser reconhecido e trabalhado no processo de produção de conhecimento. (DINIZ, 2006, p.1-2)

A subjetividade do pesquisador e o seu inconsciente, quando revisita a sua própria história, investigando-a, proporciona que ele venha trazer à tona a sua nova concepção sobre si e sobre a sua pesquisa. Temos que reconhecer que o trabalho do pesquisador em Ciências Humanas não possui a finalidade de obter resultados exatos, uma vez que nesse campo entende-se que o homem sempre será um agente em construção e transformação.

Reconhecer que uma investigação possui um impacto histórico e social é valorizar o papel do conhecimento na nossa sociedade e até que ponto ele está tão distante assim do cotidiano. Será que está? Lembro-me de um episódio em que Sócrates, filósofo grego, entrou no Oráculo de Delfos, e a figura da Sibila proferiu ao mesmo o seguinte: *Nosce te ipsum*, que em outras palavras significa “Conhece-te a ti mesmo” (CHAUÍ, 2010). Deparei-me com o inesperado, assim como Sócrates. Portanto, conhecer a si mesmo seria interrogar-se e interrogar o mundo, reconhecer a existência de múltiplas identidades e realidades, e, no meu caso, seria investigar o meu corpo enunciado através de outras histórias e também por meio da alteridade. Ou seja, que história desejo contar ao realizar uma pesquisa sobre os corpos de homens gays?

Pensando assim, a pesquisa pode ser uma invenção, assim como o sujeito. Invenção esta que se reinventa a cada vez que se investigam novas questões que surgem

para uma pesquisa, seja ela sobre identidades de homens gays ou qualquer outra temática. Invenção esta que se reinventa para o sujeito enunciativo deste texto ao se deparar com novos saberes que descolonizam o seu corpo. Ao longo do percurso do mestrado houve mudanças para o desenvolvimento do presente trabalho, o que já se esperava, pois foi feito um levantamento e definição de *corpus* para a constituição do projeto definitivo da pesquisa, elegendo como foco de análise, após o exame de qualificação, a coluna *Bixórdia*. Nesse sentido, pensando na presente pesquisa, a “celebração móvel” do sujeito de Hall (2006) ocorre por meio dos diversos “eus” que estão presentes dentro do *corpus* e representam a(s) minha(s) identidade(s) enquanto pertencente a comunidade LGBTI. Longe do pensamento cartesiano, com o “penso, logo existo”, aspirei investigar a História LGBTI pensando no meu corpo gay e nas estratégias que os Outros, iguais a mim, estabeleceram para sobreviver e reexistir ao longo da recente existência de uma heterossexualidade compulsória, como Judith Butler (2008) ponderou. No que tange ao olhar sobre as identidades sociais, nossas identidades podem ser vistas também como transitórias e contraditórias (LOURO, 2000), pois ora podemos ocupar o lugar de opressores, ora de oprimidos - isso para não dizer quando os dois lugares são ocupados ao mesmo tempo por um só sujeito.

Quando elaborei meu projeto de pesquisa de mestrado, pensei na minha formação como sujeito. Como essas reflexões que me propus a fazer podem contribuir para que eu possa trabalhar as minhas múltiplas identidades e também o meu situar-se na sociedade em um processo de mediação entre o que eu posso contribuir para o mundo com a minha pesquisa *versus* o que já existe pronto e, muitas vezes, oposto ao que me proponho a discutir? Como essas reflexões podem contribuir para que meu pensamento e meu corpo sejam descolonizados dos grilhões que silenciaram muitos homossexuais como eu?

A pesquisa gay, assim posso nomeá-la, aspira contribuir para os estudos que pensam as performances dos sujeitos histórico-sociais e reflete também sobre os impactos que essas performances geram na sociedade. No caso do *Lampião da Esquina*, por exemplo, propus-me a pensar no impacto que as identidades de homens gays, especialmente, e LGBTI expressas pelo jornal, podem ter na nossa sociedade e no processo de transformação da visão social sobre os grupos marginalizados socialmente.

Refletir sobre a construção e performance da identidade gay a partir do que apontam os jornalistas gays no *Lampião* me faz pensar nas múltiplas identidades que os escritores gays possuem e nas múltiplas identidades do homossexual, performatizadas

em seus discursos dentro do tabloide. Partindo dessa perspectiva, minha investigação transdisciplinar, muito comum nas pesquisas sobre identidades sociais, ouve as vozes daqueles que têm, por engajamento político-científico, o papel de discutir saberes próprios de seus grupos; grupos estes que são vistos pelo âmbito acadêmico muitas vezes como historicamente subalternizados: sejam as autorias dos estudos negros, feministas, gays e *queers*, de um modo geral, dentre outros saberes que possam caracterizar-se também como decoloniais, possibilitando assim que meu trabalho se realize em um escopo desconstrucionista.

Uma pesquisa sobre identidades sociais tem como pretensão a descolonização dos corpos e dos saberes ao mostrar que todos os corpos vistos como corpos de minorias (negros, mulheres, gays, lésbicas, transexuais, etc.) não são minorias, pois ao passarem pelo processo de empoderamento, através do conhecimento (seja este conhecimento proporcionado por meio de espaços escolares ou não escolares e grupos de militância, por exemplo), tornam-se corpos emancipados, pois tomam a consciência do seu papel e do seu poder como sujeitos, agora entendidos por si mesmos como politizados e desperçados do papel e importância da reafirmação de suas performances identitárias. Portanto, quando ouço as diversas vozes de sujeitos que falam sobre o meu grupo e o meu corpo, quero me visitar, me reencontrar comigo mesmo e me refazer enquanto sujeito, compreendendo, em diálogo com bell hooks (2013), que a teoria tem o poder de cura.

1.2 A Linguística Aplicada Transgressiva

Situada na terceira linha de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem, “Linguística Aplicada: interfaces entre práticas e teorias”, e inserida na área afim “Linguagem e Identidade”, esta investigação adota conscientemente um posicionamento político-linguístico nos Estudos da Linguagem, tanto pela perspectiva de pesquisa em Linguística Aplicada (doravante LA) quanto pelo *corpus* selecionado para análise, uma vez que, devido ao viés interseccional⁵ presente no jornal e dado ao caráter homoerótico e em tom de humor do *Lampião da Esquina*, ambos possibilitariam que este *corpus* fosse investigado através de uma Linguística Aplicada Transgressiva, cuja proposta, por meio da transdisciplinaridade, é não estabelecer fronteiras entre os saberes, estando sempre em movimento tanto no processo de pensar a teoria quanto a prática de forma interligada (PENNYCOOK, 2006).

Granetto-Moreira (2015) apresenta de forma breve algumas reflexões e implica-

5 Trabalha com diversas discussões, a partir de uma homomilitância.

ções sobre a transdisciplinaridade da Linguística Aplicada, e a relação do linguista aplicado com a sua área de estudo. Logo, me surge uma breve ideia de qual seja sua identidade, ou melhor, de quem é o linguista aplicado. Refletir sobre a sua natureza (mesmo sendo os linguistas aplicados tão diversos e assim as questões em que atuam também o são), antes de tudo, é refletir também sobre sua área de atuação. Não podemos pensar que a Linguística Aplicada seja uma área INdisciplinar (MOITA LOPES, 1998) sem compreender que a área (que se faz humana com a participação ativa de sujeitos, seja em uma pesquisa etnográfica ou não) não é um campo abstrato e que não necessita da existência de agentes para constituí-la e transformá-la, como vem ocorrendo nas últimas décadas.

Afinal de contas, quem é o linguista aplicado? O que faz com que a sua presença, ou melhor, o seu corpo esteja inserido politicamente como presente e vivo dentro do campo da LA? Não haveria definição melhor para se pensar na identidade do linguista aplicado e também no campo INdisciplinar da LA do que aquela que Faure (1992) escreveu: O pesquisador interdisciplinar, mais do que qualquer outro, é um nômade, um rei sem reino.

Esse “rei sem reino”, antes de tudo, precisa pensar na sua pesquisa com um retorno social e, para isso, o seu trabalho necessita de dialogar com várias outras áreas, portanto a interdisciplinaridade, numa perspectiva transdisciplinar, se faz necessária para que as mais diversas teorias possam investigar e analisar o objeto em foco, como se expressa nessa pesquisa o riquíssimo *corpus* de *Lampião da Esquina*.

Moita Lopes (1998) afirma que a pesquisa em LA “ocorre no contexto de aplicação” e que por isso, segundo o autor, não há aplicação em LA. Nesse sentido, o campo da LA se repensa, tanto ao beber de outras fontes do conhecimento quanto ao produzir conhecimento dentro de si. Rajagopalan (2006), ao criticar a Linguística Teórica, afirma que é preciso repensar o papel da Linguística Aplicada não como aquela que aplica as teorias que a Linguística “Mãe” produziu, mas sim como aquela que é independente da Linguística “Mãe”, ou melhor dizendo, da Linguística Teórica, uma nova área. A justificativa, que também é apresentada por Moita Lopes (1998), é aquela que já pontuei: trata-se de uma área transdisciplinar. Rajagopalan (2006) pontua sobre a necessidade de moldamos a teoria com base nas necessidades da prática. É exatamente aquilo que também foi colocado acima, nem toda teoria vai ser capaz de suprir as necessidades do objeto de estudo, muitas vezes precisaremos de mais de uma teoria para abarcar uma só questão e por isso o nosso estudo dialogou com outros campos de conhecimento. Rojo

(2006) coloca a transdisciplinaridade como a “leveza de pensamento” da LA. A autora diz que:

A densidade, a relevância e, muitas vezes, a urgência dos problemas postos à LA (o peso da *privação sofrida*) exigem uma *leveza de pensamento* capaz de articular, de maneira dialógica e eficaz, os saberes de referência a sua interpretação e resolução. (ROJO, 2006, p.259)

Nada mais sensato do que inferirmos que a transdisciplinaridade é uma constituição característica da INdisciplina em LA, e cabe aos “reis sem reino” repensarem o papel da área com um retorno social de forma que contribua para o desenvolvimento dos mais diversos segmentos sociais. Ao visitar as discussões sobre a constituição do campo da LA, seja em um viés crítico (MOITA LOPES, 2006) ou transgressivo (PENNYCOOK, 2006), o presente trabalho dialoga com os autores citados ao pensar sobre como são performatizadas as identidades de homens gays no jornal *Lampião da Esquina*. Uma vez que um campo mestiço e INdisciplinar (MOITA LOPES, 2006) instiga a reflexão sobre a construção e representação de identidades gays, este trabalho foca nas construções discursivas das identidades supracitadas, com a finalidade de destacar a construção delas a partir do que se compreende como identidades sociais subalternizadas de raça, etnia, gênero, classe e sexualidade, por exemplo. Portanto, foi importante que este estudo fosse desenvolvido neste campo uma vez que se realiza uma interface entre Linguística Aplicada e os estudos de Linguagens e Identidades por meio das questões sociais e a partir de uma perspectiva discursivo-social de identidades sociais performativas.

No ano de 2006, ao introduzir o livro *Por uma Linguística Aplicada INDISCIPLINAR*, Moita Lopes (2006, p.14) aponta para a existência de uma LA mestiça, “obviamente de natureza interdisciplinar/transdisciplinar”, em que ele, e muitos outros pesquisadores da área, já vinha atuando. Um caráter que definiria a qualidade de mestiçagem para o campo da LA seria o fato dos estudiosos “tentarem criar *inteligibilidade sobre os problemas sociais em que a linguagem tem um papel central*” (LOPES, 2006, p. 14, grifo do autor), sendo assim, passa-se a ser de interesse da nova face da LA as questões sociais, estando estas indissociáveis dos sujeitos, uma vez que é da índole de uma LA mestiça relacionar a teoria com a prática na vida cotidiana e possibilitar também que este campo de conhecimento tenha uma função social mais engajada e ativa na vida dos sujeitos.

O autor aponta que a LA é caracterizada como a “outra linguística” (MOITA

LOPES, 2006, p.16), o que podemos inferir que seja uma discussão de amplo debate, uma vez que, conforme Moita Lopes (2006, p.16), “trata-se, na verdade, de uma área que é fonte de perplexidade para muitos colegas de outros campos dos chamados estudos linguísticos (cf. Moita Lopes, 2004)”. Em seguida, Moita Lopes (2006, p.16) afirma que “as relações com a linguística têm sido fonte de constante indagação e confusão, uma vez que a lógica da linguística [...] não funciona diante dos princípios que caracterizam a investigação em LA (cf. Signorini, 1998a).”

Ao longo da introdução do livro, Moita Lopes (2006) exprime que a LA “contemporânea” é um campo que se repensa constantemente. No Brasil, a pesquisa em LA tem se desdobrado para além dos contextos de salas de aula de línguas, expandindo-se também para empresas, clínicas de saúde, delegacia de mulheres, mesmo que “ainda predominem aspectos referentes à educação linguística” (MOITA LOPES, 2006, p.19). O fato do campo da LA ter se expandido nas últimas décadas para outros espaços e *corpus* de investigação, que não sejam exclusivamente salas de aulas de línguas, é um reflexo do desenvolvimento do campo, uma vez que ao se preocupar com as questões sociais e a vida cotidiana, a LA, em seu viés transgressivo, aponta para todos os caminhos em que estejam presentes sujeitos e suas identidades sociais (PENNYCOOK, 2006).

Tal possibilidade estabelece uma relação entre a prática e a teoria, por se projetar e expandir para todo o universo social, fundamentando, assim, o presente estudo, tendo em vista que sujeitos e identidades sociais estão presentes, situados e projetados não somente em instituições escolares, delegacias de mulheres e empresas (PENNYCOOK, 2006) e também em artefatos culturais, a exemplificar o jornal *Lampião da Esquina*, que foi produzido por um grupo de homens gays brasileiros do século XX. Uma LA Transgressiva torna-se uma LA “contemporânea” ao considerar as implicações das viradas linguística, somática e performativa.

Aceita que tenhamos de confrontar a crise da representação na vida acadêmica ocidental, que dúvidas radicais foram lançadas sobre a representação realista e que necessitamos compreender o papel do discurso na constituição do sujeito, de um sujeito múltiplo e conflitante, e a necessidade de reflexividade na produção do conhecimento. Ao mesmo tempo, ela reconhece que o idealismo logocêntrico que enfatiza demais o discurso deixa de considerar os modos pelos quais a ordem social não é somente linguagem, textualidade e semiose, mas é também corpórea, espacial, temporal, institucional, conflitante, marca pelas diferenças sexuais, raciais e outras. A virada somática nos permite refocalizar a corporeidade da diferença, ao passo que a virada performativa sugere que as identidades são formadas na *performance* linguística e corporificada, em vez de ser pré-dada; Isso também fornece a base para considerar as línguas de uma perspectiva antifundacionalista, pela qual o uso da linguagem é um ato de identidade que possibilita a existência da língua.

Esses são conceitos de interesse para uma nova era de LA transgressiva. (PENNYCOOK, 2006, p.83)

Esse sujeito múltiplo e conflitante apontado acima torna-se alvo de investigação em diversos campos das Ciências Sociais, inclusive na LA, pois pertencente ao universo social, é ele quem o constrói e reconstrói e, ao mesmo tempo, refaz a si incessantemente por meio de ações discursivas. Conforme Pennycook (2006, p.78), “as compreensões do papel do discurso na constituição do sujeito, do sujeito como múltiplo e conflitante, da necessidade de reflexividade na produção do conhecimento estão vagarosamente começando a emergir na LA”, e por isso que as viradas linguística, somática e performativa contribuem para o campo, uma vez que passamos a compreender que o sujeito e a sua multiplicidade de identidades não são de origem biológica ou pré-definidas no nascimento. O sujeito passa e repassa por diversas formações discursivas que (re)constituem as suas múltiplas identidades performativas, conflitantes ou não (conforme aponta a virada linguística).

A virada somática nos apresenta que o corpóreo também influencia na ordem social, e que o corpo constitui e é constituído pelo discurso (ligação com a virada linguística), estando situado em um espaço e tempo e constituindo a diferença (entre os corpos, entre os sujeitos). Já a virada performativa aponta uma performance linguística e corporificada, constituinte do sujeito. É a reprodução contínua de atos performativos (corpórea e linguisticamente) que institui a constituição das identidades do sujeito.

As viradas linguística, somática e performativa influenciaram tanto nas novas concepções sobre sujeito quanto na nova face e nos novos interesses da LA, instigando a constante reformulação de uma área que se preocupa cada vez mais com questões sociais e que são emergentes para a vida contemporânea. E dessas questões sociais emergentes, temos sujeitos e grupos sociais vistos muitas vezes como subalternizados, ou as ditas minorias, que passam de forma *sui generis* a serem alvo de investigação e participação em pesquisas na LA contemporânea (e transgressiva), afinal, é de suma importância para uma investigação em LA que a pesquisa não fale apenas sobre os grupos étnico-raciais, LGBTI, educacionais, surdos e de camadas populares, por exemplo, sendo necessário e importante conversar com esses grupos. Isso, quando a pesquisa não é produzida por sujeitos pertencentes aos grupos citados acima, como é o caso do presente trabalho. No passo em que a pesquisa tem o papel de frutificação, esta ratifica a sua função social, tanto para os sujeitos investigados quanto para o sujeito que investiga, tendo em vista que a pesquisa possibilita impactos nas vidas de todos os sujeitos envolvidos.

Moita Lopes (2006, p.19, grifo do autor) aponta que essa nova perspectiva do campo “tem levado à compreensão da LA não como conhecimento disciplinar, mas como INdisciplinar (Moita Lopes, 1998) ou como *antidisciplinar* e transgressivo (Pennycook, 2001 e neste volume)”. Por isso a defesa feita por Faure (1992) de que o pesquisador transdisciplinar é um “rei sem reino” se justifica como uma característica identitária de quem atua no campo, uma vez que a LA não deve ser vista como uma disciplina, sendo totalmente contrária a ideia de disciplinarização de saberes, e sim como um campo cuja amplitude se entrecruza com diversos saberes, e nesse processo de entrecruzamento há a noção de transgredir fronteiras, indo para além dos “limites” postos por uma noção de ciência positivista.

No entanto, foi certamente o viés de interdisciplinaridade que causou mais impacto no desenvolvimento da LA contemporânea. E é esse viés que leva à formulação de uma LA mestiça ou nômade, que, provavelmente, causa mais desconforto nos círculos de estudos linguísticos a que já me referi como também nos próprios formuladores da chamada LA “normal”, que entendiam interdisciplinaridade com base em uma disciplina-mãe, a linguística (ou seja, interdisciplinaridade *pero no mucho!*). (MOITA LOPES, 2006, p.20, grifo do autor)

A provocação de Moita Lopes (2006), e ao mesmo tempo afirmativa, é de que a LA não é um campo filiado à Linguística Teórica, denominada por “linguística-mãe” (MOITA LOPES, 2006, p.20), e sim uma nova área que é independente da Linguística Teórica. Não se trata de um campo de estudos que bebe única e exclusivamente de teorias produzidas pela Linguística Teórica. Trata-se de um campo que produz teoria e realiza pesquisas em contextos de aplicação, dialogando com diversas áreas. A diferença entre ambas, afinal, é que a LA utiliza a interdisciplinaridade, sempre repensando suas agendas políticas e os sujeitos envolvidos. E essa noção interdisciplinar aponta para uma área vista como “mestiça ou nômade” (MOITA LOPES, 2006, p.20).

No entanto, Celani (1998:142), sabiamente pergunta: ‘Há lugar para reinos no domínio de saber?’. Essa indagação encerra em si um desafio para as formas tradicionais de organização do conhecimento em “igrejas” na academia, por assim dizer, nas quais não se pode entrar sem obter permissão ou visto. (MOITA LOPES, 2006, p.19)

Essa noção de caixinhas, de fixidez nos campos do conhecimento, criticada acima, aponta o que não é característico da LA. Quando temos uma noção de transgressividade para este campo, temos também uma transdisciplinaridade (transgredindo disciplinas) e uma interdisciplinaridade (relação entre disciplinas), produzindo-se saberes que passeiam pelos campos de conhecimento e, ao mesmo tempo, estão situados em

uma área INdisciplinar, logo temos a existência de uma LA no seu viés contemporâneo (transgressivo).

Moita Lopes (2006, p.21), ao intitular a LA como INdisciplinar, aponta a presença de uma LA que não seja apenas mestiça e também ideológica. É no contexto da ideologia que o autor (MOITA LOPES, 2006, p.22) ratifica a ideia de que:

Politizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA. Assim, a LA necessita da teorização que considera a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem na constituição da vida social e pessoal (cf. Pennycook, 2001; Moita Lopes, 2002).

O que configura essa LA contemporânea em “novos tempos, novas teorizações” (MOITA LOPES, 2006). Tempos que questionam os ideais de modernidade, reescrevendo-os, sobretudo aqueles que discutem a noção de sujeito social homogeneizado, apontando assim suas múltiplas identidades sociais e a presença de um corpo produtor de conhecimento e que apresenta uma história, uma classe social, um gênero, uma orientação sexual, raça, etnia, dentre outras identidades sociais (MOITA LOPES, 2006, p.21-22). É dentro dessa discussão que refletir sobre as performances identitárias de homens gays na coluna *Bixórdia*, do *Lampião da Esquina*, foi possível por meio de uma Linguística Aplicada Transgressiva, uma vez que se trata de uma área mestiça e ideológica (MOITA LOPES, 2006, p.25-26). Fazer pesquisa em LA é fazer política por meio da linguagem com os corpos, para os corpos e pelos corpos identitários. Lembra-se de quando mencionamos, na introdução deste trabalho, que ter a presença de uma orientadora negra e de um orientando gay na realização de uma pesquisa seria fazer política por meio da linguagem? Agora, mais do que certo, pensar essa pesquisa como uma perquirição através da Linguística Aplicada é performatizar o próprio ato de fazer política por meio da linguagem.

Pennycook (2006, p.67) entende a Linguística Aplicada Crítica (LAC) “como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos [...], prefiro (o autor) compreendê-la como uma antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador”. Assim, o autor coloca o campo da Linguística Aplicada Crítica como um campo dinâmico (PENNYCOOK, 2006), compreendo a LAC bem além de uma dimensão crítica à LA, uma vez que “possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses, tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou a reprodução da alteridade” (PENNYCOOK, 2006, p. 68), tópicos até então não considerados interesses

da LA. É o seu olhar crítico que (ao estabelecer um debate sobre o campo da LA) estimulará o surgimento do viés transgressivo.

Capítulo 2 – Performances Identitárias

O gato preto cruzou a estrada
Passou por debaixo da escada
E lá no fundo azul
Na noite da floresta
A lua iluminou
A dança, a roda, a festa...
Vira! Vira! Vira!
Vira! Vira!
Vira Homem
Vira! Vira!
Vira! Vira!
Lobisomem
Vira! Vira! Vira!
Vira! Vira!
Vira Homem
Vira! Vira!...
Bailam corujas e pirilampos
Entre os sacis e as fadas
E lá no fundo azul
Na noite da floresta
A lua iluminou
A dança, a roda, a festa...
(O Vira, João Ricardo e Luhli
na voz de Ney Matogrosso⁶)

⁶ Link para acesso: <<https://www.youtube.com/watch?v=noX16UOg6yU>>

2.1 Linguagem & Performances Identitárias

Com uma visão performativa das ações discursivas sociais das identidades gays, é possível identificar como se constroem e se representam, ou melhor, como se performatizam as identidades dos homens gays. O trabalho de Austin (1962) sobre a visão performativa da linguagem estabelece importante conexão com a presente investigação, uma vez que por meio da ação discursivo-social presente no texto jornalístico do *Lampião da Esquina* é possível identificar a construção e representação das identidades supracitadas a partir de uma visão performativa da linguagem e de como esta age em nosso cotidiano para mudar e construir realidades. Neste contexto, faz-se importante o conceito de ação discutido por Austin (1962). O filósofo da linguagem salienta que o próprio ato de fala é uma ação, logo, este possui um efeito performativo.

Retomando a questão da originalidade do pensamento de Austin, um outro conceito é fundamental para a sua compreensão, o de ação. Ação, para Austin, tem um significado muito preciso pelo fato de ser um dos elementos constitutivos da performatividade. Para ele, a ação é uma atitude independente de uma forma linguística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação. (OTTONI, 2002, p.129)

Nesse sentido, o estudo da teoria da performatividade (AUSTIN, 1962) interligado ao estudo do discurso como ação (MOITA LOPES, 2006) é importantíssimo para se repensar as identidades sociais de homens gays (ou também podemos nomeá-las de identidades performativas gays), inferindo como estas se constroem e, por sua vez, como são performatizadas no *Lampião da Esquina*. É prudente afirmar que a língua constitui a linguagem e, nessa relação entre língua e linguagem, temos o contexto como fator elementar para a constituição de discursos e práticas linguísticas e sociais, em que o sujeito se situa e se realiza em alguns momentos como sujeito dizente e em outros momentos como sujeito ouvinte. E nesse processo de interação, em que diferentes textos são construídos em diversos contextos, temos o sistema linguístico projetado e realizado por uma sistemática dotada de regras e, em momentos de reinvenções, transgressões dessas regras. É assim que se sucede com as performances discursivas, que são textos produzidos por sujeitos dizentes e que veiculam discursos que possuem uma ideologia e um impacto sobre o outro que o recebe.

Tendo em vista esta discussão, traremos, mais à frente, as indagações relativas à teoria da performatividade austiniana, e, *a posteriori*, a discussão sobre a performance de gênero, que se constitui como outra base teórica fundamental para essa pesquisa. Enquanto isso, discutir sobre essas questões nos faz reconhecer que ao tocarmos

[...] uns aos outros na linguagem parece particularmente difícil numa sociedade que quer que acreditemos que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é ser inferior; pois dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, ideias são sempre mais importantes que a linguagem. (hooks, 2008, p.863)

A língua, através da linguagem, é o meio pelo qual nós, sujeitos, nos tocamos. Ao reconhecermos que é por meio da linguagem que podemos nos tornar sensíveis com discussões importantes como a que se apresenta nesse capítulo, e também no decorrer dessa dissertação, acreditamos que, enquanto sujeitos, estamos em processo de mudança. Desse modo, julgamos que essa pesquisa possa se configurar como um trabalho que contribua para que novos olhares sejam lançados sobre a homossexualidade no Brasil. Pensar sobre o papel das construções identitárias de homens gays em um jornal de Imprensa Livre, que reflete sobre o universo LGBTI brasileiro, é um trabalho que exige um comprometimento e respeito não somente com a pesquisa e com o *corpus*, mas também com os futuros sujeitos que entrarão em contato com essa pesquisa.

Diante do exposto, um dos pontos necessários para pensarmos sobre o assunto é o que aponta Austin (1962) sobre a teoria dos atos de fala. O autor se interessa pela linguagem ordinária, uma vez que ela traz em si questões reais da linguagem que está em uso. Trata-se de questões extraídas de um contexto real, em que há agentes produtores e receptores de discurso. Desse modo, a sua teoria vai alavancar para uma discussão sobre a performance dos atos de fala, compreendendo que cada palavra, cada discurso produzido pelo falante, pratica uma ação que é fundamental para ser compreendida pelo seu receptor. O filósofo de Oxford introduz, então, no campo da filosofia analítica e no campo dos estudos linguísticos, os conceitos de performativo, ilocucionário e atos de fala (OTTONI, 2002, p.119-120). A performance está associada com os gestos produzidos por meio do discurso e o ato de fala é a realização desses gestos por meio de uma força ilocucionária. Nesse sentido, Austin pode ser visto, em tese, como um “desconstrutor” de um pensamento filosófico tradicional, bem como de uma linguística também tradicional (OTTONI, 2002, p.121-122), como a linguística teórica se faz, ao diferir da Linguística Aplicada.

As mudanças que ocorrem nessas linhas de pensamento se fazem evidentes por meio das discussões sobre performativo-constativo, além das noções de verdadeiro e falso, propostas pelos estudos do filósofo de Oxford (OTTONI, 2002). Paulo Ottoni (OTTONI, 2002, p.121-122) pontuou que “Austin apresenta uma nova abordagem da linguagem” que pode ser nomeada por “visão performativa”. Essa nova visão é a de

que o ato performativo é um ato performativo-constativo, pois, por si só, performa e pratica uma ação. Em uma de suas conferências, transcritas pelos seus alunos, Austin traz alguns exemplos sobre o ato de fala performativo. Vejamos alguns usados pelo pragmático:

Exemplos:

- (a) “Aceito (scilicet), esta mulher como minha legítima esposa” – do modo que é proferido no decurso de uma cerimônia de casamento.
- (b) “Batizo este navio com o nome da Rainha Elizabeth” – quando proferido ao quebrar-se a garrafa contra o casco do navio.
- (c) “Lego a meu irmão este relógio” – tal como ocorre em um testamento.
- (d) “Aposto cem cruzados como vai chover amanhã.” (AUSTIN, 1962, p.24)

Segundo o autor, ao proferir essas sentenças acima em um contexto apropriado, não estamos descrevendo o ato e muito menos o declarando, estamos, na realidade, fazendo-o. Sendo assim, não é possível julgar que tais afirmações são verdadeiras ou falsas, uma vez que estão situadas dentro de um contexto e são performatizadas pelos sujeitos que possuem legitimidade para produzir tal discurso naquele momento (AUSTIN, 1962).

O termo “performativo” será usado em uma variedade de formas e construções cognatas, assim como se dá com o termo “imperativo”. Evidentemente que este nome é derivado do verbo inglês *to perform*, verbo correlato do substantivo “ação”, e indica que ao se emitir o proferimento está – se realizando uma ação, não sendo, consequentemente, considerado um mero equivalente a dizer. (AUSTIN, 1962, p.25)

Nesse sentido, dizer é antes de tudo fazer. Ao fazermos uma aplicação desse conceito teórico sobre a palavra “bicha”, frequentemente empregada pelo jornal *Lampião da Esquina*, podemos inferir que, quando o tabloide expressivamente a traz, é, sobretudo, para construir uma nova visão sobre os corpos de homens gays na sociedade brasileira daquela época, sobretudo quando estamos situando o jornal dentro de uma Imprensa Livre e Gay em um período cujas questões políticas e sociais a respeito da liberdade de expressão, por exemplo, estão efervescendo. Logo, a Imprensa Gay Brasileira possibilita a desconstrução de estereótipos e preconceitos sobre os corpos LGBTI ao promover o debate e a enunciação constante sobre a palavra “bicha” de forma positiva. Ainda sobre o conceito de ação, Austin (1962) pondera:

Até aqui, tudo bem. Uma ação pode ser realizada sem a utilização do proferimento performativo, mas as circunstâncias, incluindo outras ações, sempre têm que ser apropriadas. Mas podemos, ao fazer uma objeção, ter em mente algo totalmente diferente e desta vez bastante equivocada, especialmente quando pensamos em alguns dos performativos mais solenes, tais como

“Prometo...”. Por certo que estas palavras têm de ser ditas “com seriedade” e de modo a serem levadas “a sério”. Embora um tanto vago, isto é, bem verdade de modo geral, e é também um importante lugar comum em que toda discussão que envolva um proferimento. Não devo estar, digamos, pilheriando ou escrevendo um poema. Mas temos a tendência a pensar que a seriedade das palavras advém de seu proferimento como (um mero) sinal externo e visível, seja por conveniência ou outro motivo, seja para fins de informação, de um ato interior e espiritual. Disto falta pouco para que acreditemos ou que admitamos sem o perceber que, para muitos propósitos, o proferimento exteriorizado é a descrição verdadeira ou falsa da ocorrência de um ato interno. (AUSTIN, 1962, p.27)

Neste momento, o filósofo de Oxford explana que um ato de fala exteriorizado advém, verdadeiramente ou não, de um ato de fala interno, que ocorre primeiramente dentro do sujeito. Ao contrário ao que discute Searle, na visão de Ottoni (2002), Austin apresenta uma relação intrínseca entre o campo da Filosofia e o campo da Linguagem. Já Searle vai distinguir essa relação (OTTONI, 2002). Essa discussão contribui e muito para refletirmos mais a fundo sobre os estudos pragmáticos, sobretudo a respeito da teoria dos atos de fala, uma vez que podemos pensar que estes estudos se embebedam de diversos campos para se constituírem – no caso, em questão, o campo da Filosofia e o campo da Linguagem, havendo, até certo ponto, uma miscigenação entre os campos, constituindo o campo de estudos em Filosofia da Linguagem. Há um questionamento de Austin sobre a existência ou não de uma fronteira entre o campo da Linguística e o campo da Filosofia e que devemos ressaltar:

Onde está a fronteira? Há uma em alguma parte? Você pode colocar esta mesma questão nos quatro cantos do horizonte. Não há fronteira. O campo está livre para quem quiser se instalar. O lugar é do primeiro que chegar. Boa sorte ao primeiro que encontrar alguma coisa. (AUSTIN, 1962, p.134)

Pensar que a linguagem não pode ser compartimentada e institucionalizada nos leva a considerar que, por meio dela, a filosofia é constituída, ou seja, os diversos saberes filosóficos e, também, linguísticos vão ser construídos na linguagem. Nesse sentido, a vemos como um meio de mediação, ou melhor, um rio fluído em que diversos campos do saber se embebedam de sua água para se fazerem e, ao mesmo tempo, se desterritorializam, uma vez que é por meio da linguagem que se fundem, como acontece com o campo da Filosofia da Linguagem, supracitado anteriormente. Um outro ponto discutido por Austin (1962) na teoria da performatividade é a relação entre o sujeito e o objeto linguístico. A relação entre ambos na teoria dos atos de fala é uma relação de cumplicidade, conforme Ottoni (2002) pontuou, uma vez que o objeto nomeado é o linguístico e o sujeito dito é o do discurso. O sujeito do discurso é aquele quem está performatizando um ato de fala, logo, está praticando uma ação. A performance da ação e o sujeito que a

prática fundem-se, tornando-se, assim, sujeito e objeto de uma só entidade linguística de análise do que está sendo realizado. Prosseguindo com as discussões de Austin (1962) sobre os atos de fala, o filósofo estabelece uma reflexão sobre a questão do performativo-constativo. Conforme Ottoni:

À medida que Austin opõe, num primeiro momento, o enunciado constativo ao performativo fazendo uma distinção entre o verdadeiro e o falso, ele já tinha em mente todo o ataque que faria ao enunciado constativo. Austin assume que nas *afirmações* é possível encontrar as propriedades *verdadeiro* ou *falso*, e que estas propriedades não serão encontradas nos enunciados *performativos*. É interessante observar de que modo a questão da referência, da relação linguagem-mundo, está presente na sua afirmação. Nos enunciados *constativos* há, “filosoficamente”, um tipo de referência; já nos enunciados *performativos*, esta mesma noção “filosófica” não pode ser aplicada, porque estes últimos, segundo ele, realizam uma ação, e aqui a referência é de outro tipo. (OTTONI, 2002, p.127-128)

No decorrer das discussões sobre performance e atos de fala, Austin (1962) conclui que todos os atos de fala são performativos porque realizam uma ação, no entanto, as suas discussões acabam estabelecendo uma relação com os estudos de Grice. As máximas de Grice apresentam as condições de felicidade e infelicidade para o performativo, como colocou Ottoni (2002). O filósofo de Oxford defende que o ato de fala é composto por três atos simultâneos: o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário. Na leitura de Ottoni:

[...] um *ato locucionário*, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar em que se dá a significação no sentido tradicional; um *ato ilocucionário*, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado, por exemplo, o *ato de promessa*, que pode ser realizado por um enunciado que se inicie por *eu prometo...*, ou por outra realização; por último, um *ato perlocucionário*, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor. (OTTONI, 2002, p.127-128)

Por meio destes atos, ainda na visão de Ottoni (2002), estabelece-se, então, a distinção entre sentido e força, tendo em vista que o ato locucionário é a produção do sentido oposta à força do ato ilocucionário. Já o ato perlocucionário se distingue dos dois por ser a produção de um efeito sobre o interlocutor. A ação, na ótica austiniana, é a própria performance, uma vez que ela constitui a performatividade. Sendo assim, a fala do sujeito é a sua ação, que gera impactos discursivos para o seu interlocutor.

Nesse contexto, para pensarmos a relação entre texto e contexto, em nível de exemplificação, podemos estabelecer um paralelo entre a performatividade, presente nos estudos pragmáticos austinianos, e os elementos de textualidade, situados dentro das discussões da Linguística Textual. Toda produção linguística, uma vez que é perpassada

pela linguagem, torna-se um texto. Todo texto, para ser compreendido, precisa ter dois elementos básicos para a sua constituição: a coesão, uma materialização linguística e formal da língua, e a coerência, a matriz de onde surge a coesão (COSTA VAL, 2006). Dentre os demais elementos, temos: a situacionalidade, que são as condições em que o texto e o seu discurso são produzidos; a intencionalidade, que se refere à intenção do produtor do texto em atingir o seu leitor; a intertextualidade, que estabelece uma relação desse texto ou não com outros textos e discursos precedentes a ele, também relacionada com a polifonia: diversas vozes presentes no texto; a aceitabilidade, que é a forma como esse texto e discurso é aceito pelo seu leitor; e por último, tão importante quanto os outros elementos, é a informatividade, ou seja, a informação veiculada por meio do texto.

Fazendo uma relação entre performatividade e a constituição textual do texto produzido pelo sujeito, podemos pensar que este sujeito pensa no seu leitor/ouvinte (intencionalidade) produzindo um texto (oral/escrito) coeso e coerente, veiculando uma informação (informatividade) por meio de uma performance linguística, tendo em vista que há um ato de fala no meio do discurso do produtor do texto, logo, a aceitabilidade do discurso (a forma como ele repercute) está associada com a intenção do produtor do texto, e, para isso, ele usará das diversas vozes presentes em textos precedentes ao que irá pronunciar (relação intertextual) para atrair a atenção do seu leitor/ouvinte dentro de uma situação (situacionalidade) presente em um determinado contexto (VAL, 2006).

Expondo essa reflexão, podemos pensar que a performance do ato de fala presente em qualquer texto, seja oral ou escrito, produz uma ação que nada mais é que a força discursiva social do sujeito que enuncia aquele discurso. Logo, podemos inferir que quando estamos dizendo alguma coisa, estamos fazendo, construindo um mundo, um universo com as palavras, pois elas geram impactos e constroem realidades, tanto para quem as produz quanto para quem as acessa. No caso dessa pesquisa, os textos veiculados na coluna *Bixórdia* exercem certo ato performativo em seus leitores de forma que eles se sentem correspondidos ou não com o jornal. O sucesso foi tão grande que os leitores davam retorno para o tabloide por meio de bilhetes e cartas que eram posteriormente veiculadas e respondidas na seção *Cartas na Mesa*.

No que tange a essas realidades, convém refletirmos que elas são construídas sobre um contexto. Se as palavras e a linguagem, de um modo geral, constroem um mundo, o mundo também é construído pelas palavras e pela linguagem, nesse sentido, a realidade se constitui e é inventada a partir desse contexto em que há a performance linguística e a produção de uma ação discursiva por meio de um ato de fala.

O contexto é uma categoria de grande relevância, pois ele é um grande influenciador e, ao mesmo tempo, é influenciado pela língua, uma vez que as realidades se constroem nessa relação entre o texto (a língua) e o contexto. Para pensarmos mais a fundo sobre essa discussão, não podemos deixar de mencionar as indagações de Blommaert (2008), que vai criticar as reflexões sobre o contexto a partir dos trabalhos em análise crítica do discurso e análise conversacional. Esses trabalhos embebedam-se de uma reflexão limítrofe sobre contexto ao analisarem o que está por detrás do discurso. Para Blommaert (2008, p. 92), “as tendências críticas na análise do discurso enfatizam a conexão entre o discurso — conversação, texto, fala — e a estrutura social.” Desse modo, elas posicionam essa dimensão do crítico na intersecção entre o discurso e a sociedade, pensando na estrutura social que deve ser vista e entendida como contexto (BLOMMAERT, 2008, p.92). Logo, ao refletirmos sobre a composição dessas estruturas, compreenderemos a interferência delas na construção de textos e na veiculação de discursos por meio deles que é de extrema importância para concebermos a produção das ideologias veiculadas através dos discursos e, conseqüentemente, refletirmos sobre os impactos discursivos dessas ideologias (o ato de fala visto como performativo) por meio de uma recepção da produção desses textos.

Por traz do discurso veiculado no texto, podemos, por exemplo, identificar as relações de poder estabelecidas entre o sujeito dizente e o sujeito ouvinte e também como são construídas essas relações. Conforme Blommaert (2008, p.95), “as relações de poder são sempre pré-definidas e, em seguida, confirmadas por traços de discurso (às vezes, de forma bastante questionável — cf. Verschueren, 2001).” No entanto, para identificarmos com mais precisão as relações de poder presentes no discurso veiculado no texto, temos que nos atentar para o contexto em que ele é situado.

Na concepção de Blommaert (2008, p.102), pensar em contexto é colocar os instrumentos linguísticos e as habilidades comunicativas como recursos. Recursos que, nessa discussão, são os diversos modos de falar, entonação de voz, e a projeção das variantes linguísticas como registros em textos escritos, como, por exemplo, os que possuem total diferença para se identificar o gênero do sujeito, sua faixa etária, a região de onde vem, dentre outros elementos que, vistos como recursos, constituem o contexto e situam o sujeito dizente dentro do texto.

Os recursos e a forma como eles funcionam enquanto elementos da estrutura social são freqüentemente contextos “invisíveis” em análise do discurso. [...] Observar questões ligadas aos recursos garante que qualquer fragmento de

uso da linguagem seja contextualizado socialmente, de forma profunda e fundamental; conexões entre a fala e a estrutura social seriam então *intrínsecas*. Ao mesmo tempo, o papel de formação contextual dos recursos vai além da ocorrência de textos individuais ou fragmentos de discurso (BLOMMAERT, 2008, p.106).

Os recursos vistos como contextos “invisíveis”, se passados a serem percebidos pelo leitor, serão bem mais apreciados e contribuirão bastante para que se compreenda a relação comunicativa entre o sujeito dizente (produtor do texto / do ato de fala = projeção do ato de fala) e o sujeito ouvinte (receptor do texto = quem sofre o impacto de fala / efeito da ação performática), o que, em minha concepção, nos instiga a conceber o contexto comunicativo a partir da adoção de um olhar mais atencioso e capaz de se situar dentro das conexões básicas entre a fala e a estrutura social, contribuindo de forma significativa para a construção do seu sentido.

Blommaert (2008) critica a forma como diversos estudiosos têm trabalhado as questões de contexto, seja na análise crítica do discurso ou na análise conversacional, apresenta a origem da sua visão sobre o fator contexto:

Minha perspectiva vem da etnografia — a consciência de que o discurso é contextualizado em cada fase da sua existência e que todo ato de produção, reprodução e consumo de discurso envolve mudanças contextuais (Silverstein & Urban, 1996; Philips, 1998). Ao estudar o discurso e a estrutura social, esse movimento do discurso através dos contextos parece ser uma empreitada crítica crucial, uma vez que contém importantes aspectos de poder. (BLOMMAERT, 2008, p.110)

Pensar nas relações entre texto e contexto, a partir da etnografia, possibilita ao sujeito que analisa a construção e veiculação do discurso em um texto uma atenção especial a todas as fases da produção dele e também de sua recepção, como, por exemplo, quais os impactos gerados por esse discurso diante do contexto X, Y ou Z. Nesse sentido, torna-se mais tangível identificar como são estabelecidas, então, as relações de poder, assim como reconhecer a influência da estrutura social nessas relações. Blommaert (2008, p.113), aponta, ainda, que “devemos olhar tanto para a forma como o fator linguístico gera o econômico, social e político, quanto para como o fator econômico, o fator social e o fator político geram o linguístico”. Dito de outro modo, isso significa dizer que se a língua afeta o social, o político e o econômico, todos os citados anteriormente afetam a língua, logo, as relações são intrínsecas e indissociáveis.

Tendo refletido sobre as questões contextuais e como elas afetam o texto e influenciam na produção e recepção da ação discursiva social, concebendo nesse contexto o ato de fala como uma ação (OTTONI, 2002), a teoria da performatividade vai se esten-

der às discussões que refletem sobre a performance identitária das identidades discursivas sociais do gênero social, ponto que discutiremos agora.

Com o avanço dos estudos sobre identidades sociais e culturais a partir dos estudos culturais⁷, temos, então, um novo olhar, ou melhor dizendo, uma nova concepção sobre sujeito em nossa sociedade. O sujeito passa a ser descentrado (HALL, 2006), e, então, torna-se compreendido como composto por inúmeras identidades, coexistentes ao mesmo tempo, e possivelmente contraditórias. Dessa discussão, nos interessa refletir sobre a concepção de sujeito pós-moderno que Hall (2006) nos apresenta. Trata-se de um sujeito que não é visto com uma identidade fixa, única, imodificável (HALL, 2006), e, sim, de um sujeito fragmentado, com identidades múltiplas e contraditórias, construídas e mediadas por meio da cultura. Esse sujeito é o sujeito pós-moderno (HALL, 2006), cuja instabilidade de suas identidades faz delas “celebrações móveis”, como pontuou Hall (2006). As identidades são mediadas por meio de todos os processos de interação social, em que o sujeito interage com o outro e esse processo de interação se torna um processo de mediação da constituição de suas identidades culturais. Por isso, a identidade do sujeito, vista como uma identidade cultural, é construída por meio da História, e não é inata, logo, ela não é dada por um conceito “biologizante” (HALL, 2006). Quando mencionamos a História, referimo-nos tanto à História da Humanidade, aquela em que este sujeito se situa por meio de um tempo e de um espaço, quanto à sua própria história, marcada por diversos trajetos individuais. É por meio dessas trajetórias, que se situam em um espaço e tempo, que as identidades culturais do sujeito vão se desenvolver. Atentemo-nos, nessa reflexão, que se trata de identidades, no plural, significando que não é apenas uma identidade cultural que está no processo de mediação e constituição e, sim, todas, coexistentes ao mesmo tempo.

Essa narrativa do eu, anterior à concepção das identidades culturais, apresentaria um sujeito pronto e único, incapaz de mudar no decorrer de sua existência, o que se torna um grande equívoco para aquele que se concebe como um sujeito que não detém em si contradições e uma única identidade. Isso significa que no processo de mediação entre a narrativa de um “eu” e seus diversos “eu”, há a coexistência dessa multiplicidade de identidades que vão se fazendo e refazendo conforme o sujeito entra em contato com o mundo e, nesse processo de mediação entre o seu relacionar-se consigo mesmo e com

⁷ Nesta dissertação, no que se refere aos Estudos Culturais, focamos apenas na visão de identidades culturais de Stuart Hall. Nesse sentido, quando nos referimos a Estudos Culturais no texto, estamos nos limitando à uma perspectiva (a de Stuart Hall) das muitas perspectivas que existem nesse campo.

os outros, passa a construir novas leituras e concepções sobre as coisas, o mundo e si mesmo.

O sujeito descentrado de Hall (2006) passa a ser aquele sujeito visto e embebido por diversos discursos no campo da ciência, da filosofia e da linguística (para citar alguns trabalhos, temos BUTLER, 2008; GOMES, 2002; LOPES, 2002;), dentre outros. É esse sujeito que passa a ser analisado e teorizado por pesquisadoras e pesquisadores de diversos campos de conhecimento, como os citados anteriormente, e dentre eles nos atentaremos às discussões sobre o sujeito butleriano (2008) e o seu gênero, uma vez que nos interessa refletir sobre a performance de gênero (e as sexualidades), tendo em vista que esta pesquisa reflete sobre a performance das identidades dos sujeitos homossexuais.

Judith Butler, por sua vez, passa a construir sua visão de teoria *queer* ao longo de muitos anos de estudos e pesquisas. Para pensar em uma teoria que possa abarcar diversos corpos, portanto, diversos sujeitos, Butler se embeberá em diversos discursos, dentre eles, os sobre o sujeito pós-moderno a partir da visão de Hall (2006) e das discussões de Michel Foucault no campo da filosofia (nos volumes diversos de História da Sexualidade), e na teoria dos atos de fala (teoria da performatividade) de Austin, por exemplo.

A teoria *queer* não é uma teoria pronta, no entanto, é fruto de muita reflexão, iniciada por meio da filósofa estadunidense e levada em diante por inúmeros seguidores em diversas partes do mundo. Cada seguidor trará, para seu contexto local, as reflexões do pensamento butleriano e adequará as mesmas de acordo com os corpos investigados e a sua realidade, prosseguindo com os desdobramentos de uma teoria ainda inacabada. No Brasil, por exemplo, temos uma teoria *queer* que se propagou em diversos campos do conhecimento, em diferentes grupos de pesquisa e instituições, perpassando seus desdobramentos por áreas como a educação, a filosofia, história, linguística, a literatura, dentre outras, e compondo campos gerais e elementares como as relações étnico-raciais e de gênero, basilares para se pensar as novas realidades do século XXI.

Quem traz para o Brasil a teoria *queer*, ou melhor, o pensamento butleriano sobre essa teoria, é a estudiosa Guacira Lopes Louro, que passa a pensar na teoria *queer* desenvolvendo o que denominamos por uma trilogia guaciriana. Em uma visão imagética, na trilogia guaciriana, temos a divisão de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico. Na identidade de gênero, ou seja, a forma como o homem e a mulher se veem e se concebem, temos: homem cisgênero (nasceu em corpo cujo sexo biológico é

o pênis e identifica e reconhece-se como homem e dotado de uma masculinidade), homem transgênero (nasceu em corpo cujo sexo biológico é a vagina, no entanto, identifica e reconhece-se como homem dotado de uma masculinidade), mulher cisgênero (nasceu em corpo cujo sexo biológico é a vagina, reconhecendo e identificando-se como mulher e dotada de uma feminilidade), mulher transgênero (nasceu em corpo cujo sexo biológico é o pênis, no entanto, reconhece-se e se identifica como mulher, dotada de uma feminilidade). Há pessoas que não se concebem como homem e muito menos como mulher, então, não se situam em nenhum dos gêneros. Prosseguindo com a trilogia guaciriana, temos o sexo biológico (pênis e vagina) e a orientação sexual. A orientação sexual, nesse contexto, se desdobra em muitas e em diversas formas de se orientar sexualmente pelo mundo.

Na ilustração dessa trilogia, a orientação sexual é a forma como o sujeito se orienta no mundo, ou seja, qual é o seu objeto de desejo? Seria um homem? Uma mulher? Um sujeito que não é homem e muito menos mulher? Um sujeito que se vê como homem e como mulher? Um sujeito que possui um pênis ou uma vagina ou os dois? E a partir do desejo que o move, constituem-se, então, as relações afetivo-sexuais. Por isso, quando estamos pensando em orientação sexual, estamos tratando de diversas orientações que são criadas e recriadas o tempo todo por meio das relações sociais, uma vez que o sujeito é construído por meio da cultura. E sob esse ponto de vista – o da construção cultural - as sexualidades são múltiplas, haja vista as mais primárias, nomeadas e criadas há mais tempo, como a heterossexualidade e homossexualidade, até a presença de uma bissexualidade, bem como outras que chegam a envolver objetos e desejos, os mais diversos possíveis.

Há, no campo do conhecimento, uma discussão que coloca essa reflexão da orientação e da opção sexual. No senso comum, é muito rotineiro as pessoas ainda denominarem como opção sexual, mas tudo aquilo que o sujeito deseja e tudo aquilo que o sujeito é não se trata de uma opção adotada corriqueiramente, por isso, não pode ser modificada em diversas situações. Desse modo, podemos dizer que o sujeito deseja o objeto que ele anseia e, por isso, se orienta e não opta. Nesse sentido, a sexualidade é uma necessidade do sujeito de conectar-se consigo mesmo, pois se vê da forma como se concebe e esse processo de concepção passa por um estágio de constituição da sua identidade, o que significa, a partir da visão de Butler (2008), que no processo de constituição de sua identidade, o sujeito opta por ser quem é, ou melhor, quem está sendo, não como uma escolha que pode ser mudada corriqueiramente e, sim, como fruto da forma

como se entende e se situa na sociedade.

Conforme Salih (2015, p.65), “em vez de partir da premissa de que o sujeito é um viajante metafísico preexistente, Butler descreve-o como sujeito-em-processo que é constituído no discurso pelos atos que executa.” Os atos que este sujeito performatiza passam a constituí-lo, uma vez que farão parte da sua identidade ou de suas múltiplas identidades. Logo a questão da performance, que é vista no campo discursivo a partir dos estudos austinianos, se amplia para o corpo não discursivo, que também performatiza e, em conjunto com o discurso veiculado pelas palavras do sujeito, constrói a identidade *queer* ou não *queer*. Por isso, quando estudamos o conceito de sujeito, devemos pensar nas relações que este possui com o contexto, uma vez que o contexto situa o discurso e o corpo que enuncia o discurso.

Pensando na perspectiva butleriana de que o gênero é algo que não somos, mas, sim, fazemos, torna-se mais clara a compreensão de que as identidades de gênero são intrinsecamente relacionadas com outras identidades sociais, e dentre elas, as identidades sexuais⁸, por exemplo. São identidades performatizadas, uma vez que a imagética da performance nos propõe a refletir que esta constitui a identidade e se a identidade não é algo fixo, ela estará sempre em transformação, em performance. Por isso, quando Butler (2008) aponta que escolhemos o gênero, ela defende que nós interpretamos dentro de nossas identidades as normas sobre como fazê-lo (BUTLER, 2008).

É que o apontei anteriormente: o gênero não é uma opção gerada ao acaso e, sim, organizada a partir de um processo de constituição identitária que é realizado ao longo da vida do sujeito. Significar-se como homem ou como mulher, ou como um não homem-mulher, é uma escolha do sujeito que passará por um processo performático de muitas significações e ressignificações sobre si. Esse processo, por si só, será sempre uma reexistência referente àquilo que o sujeito teve como imposto desde às nomeações que recebera a partir do seu nascimento. Para a filósofa estadunidense, as categorias de gênero e de sexo são diferentes e produzidas pelo corpo do sujeito. Salih (2015) aponta como construções “fantasmáticas” por serem imagens projetadas em relação ao sujeito, e, ele, ao interpretá-las, as performatiza. O sexo, pensemos, é a performance realizada pelo sujeito sob e pela sua sexualidade com um objeto (de desejo). A identidade de gênero, por sua vez:

⁸ No contexto em questão não podemos enxergar que identidades sexuais sejam instituídas como fixas, pois uma identidade sexual como a identidade gay, por exemplo, é performatizada com base na forma como o sujeito gay se orienta sexualmente, por exemplo.

Seria estabelecida por meio de uma recusa da perda que se incripta no corpo [...]. A incorporação *literaliza* a perda *sobre* o corpo ou *no* corpo e se apresenta, assim, como sendo a facticidade do corpo, ou seja, o modo pelo qual o corpo passa a carregar o 'sexo' como sua verdade literal (BUTLER, 2008, p.68).

A incorporação, nessa discussão, é a forma como o sujeito absorve o gênero e o constitui por meio da performance realizada pelo corpo. Quando falamos em performance corporal, estamos nos referindo também à uma performance verbal, afinal, o gênero não é feito apenas e exclusivamente pelo corpo físico, é, também, pela palavra. É por esse motivo que se faz relevante atentarmos para a reflexão acerca da identidade de gênero a partir do que propôs Blommaert (2008) sobre o contexto, que nos possibilita situar o gênero como um fazer a partir de corpos discursivos produzidos pelo corpo físico e pela palavra, uma vez que se compreende que o conceito de texto extrapola a visão limitante de palavras oralizadas ou escritas. Dito de outro modo, concebe-se o corpo físico do sujeito como um texto.

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros em seus atos constitutivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social (BUTLER, 2008, p.33).

O gênero configura-se, assim, como uma performance automática, intuitiva, naturalizada e constituinte de uma identidade cultural. O conceito de naturalização não é visto, nesse contexto, como um conceito pronto e inato, mas como constituído através de um processo. Diante do exposto, Austin (1962) e Butler (2008) conversam conosco ao pensarmos o corpo como um ritual cujas performances constituem as identidades performativas sociais, em especial, as identidades de homens gays.

2.2 Identidades Sociais & Identidade Gay

Denomina-se por identidades sociais todas as identidades que são construídas socialmente. Ao invés de as nomearmos como isoladas de um contexto, devemos enxergá-las como frutos culturais, situados em um espaço e tempo. O modo de ser gay, lésbica, transgênero, cisgênero, homem, mulher, branco, negro e heterossexual, por exemplo, não é e nunca foi o mesmo em toda a História da Humanidade. Os diversos modos de ser são construções e reconstruções feitas através do tempo, da cultura, da

memória, da História e também da ciência, tendo sempre a língua e a linguagem como um grande pano de fundo. Se somos fabricados pela sociedade, ou melhor, construídos social e culturalmente (relação indissociável), isso significa que nossas identidades estão em um processo de significação e ressignificação a cada segundo em que se criam e recriam novas realidades e narrativas por meio da língua(gem). Como podemos perceber, as identidades sociais são complexas e múltiplas, pois categorias como gênero, raça, sexualidade, dentre outras identidades sociais, coexistem dentro de um mesmo sujeito, o que faz com que este nunca seja o mesmo ao longo da História.

Calcados sob essa perspectiva, é impossível não dialogarmos com o que aponta Hall (2006) sobre as identidades culturais na pós-modernidade. O autor afirma que o sujeito que compreende a sua identidade, do início ao fim de sua vida, como uma única identidade, certamente terá uma visão “confortada” sobre si (HALL, 2006). Pensando nas visões unificadas sobre uma mesma identidade ou na forma como as identidades sociais são construídas no século XXI, a presente pesquisa discute como são performatizadas as identidades de homens gays no *Lampião da Esquina* na coluna *Bixórdia* a partir do complexo de múltiplas identidades sociais que constituem esses sujeitos, bem como também busca refletir sobre o papel da ação discursiva social na construção dos corpos de homens gays. Tais reflexões produzem um retrato dos corpos gays veiculados pelo jornal no século XX.

A respeito da ação discursiva, Moita Lopes (2002, p.93-95) afirma que o discurso é uma ação social. Isso significa que o discurso possui um impacto na construção e constituição das identidades sociais. No contexto em questão, reflitamos sobre o discurso enquanto ação social constitutiva das identidades sociais. Pensando na complexidade e na multiplicidade das identidades sociais que constituem o sujeito gay, temos que ressaltar que o olhar por meio da interseccionalidade deve ser atencioso⁹. Nesse sentido, é preciso compreender que há uma subordinação interseccional entre as múltiplas identidades que compõem um sujeito, e nessa subordinação constitui-se a discriminação interseccional, que dificilmente pode ser identificada em contextos em que forças econômicas, culturais e sociais moldam silenciosamente o trânsito e as vivências dos corpos dentro do sistema (CRENSHAW, 2002).

O que é a interseccionalidade, afinal? Conforme pontua Crenshaw (2002, p.177), “a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conse-

⁹ Vejamos os diversos trabalhos de Luiz Paulo da Moita Lopes e Aparecida de Jesus Ferreira situados no campo da Linguística Aplicada & Educação.

quências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação.” Esses eixos, em questão, são os eixos identitários, ou seja, a relação entre as diversas identidades de um sujeito, como, por exemplo, de uma mulher negra surda e pobre. A partir dessa exemplificação, podemos notar a presença de diversas identidades sociais em um só sujeito: mulher, negra, surda e pobre; logo, quando estamos trabalhando com um viés interseccional, analisamos determinada questão a partir das identidades sociais coexistentes. Mais à frente, Crenshaw (2002) destaca que:

[...] a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. [...] Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, freqüentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. (CRENSHAW, 2002, p.177)

A autora coloca, então, que não há uma subordinação, pois ao olhar sobre esse viés, vemos como determinadas “ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos” (CRENSHAW, 2002, p.177), ou seja, estamos olhando determinada situação sob diversos contextos e identidades sociais coexistentes. Ao se entrecruzarem, os eixos raça, gênero, sexualidade, por exemplo, revelam como o sistema interseccional se molda através das opressões. Nesse sentido, podemos relacionar a discussão que estamos fazendo neste trabalho quando fazemos referência aos corpos historicamente colonizados, subalternizados, compreendidos como corpos oprimidos e inferiores. Será este o caso dos corpos de homens gays presentes na coluna *Bixórdia*? Será que os homens gays da *Bixórdia* são apenas homens gays?

Conforme afirma Hall, “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p.12-13)”. Em outras palavras, o homem pós-moderno passa a se compreender como um sujeito de múltiplas particularidades, assim denominadas por identidades, e estas o constituem. Se tais identidades serão coerentes ou incoerentes, ao coexistirem, o sujeito provavelmente aprenderá (ou não) a lidar com elas, ou melhor, consigo mesmo. Mais à frente, Hall (2006, p.12-13) pontua que o processo de identificação de nossas identidades culturais torna-se, então, mais “provisório, variável e problemático”, uma vez que tal “processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A

identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ [...]” Dessa “celebração” tão repleta de urgências é que se constitui o sujeito situado em um espaço e tempo, como já foi mencionado, e, por isso, a identidade do sujeito não é definida biologicamente e, sim, historicamente (HALL, 2006), afinal:

O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão continuamente deslocadas. [...] (HALL, 2006, p.12-13)

É por meio desse deslocamento que os sujeitos gays, ao longo da História, se refizeram e reinventaram-se em busca de ressignificar os estereótipos atribuídos aos seus corpos, politizando e empoderando-se em busca de espaços de poder e também do não silenciamento de suas vozes. Um bom exemplo é o próprio jornal *Lampião da Esquina* que tem como protagonismo predominante a voz de homens gays. Por isso, é de suma importância que este trabalho aprofunde um pouco mais sobre a definição de identidade gay, tendo em vista que a proposta não é definir a identidade gay como única, fixa e imóvel. *Bixórdia* apresenta um conceito sobre identidade gay bem amplo, como veremos mais à frente deste estudo, o que já nos leva a inferir que, no processo de construção das identidades gays, não há uma única forma de ser gay, tendo em vista o que os estudos *queers* (BUTLER, 2008) e a teoria da performatividade austiniana (AUSTIN, 1962) vêm discutindo juntamente aos trabalhos dos estudos *queer* em Linguística Aplicada (NELSON, 2006). Conforme aponta Nelson (1999):

[...] as identidades sexuais podem excluir e incluir, limitar e liberar (Fuss, 1991). A solidificação de sexualidades fluidas, transformando-as em identidades sexuais fixas, que podem então ser categorizadas em taxonomias, pode ter mais a ver com controle social do que com empoderamento. Afinal, o propósito do binário heterossexual/gay não é meramente descrever identidades sexuais, mas regulá-las; em outras palavras, o binário não é neutro, mas normativo. (NELSON, 1999, p.376)

Outras teóricas feministas que contemplamos nesta pesquisa, a mencionar Butler (2008) e Louro (2000), trabalham com a composição de identidades sociais de gênero e sexualidades, definindo-as como identidades transitórias, construídas socialmente e ao longo da vida do sujeito. Logo, o sujeito está se construindo em um processo de vir a ser. Nesse sentido, as identidades não puderam ser vistas como estanques e encarceradas em essencialismos nessa pesquisa, pois, segundo Muniz (2011):

Essa perspectiva essencialista, na qual os sujeitos possuem uma identidade una, fixa e imutável, está presente em vários movimentos sociais que lutam pelo reconhecimento de suas identidades “singulares”, não apenas nos movimentos negros; exemplo disso foi, ou ainda é, o movimento feminista, em que há uma reivindicação pelo feminino, pelo reconhecimento da mulher. O delicado é o que está subjacente a essa identidade reivindicada, uma vez que por mulher entenda-se: branca, classe média, heterossexual, religiosa, mãe, etc. É muito interessante o depoimento de Bel Hooks (1981), no seu livro *Ain't a woman - black women and feminism*, no qual ela diz que não se encontrou no movimento feminista nem no movimento negro justamente por fugir a essa identificação já que é negra e homossexual. Neste sentido, temos hoje o que está sendo denominado de “política da identidade”, que vem justamente para pôr abaixo tanto categorias biológicas quanto a construção de identidades baseadas em oposições binárias. (MUNIZ, 2011, p.278)¹⁰

Logo, para nós, as identidades sexuais, por exemplo, são entendidas como relações sexuais que estão sendo desempenhadas, contestadas e continuamente negociadas por meio das interações cotidianas. Em um viés interseccional, a identidade sexual relaciona-se com a identidade de gênero e outras identidades sociais, como classe, raça, profissão, dentre outras, coexistindo ao mesmo tempo e influenciado uma à outra.

Há um parêntese que precisamos fazer e é sobre a concepção de identidade sexual na época do surgimento do jornal *Lampião da Esquina*. Naquele período, ainda tínhamos, sobretudo pela Organização Mundial de Saúde, uma concepção binária sobre sexualidade, bem como a visão da homossexualidade como uma doença. A teoria *queer* estava começando a ser lida e produzida por teóricas e teóricos como Butler, por exemplo. Logo, a visão que se tinha sobre sexualidade era a da heterossexualidade em contraposição à homossexualidade.

Nesse sentido, podemos afirmar que as primeiras discussões sobre sexualidade são fundamentadas na psicologia e na psicanálise, que vão compreender o sujeito a partir de uma perspectiva comportamental e até mesmo biologizante, contrariando a visão apresentada neste trabalho, a qual concebe que as identidades sexuais são produzidas no contexto sociocultural, tornando-se produções de uma dada cultura em um dado momento específico. Em seguida, com maior absorção da teoria *queer* por estudiosos, bem como de seu refinamento por Judith Butler e demais desdobramentos pelo mundo, novas concepções sobre as identidades sexuais surgiram juntamente com novas nomeações como bissexualidade, pansexualidade e transexualidade, por exemplo. Em relação à questão da identidade de gênero, o mesmo também aconteceu, sendo que há uma distinção entre o que é um sujeito cisgênero e transgênero. Com vistas a elucidar

¹⁰ MUNIZ, Kassandra da Silva. Linguagem e identificação: performatividade, negros (as) e ações afirmativas no Brasil. Sínteses-ISSN 1981-1314, v. 14, 2011.

melhor o que estamos expondo, cisgênero é aquele sujeito que possui uma identidade de gênero coincidente com a construção do seu sexo biológico e transgênero o oposto (um exemplo claro é um sujeito que nasce com o sexo biológico masculino e entende-se como mulher, e vice-versa). Logo, no período de surgimento do *Lampião* não se tinha um entendimento maior sobre os desdobramentos das identidades sexuais e de gênero como temos hoje, portanto, todos os sujeitos que eram considerados como desviantes da norma foram nomeados como gays ou homossexuais, seguindo o que Buthler afirmou em relação a serem considerados diferentes daquilo que se instituiu como padrão e “correto” em nosso meio social. Hoje, com todos esses desdobramentos, gays são homens cisgêneros e transgêneros que se compreendem como homens e possuem como objeto de desejo homens cisgêneros e transgêneros, ao contrário do que se entendia naquela época, em que lésbicas e travestis também eram vistas como sujeitos gays. Posto isso, no próximo capítulo nós apresentaremos o jornal *Lampião da Esquina* por meio de um perfil, para, enfim, podermos fazer, no último capítulo, uma análise de como são performatizadas as identidades de homens gays no tabloide.

Capítulo 3 – *Lampião da Esquina*: traçando um perfil

Atenção ao dobrar uma esquina
Uma alegria, atenção menina
Você vem, quantos anos você tem?
Atenção, precisa ter olhos firmes
Pra este sol, para esta escuridão
Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte
(Divino Maravilhoso,
Caetano Veloso e Gilberto Gil
na voz de Iza e Caetano¹¹)

¹¹ Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=7HvW-xu_j_o>

Para realizarmos a presente pesquisa foi feito um levantamento do *corpus* desde o início do ano de 2018. Este riquíssimo material foi disponibilizado no site do Portal Dignidade (link para acesso: <<https://www.grupodignidade.org.br/#>>). O jornal foi escaneado, mapeado e documentado pelo Centro de Documentação Luiz Mott. Até 2019 ainda restava localizar uma parte final do *corpus* que não estava disponível no site. Após contatar o Professor Dr. Luiz Mott, por intermédio do Professor Dr. Felipe Fernandes, ambos da UFBA, tomei conhecimento de que o restante das edições do *Lampião da Esquina* já se encontrava disponível no mesmo site, conseguindo o material que restava apenas em 2020.

Figura 1 - *Lampião da Esquina*: Edições diversas



Fonte: Google Imagens (2020)¹².

Posto isso, foi feito um mapeamento do jornal, bem como leitura das colunas que o compõem, tanto com o objetivo de traçar um perfil do jornal quanto delimitar e definir uma coluna para análise de como são performatizadas as identidades gays, e até mesmo LGBTIs, veiculadas pelo *Lampião da Esquina*. A princípio, a ideia era trabalhar com o editorial do jornal, a coluna *Opinião*, mas este não esteve presente na maioria das edições lampiônicas, aparecendo localizado em várias posições em algumas edições e ausente em outras. Feito o mapeamento, após o exame de qualificação, surgiu o interesse em trabalhar com a coluna *Bixórdia* por esta abordar um conceito amplo sobre

¹² Link para acesso: < <https://fpabramo.org.br/2017/06/12/csbh-o-lampiao-da-esquina-primeira-publicacao-lgbt-do-brasil/>>

identidade gay e LGBTI e também pelo fato de não ser assinada por nenhum jornalista, embora apresentasse uma conotação de editorial, expressando a opinião do jornal sobre determinados assuntos ao contemplar a performance das identidades gays presentes no *Lampião da Esquina*.

Neste capítulo, abordaremos um pouco sobre o tabloide, bem como o seu surgimento e contextualização histórico-social e apresentaremos também algumas das seções mais presentes nesse material que contempla as performances identitárias gays. Mencionaremos, também, o nome de outras seções que foram veiculadas esporadicamente. Neste capítulo, o objetivo foi de apenas traçar um perfil do jornal ao invés de nos debruçarmos exaustivamente nas seções que o constituem. Partindo do princípio de que cada seção aborda um viés do jornal, concebe-se que a união de informações relevantes de cada uma delas constituir-se-á em um perfil do *Lampião*.

A escolha de apenas uma coluna, como abordamos acima, se justifica também pelo tempo de realização da presente pesquisa. Pontuamos que esta investigação se realizou por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, ao levantar e eleger um *corpus* para análise das performances identitárias de homens gays à luz dos estudos sobre Linguagens e Identidades no viés da Linguística Aplicada Transgressiva (LAT) e das Teorias da Performatividade, situadas nos estudos pragmáticos com Austin (1962) e nos estudos de gênero com Judith Butler (2008).

De um histórico de muitas reivindicações, pelo Brasil e pelo mundo, o século XX, sobretudo na sua segunda metade, foi marcado por importantes Movimentos Sociais (LGBTIs, negros, proletários etc.). No Brasil da década de 1970 surgiram diversas lutas contra a opressão em busca da liberdade de expressão.

No fim da década de 1970 começa a chamada “distensão política”, ou seja, a rigidez do controle social exercido pelos governos militares começa a arrefecer. Um grupo de intelectuais assumidamente homossexuais, valendo-se do arrefecimento da repressão política brasileira, lançam aquele que é considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público homossexual – o jornal *Lampião da Esquina*. A ideia do jornal surgiu a partir da visita ao Brasil do editor Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, de São Francisco, Califórnia. Ele veio à procura de autores brasileiros para fazer uma antologia da literatura gay latino-americana. Pode-se dizer que o lançamento do jornal, em abril de 1978, fortaleceu a ação de alguns rapazes de São Paulo que organizavam um grupo que se tornaria responsável por consolidar o movimento homossexual no Brasil – o Grupo Somos. (RODRIGUES, 2018, p.239, grifo do autor)

O cenário nacional era da Ditadura Militar, responsável pela censura de imprensa e pelo controle dos corpos dos sujeitos de diversos grupos sociais. Dentre eles, temos o

grupo de homossexuais que, através da militância e da Imprensa Alternativa e Livre, começa a proclamar a emancipação de seus corpos e direitos por meio da desconstrução dos estereótipos atribuídos aos corpos LGBTIs: “O homossexual brasileiro, em suas múltiplas identidades, encontra no *Lampião da Esquina* seus semelhantes, embora, como salienta Rodrigues (2018), diferentes, porém iguais em alguns aspectos” (RODRIGUES, 2018, p.240, grifo do autor).

Tendo em vista o exposto, é importante que concebamos os corpos gays e LGBTIs como corpos *queers*. Quando fazemos referência a *queer*, estamos nos voltando para o sujeito do estranhamento e da diferença, aquele que possui um corpo historicamente marcado como fora de uma norma. Ao validarmos tal postulado – a dos corpos queers – estamos enfatizando que os corpos desses sujeitos são todos aqueles que não fazem parte de uma matriz considerada detentora de um padrão de beleza instituído – como o branco, magro e heterossexual - por exemplo. É possível pensarmos desse mesmo modo, tendo em vista as questões relacionadas à raça, gênero, sexualidade bem como os corpos e os moldes atrelados à noção de corpo e corporeidade.

Refletindo um pouco mais sobre a questão da norma que definiu uma dicotomia entre corpos gays e corpos héteros, *a priori*, ela se institui a partir do momento em que a sociedade começa a conceituar a diferença entre os sujeitos. Podemos afirmar que esta norma, denominada por heteronormatividade, é fruto de uma heterossexualidade compulsória, conforme pontuou Butler (2008). Do ponto de vista da perspectiva binária, quem não está dentro da norma (heterossexual), está marginalizado. E, no caso brasileiro, o sistema heteronormativo tem a sua origem sobre o que trouxeram os colonizadores, pois está pautado em uma moral que é legatária do universo cultural judaico-cristão.

Nesse sentido, toda essa discussão sobre as identidades sexuais começa a veicular por meio de uma Imprensa Nacional Livre a partir dos anos 1970. As questões de gênero e sexualidades ampliaram as discussões, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade a partir do momento que os grupos LGBTIs passaram a reivindicar os seus direitos na sociedade, indo além dos espaços considerados como guetos. Se formos demarcar historicamente quando passa a surgir, de fato, uma nomeação para uma dicotomia entre as questões de gênero, as transgeneridades só passam a existir, consistentemente, no século XX, em contraposição às cisgeneridades. Tal afirmação pode ser bem ilustrada a partir do filme *A Garota Dinamarquesa*¹³, que relata a história da primeira

¹³ O trailer do filme pode ser assistido em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vjq2FgjpXow>>

mulher transgênero a realizar uma cirurgia de mudança de sexo que contribui decisivamente para que ela se tornasse, em sua visão, mulher. Naquele período, as primeiras correntes feministas estavam emergindo, bem como o pensamento de Simone de Beauvoir, com a célebre frase que se tornou famosíssima após uma das propostas de redação do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) trazer as questões de gênero em discussão há alguns anos. Tal frase afirmava que não se nasce mulher, torna-se mulher¹⁴.

Essa discussão é bastante ampla e pode ser estendida às diversas identidades sociais, cuja discussão fizemos no capítulo anterior. Sabemos que as identidades são construídas socialmente e são políticas, pois quando performatizamos uma certa identidade, estamos, ao mesmo tempo, fazendo política por meio de nossos corpos. Uma outra questão que precisamos pontuar também é que não é pelo fato da primeira cirurgia de mudança de sexo ocorrer somente no século XX que essa ocorrência demarca o início da invenção de uma nova identidade de gênero. Antes disso, não existiam corpos com falo e que performatizavam mulheres. Pelo contrário, a performance sempre existiu e vai existir em nossa sociedade, sobretudo a partir dos nossos corpos, numa visão butleriana (BUTLER, 2008).

No contexto anterior a esse, da primeira cirurgia de mudança de sexo, bem como da primeira vez em que um sujeito cujo corpo tinha falo se automeou como mulher, tudo aquilo que desviava da heterossexualidade era visto como homossexualidade. Além disso, não se tinha a distinção guaciriana de identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico. Conforme já discutimos anteriormente, todos os corpos eram vistos como corpos gays, e, estes, por sua vez, eram corpos *queers*.

Em muitos contextos, os corpos desviantes apagavam-se e eram apagados por estratégia de sobrevivência. É a partir deste momento que surgem os guetos, como espaços de fortalecimento e proteção dos grupos. Com a Revolta de Stonewall, a necessidade de se conquistar os direitos LGBTIs, bem como os espaços sociais de direito, sobretudo o direito de falar e ser ouvido, tornam-se emergentes e é assim que surge, no Brasil, *Lampião da Esquina*, o primeiro jornal de Imprensa Livre a tratar de assuntos de relevância para os grupos de homossexuais¹⁵, em uma época de cerceamento da liberdade de expressão, consequência do regime militar de 1964.

Trata-se de uma preciosidade de 41 edições (incluindo as edições extras), veicu-

¹⁴ Acesse o link: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/questao-sobre-feminismo-no-enem-2015-e-lembrada-nas-redes-sociais.html>>

¹⁵ Homossexuais, no contexto histórico e na visão do *Lampião*, entende-se como o grupo de sujeitos LGBTI.

lada durante os anos 1978 e 1981, após o Golpe Militar de 1964. O jornal propunha desconstruir a imagem estereotipada do homossexual na sociedade brasileira do século XX e inspirou-se, assim, no jornal norte-americano *Gay Sunshine*. Seu debate estava centrado nos corpos LGBTI e, ao mesmo tempo, em temáticas como aborto, legalização de drogas, prostituição e assassinato de transexuais, por exemplo. Vejamos, abaixo, uma imagem da capa do *Gay Sunshine*, a título de ilustração do referido:

Figura 2 - Capa de *Gay Sunshine*



Fonte: Google Imagens¹⁶ (2020).

Ambos os jornais, *Lampião da Esquina* e *Gay Sunshine*, surgem como expressões do Movimento LGBTI no século XX. Enquanto *Lampião da Esquina* se inspira em *Gay Sunshine*, este se fundamenta no Orgulho *Gay* para se constituir. Conforme relata Rodrigues-Júnior (2006), a Revolta de *Stonewall* foi um evento considerado como marco histórico do surgimento do Orgulho *Gay* nos EUA e no mundo. No dia 27 de junho de 1969, no bar *gay The Stonewall Inn*, situado na *Christopher Street*, n. 53, *Nova York*:

[...] uma batida policial provoca uma revolta geral nos frequentadores do *Stonewall*, a qual durou cinco dias, e, embora o bar tenha sido definitivamente fechado, os manifestantes gays continuaram suas reivindicações. Após um ano, com a intenção de comemorar a revolta nesse bar *gay*, a passeata do *Gay Pride* ("Orgulho *Gay*") sai às ruas de *Nova York*, estabelecendo, então, o marco histórico do aparecimento público dos movimentos gays nos Estados Unidos: os movimentos gays, portanto, se fortaleceram suficientemente para vir a público e constituir notícia. (RODRIGUES-JÚNIOR, 2010, p.606)

É a partir dessa movimentação que acontece pelo mundo que os jornais supracitados, *Gay Sunshine* e *Lampião da Esquina*, vão se inspirar para contribuir na exposição de pautas e assuntos que são relevantes para a comunidade LGBTI no Brasil e no

¹⁶ Link para acesso: <http://www.leylandpublications.com/article_leyland.html>

mundo.

Figura 3 - Jovens em frente ao Stonewall no período das rebeliões



Fonte: Site Hypesess¹⁷.

Figura 4 - Foto divulgada da noite das rebeliões de Stonewall



Fonte: Site Hypesess¹⁸.

Tendo em vista que a mídia possui um papel fundamental na formação social e

¹⁷ Link para acesso: <<https://www.hypesess.com.br/2018/06/como-as-revoltas-de-stonewall-na-ny-de-1969-empoderou-o-ativismo-lgbt-para-sempre/>>

¹⁸ Link para acesso: <<https://www.hypesess.com.br/2018/06/como-as-revoltas-de-stonewall-na-ny-de-1969-empoderou-o-ativismo-lgbt-para-sempre/>>

na reprodução de estereótipos e preconceitos sobre a homossexualidade, o jornal *Lampião da Esquina* veio contribuir para a desconstrução das imagens cristalizadas sobre a temática LGBTI e também para visibilizar o Movimento Gay no Brasil. Segundo Schultz e Barros (2014, p.54), “por meio da imprensa alternativa, existe a produção de um discurso politizador acerca das questões referentes à sexualidade, especialmente aos homossexuais, garantindo os direitos a um grupo até então reprimido e ‘invisível’ para o Estado.” Nesse sentido, o “Grupo Somos”, constituído em 1978, na cidade de São Paulo, foi o primeiro a surgir com o foco em discutir a homossexualidade de forma politizada no Brasil (SCHULTZ e BARROS, 2014). A proposta do grupo era o empoderamento do sujeito homossexual através da desconstrução de estereótipos sobre as categorias “bicha” e “lésbica”, como a própria teoria *queer* propõe (BUTLER, 2008). Afinal, a ideia era ressignificar os conceitos, ou melhor, os corpos que, até então, eram vistos de forma pejorativa.

Segundo um dos fundadores do “Grupo Somos” e, concomitantemente, do *Lampião da Esquina*, João Silvério Trevisan, “desde a sua fundação, em 1978, antes mesmo de ser batizado como *Somos*, o projeto básico do primeiro grupo ativista brasileiro na área LGBT implicava propostas muito contundentes” (TREVISAN, 2018, p.137, grifo do autor). “Queríamos ser plenamente responsáveis por nossa sexualidade, sem ninguém falando em nosso nome” (TREVISAN, 2018, p.138), o que aponta que Somos – Grupo de Afirmação Homossexual -, tinha como finalidade propagar a afirmação da homossexualidade de forma política, positiva e respeitosa. De acordo com Trevisan (2018) e Rodrigues (2018), houve um momento em que o grupo começa a ter conflitos internos e ocorre, posteriormente, a sua recém integração ao Partido dos Trabalhadores. Para Trevisan (2018):

No caso do *Somos*, uma vez realizada a integração, a máscara caiu: não era mais necessário um grupo específico de homossexuais dentro de um “partido revolucionário”. Tempos depois, de tropeço em tropeço, o *Somos* se dissolveu no PT e seus participantes ou foram embora ou se tornaram prioritariamente militantes do partido – projeto já previsto nos parâmetros impostos pela CS desde os primeiros movimentos para tomar o grupo. (TREVISAN, 2018, p.143, grifo do autor)

Nesse sentido, o grupo começa a se dissolver e o jornal caminha de forma independente pelo período próximo de mais ou menos quatro anos. “Antes da guinada histórica do *Somos* (acoplado à criação do jornal *Lampião da Esquina*), homossexuais só existiam publicamente nos relatos policiais e na crônica midiática mais rasteira, como

motivo de perseguição, calúnia, humilhação e ataque moralista” (TREVISAN, 2018, p.149, grifo do autor). Ainda de acordo com o referido autor: “Quando menciono acima um ‘cunho político legítimo e instigante’, entendo uma abordagem sobre os sentidos e consequências, na vida brasileira, do despertar dessa população para a cidadania – ainda que atrasado e lento, comparativamente a várias outras democracias ocidentais.”

Figura 5 - Integrantes do Somos - Grupo de Afirmação Homossexual após uma reunião nas Ciências Sociais da USP, 1980



Fonte: Site Huffpost¹⁹.

Paralelamente a essa discussão, é interessante destacar que a Imprensa Negra Brasileira passa a lutar contra o processo de embranquecimento e apagamento do povo preto na História do Brasil (rompendo com o mito da democracia racial, propagado bem antes de Gilberto Freyre, e colocando os heróis negros, como Luiz Gama, por exemplo, como responsáveis no processo de libertação dos escravos). Por sua vez, a Imprensa LGBTI vai lutar de forma mais explícita pelo direito do seu grupo ocupar lugares e conquistar direitos sociais só depois da metade do século XX, o que nos demonstra que os diversos Movimentos Sociais vão emergindo aos poucos para a realização de um processo de emancipação dos corpos e legitimação social das identidades dos sujeitos vistos como desviantes de uma norma invisível e fabricada.

Nesse sentido, tendo em vista esse panorama, *Lampião da Esquina* surge em um período muito delicado de nossa História, no entanto, foi no momento certo, pois para que bichas, lésbicas, travestis, de um modo geral, pudessem ter o direito de falar e se expor publicamente, bem como politizar os seus grupos, os governos repressores e ditatoriais não poderiam estar sob controle.

Ainda sob as agruras da ditadura militar, o aparecimento do *Lampião da Es-*

¹⁹ Link para acesso: https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/31/da-operacao-limpeza-a-cura-gay-os-40-anos-de-luta-do-movimento-lgbt-no-brasil_a_23448179/

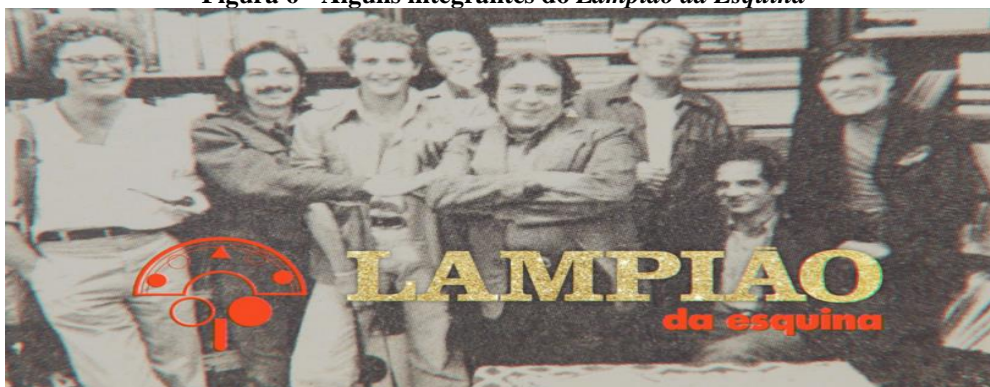
quina foi um marco na história editorial brasileira. O jornal é considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público homossexual. Ainda que outras publicações tenham surgido antes dele, todas feitas de forma artesanal, foi o *Lampião* que inaugurou um novo tempo na história da mídia impressa gay no Brasil. (RODRIGUES, 2018, p.238)

A partir disso, em 1978, foi lançada a edição número zero do *Lampião da Esquina*, edição esta que já começava, historicamente, expor os primeiros trabalhos do Movimento LGBTI. Ainda em 1981,

[...] o jornal O *Lampião da Esquina* encerrou suas atividades, gerando um vázio ideológico, pois este era considerado o mais importante meio divulgador das questões homossexuais. É também no final dos anos 1980 que o movimento perdeu muitos de seus principais grupos e divulgadores, entre eles, o “Somos”, que a princípio passou a participar de passeatas junto aos movimentos negros e feministas, mas acabou por abandonar suas atividades após problemas financeiros (uma das características da imprensa alternativa nesta fase é o caráter ideológico e não comercial). (SCHULTZ e BARROS, 2014, p.54)

Nesse sentido, apesar do jornal ter encerrado suas atividades, foi um marco na História da Imprensa Nacional e Livre, pois obteve sucesso dentro de sua proposta, possibilitando a abertura de espaço para grupos de nossa sociedade que antes não eram ouvidos: homossexuais, mulheres, negros, travestis, por exemplo, a partir de uma proposta de ressignificação dos estereótipos atribuídos às características identitárias de seus membros (SCHULTZ e BARROS, 2014, p.60).

Figura 6 - Alguns integrantes do *Lampião da Esquina*



Fonte: Blog Cena Pop Eventos²⁰.

O jornal *Lampião da Esquina* apresenta, no decorrer de mais de 38 edições, diversas seções, e dentre elas, as mais recorrentes são *Cartas na Mesa*, *Ensaio*, *Entrevista*, *Esquina*, *Literatura*, *Reportagem*, *Tendências*, *Opinião* e *Bixórdia*. É importante destacar que o tabloide brincou com o gênero jornalístico, pois suas colunas nem sempre permaneciam nas mesmas páginas, como costumeiramente outros jornais costumavam

²⁰ Link para acesso: <<https://cenapopeventos.wordpress.com/2016/08/16/doctela-e-canal-brasil-lancam-o-documentario-lampiao-da-esquina-dia-18-de-agosto-no-cinesesc/>>

fazer. *Cartas na Mesa*, por exemplo, aparece em algumas edições entre as últimas páginas do jornal, já, em outras, aparece após a capa.

Costumeiramente, o editorial de um jornal está situado após a capa, e, no caso do *Lampião*, o seu editorial, identificado como *Opinião*, não foi recorrente em todas as edições, mas o tabloide traz a sua opinião por meio das diversas seções, afinal, nem sempre os textos são assinados, independente do editorial ou da coluna. Uma questão relevante a se constatar também é que mesmo apresentando seções com assinatura ou não, todas elas acabam por veicular uma ideologia presente no projeto *Lampião da Esquina*: trazer para a Imprensa Alternativa e para seus leitores os diversos retratos da homossexualidade, da transexualidade e da diversidade sexual em nossa sociedade, além, é claro, de debater diversos assuntos de grupos vistos como minoritários, embora o foco sempre tivesse sido a questão da sexualidade.

Voltando às colunas do *Lampião da Esquina*, *Cartas na Mesa* surge desde a primeira edição com cartas dos leitores e com a resposta do conselho editorial. *Esquina* é uma das seções mais recorrentes e reúne notícias diversas. *Literatura*, por exemplo, trazia tanto a divulgação de livros quanto de textos literários de diversos autores. Em *Tendências*, eram veiculadas informações culturais, como indicação de livros, teatro e filmes. Alguns outros editoriais e colunas, que estiveram presentes pouquíssimas vezes ou uma única vez (tais como *Ativismo*, *Enquete*, *Nostalgia*, *Violência*, *Baforada*, *Colírio*, *Festim*, *Medicina*, *Verão*, *Homenagem*, *Porrada*, *Bandeira*, *Bate/boca* e *Ecos do carnaval*) também contribuíram para construir a imagem de um jornal que não se fixava em manter as seções em todas as edições, trazendo materiais novos, o que corrobora para a dinâmica do tabloide.

Explicitada a constituição do jornal, apresentaremos, a seguir, como ocorreram as performances identitárias de homens gays, e senão LGBTIs, em algumas das colunas do tabloide²¹.

3.1 Opinião

A primeira coluna que aparece no tabloide é *Opinião*, no entanto, essa seção não perdura em todas as edições do jornal *Lampião da Esquina*. Em algumas, ela aparece na primeira página, após a capa, como na edição zero. Em outras, ela está situada em pági-

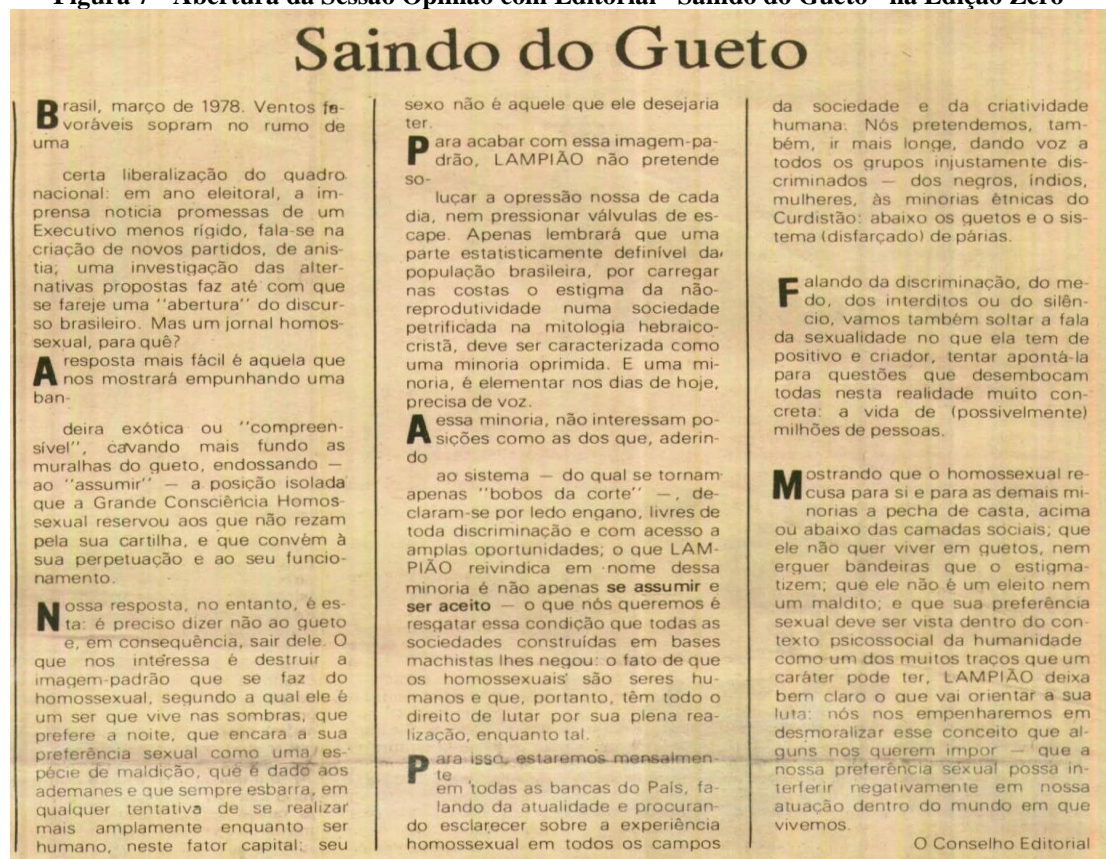
²¹ Nesse contexto, quando faço a distinção entre gay e LGBTI é porque não estou generalizando gay como definição do termo LGBTI e, sim, distinguindo a diversidade sexual de sujeitos à luz da contemporaneidade, ao contrário do olhar daquela época.

nas diferentes. Trata-se de um editorial que, em tese, traz a voz do jornal sem assinatura de autoria específica.

Na edição zero do jornal, o conselho editorial apresenta *Opinião*, apontando qual é a finalidade do jornal *Lampião da Esquina* bem como a composição de seu conselho. De antemão, pontua-se, conforme mostra a imagem abaixo, que este é um jornal homossexual, logo, tem-se a demarcação do posicionamento político-linguístico do tabloide. Para além dessa questão, expõe-se uma crítica à marginalização dos homossexuais (entendidos de forma bastante ampla na época, conforme já discutimos anteriormente) e a necessidade deste grupo estar mais presente socialmente e ser visibilizado de forma positiva.

É a partir dessa perspectiva que surge a positivação identitária, frutificada pelas agendas políticas dos Movimentos Sociais no século XX.

Figura 7 - Abertura da Sessão Opinião com Editorial "Saindo do Gueto" na Edição Zero



Fonte: *Lampião da Esquina*²².

Segundo Rodrigues (2018), “o jornal tentou atingir um público diverso e com muitas particularidades. A identidade do seu público pode ser percebida pela diversidade

²² Material cedido pelo Grupo Dignidade, através do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott. Link para acesso às imagens e às edições completas do *Lampião da Esquina*: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

de de assuntos que o jornal abarcou” (2018, p.240). Nesse sentido, *Lampião*, por meio deste primeiro editorial de *Opinião*, aponta quais grupos terão as vozes ouvidas pelo tabloide, a mencionar: índios, negros, mulheres, feministas, travestis e proletários, por exemplo. “A proposta de criar uma consciência homossexual, assumir-se e ser aceito, foi desenvolvida pelo *Lampião da Esquina* por meio de denúncias, opiniões e reportagens. Nessa perspectiva, o jornal procurava muito mais por uma identificação com aquele que o lê do que afirmar uma identidade monolítica”, argumenta Rodrigues (2018, p.240, grifo do autor).

3.2 Algumas Edições Temáticas

Sabemos que *Lampião da Esquina* tem uma edição produzida por mulheres lésbicas, bem como outra produzida por travestis, dentre outras edições específicas, que trazem assuntos diversos e emergentes na sociedade brasileira do final da década de 1970. Em termos de ilustração, vejamos, a seguir, algumas capas de edições bastante pertinentes para a agenda política do *Lampião* e que tiveram convidados como mulheres, lésbicas, negros, por exemplo, para as suas confecções:

Figura 8 - *Lampião da Esquina*: Edição 15, Ano 2, agosto de 1979



Fonte: Google Imagens (2020)²³.

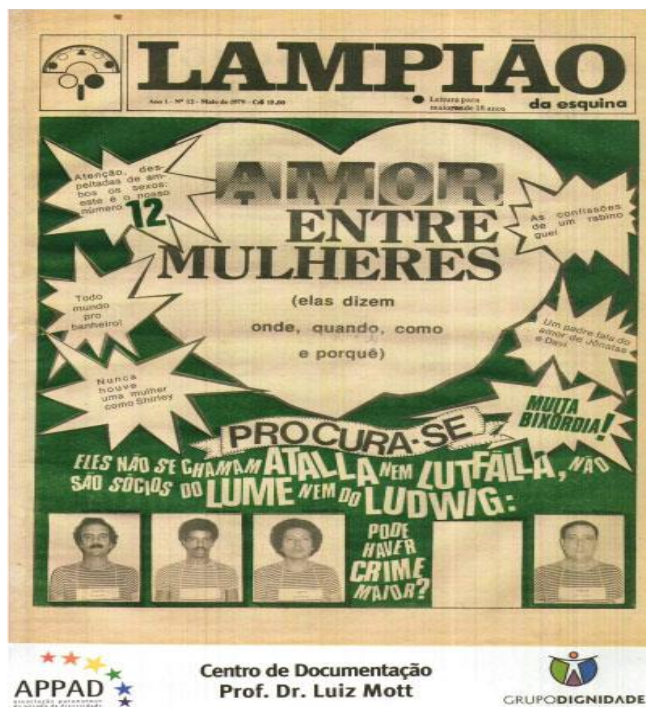
²³ Link para acesso: <https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/>

Figura 9 - *Lampião da Esquina*: Edição 14, Ano 2, julho de 1979



Fonte: Google Imagens (2020)²⁴.

Figura 10 - *Lampião da Esquina*: Edição 12, Ano 1, maio de 1979



Fonte: Google Imagens (2020)²⁵.

²⁴ Link para acesso: <https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/>

²⁵ Link para acesso: <https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/>

Figura 11 - *Lampião da Esquina*: Edição 4, Ano 1, agosto-setembro de 1978



Fonte: Google Imagens (2020)²⁶.

Diante do exposto, vê-se, de forma precisa, que *Lampião* não era um tabloide com uma única temática, pois se propunha a divulgar assuntos que eram emergentes para aquela época. Criar uma edição protagonizada por lésbicas ou travestis, por exemplo, tinha grande importância para o cumprimento dos objetivos dos fundadores do *Lampião*. Na edição *Extra 1*, de dezembro de 1979, Francisco Bittencourt, responsável por assinar a coluna *Opinião*, pontua que o jornal não produzia material para que se trouxessem assuntos que estavam evidentes na sociedade ou para um aumento de produtividade/venda do material, mas para evidenciar temas que eram considerados fundamentais naquela época. Conforme aponta Bittencourt (1979):

[...] A raiz da escolha é a sua capacidade de aprofundar e esclarecer questões que consideramos fundamentais na nossa carta de princípios que, ainda que não escrita, como a constituição da Inglaterra, norteia todas as tomadas de posição dos lampiônicos. Como nunca deixamos cair a peteca desses princípios – nem mesmo quando fomos constringidos por um inquérito mandado instaurar pelo sinistro dr. Armando Falcão -, e embora nossos leitores saibam bem quais são, vale a pena lembrá-los aqui para os distraídos: liberdade incondicional de pensamento, direito à felicidade e ao prazer, solidariedade com todos os oprimidos e discriminados pela sociedade autoritária (nosso lema são os versos de Drummond: “São todos meus irmãos/ não são jornais, nem deslizar de barco entre camélias,/ é toda minha vida que joguei”) e a conquista definitiva de espaço próprio para cada minoria, sem que com isso tenhamos de ceder um milímetro de nossas posições.²⁷

²⁶ Link para acesso: <https://www.ibdsex.org.br/collection_collection/lampiao-da-esquina/>

²⁷ BITTENCOURT, Francisco. Nossa forma é a própria imagem da nossa alma-límpida e pura. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, dezembro de 1979. Seção *Opinião*. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

Com isso, evidencia-se, explicitamente, o papel militante que o jornal possuía. A tal liberdade de expressão torna-se necessidade, senão anseio dos Movimentos Sociais no Brasil e no mundo e tal aspiração se faz presente nas palavras veiculadas pelo *Lampião da Esquina*. Essa liberdade incondicional de pensamento também se manifesta no direito “à felicidade e ao prazer”, conforme pontuou Bittencourt (1979, p.2), bem como “a conquista definitiva de espaço próprio para cada minoria” (BITTENCOURT, 1979, p.2), o que, em outras palavras, evidencia o direito de cada grupo marginalizado socialmente conquistar seu espaço e condições melhores para sua emancipação a partir de suas identidades sociais – positivizadas e respeitadas.

Esse processo emancipatório instiga tanto a descolonização de mentes quanto a descolonização de corpos, o que nos leva a inferir que a busca por melhores condições de vida tão aspiradas pelos Movimentos Sociais, bem como pelo Movimento LGBTI, não é nada mais, nada menos, que a construção de uma sociedade democrática no Brasil, em que o respeito à dignidade da pessoa humana, bem como o exercício de sua cidadania, tenha garantia.

Infelizmente, ainda está longe de conquistarmos uma vivência respeitosa e democrática em nosso país. Exemplos clássicos, como a homofobia, machismo e transfobia ainda são recorrentes em nosso cotidiano. Um dos casos mais infelizes, divulgados nacionalmente, e que podemos destacar é o assassinato da Travesti Dandara dos Santos, de 42 anos, apedrejada e baleada por homens transfóbicos, que a levaram para a morte em um carrinho de pedreiro, em março de 2017²⁸. Embora a sociedade brasileira tenha ciência de que ser homossexual não é doença, a manifestação das diversas fobias ainda se faz presente, tanto pela falta de respeito à diversidade quanto pelo medo do universo e do corpo LGBTI, em quase todos os espaços sociais.

3.3 Cartas Na Mesa

Em tom de humor, o conselho editorial responde, na página a seguir, uma carta de leitor. Conforme já apontamos, o humor é uma das características predominantes do *Lampião*. Vejamos:

²⁸ Link para acesso da notícia: < <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>:>

Figura 12 - Cartas Na Mesa: Ora, pois!



Fonte: *Lampião da Esquina*²⁹.

Segundo o jornal, “a idéia do Conselho Editorial de Lampião é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal”³⁰. Na breve abertura da seção, o jornal revela que ela será um espaço de interação entre o conselho editorial e os leitores.

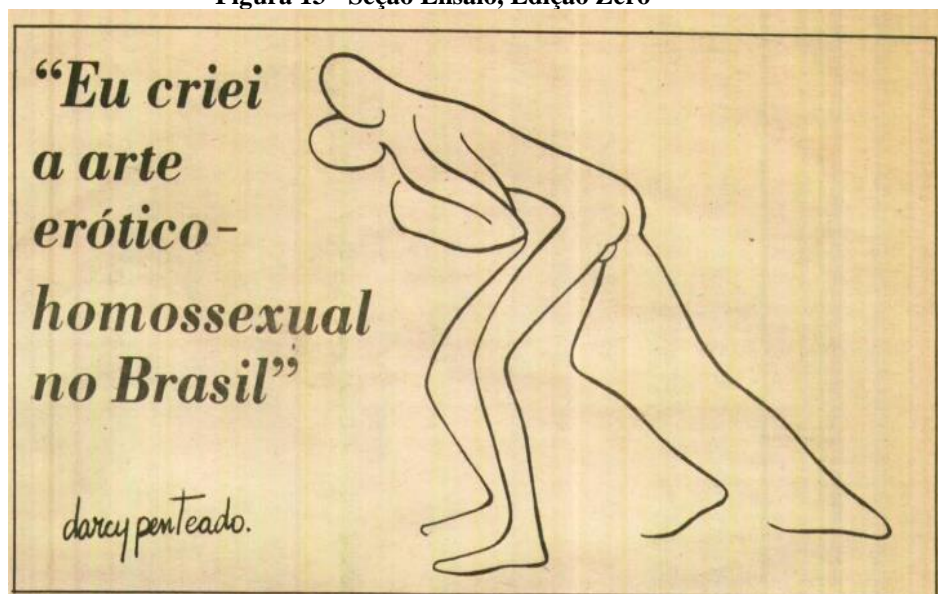
3.4 Ensaio

Nesta sessão, temos a presença tanto da linguagem verbal quanto da linguagem não verbal para expressar um pouco do que a coluna aborda. Vejamos alguns trechos de algumas edições nas próximas páginas.

²⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Ora, pois! Rio de Janeiro, junho de 1981. Seção Cartas na Mesa, p.2. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

³⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção Cartas na Mesa, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

Figura 13 - Seção Ensaio, Edição Zero



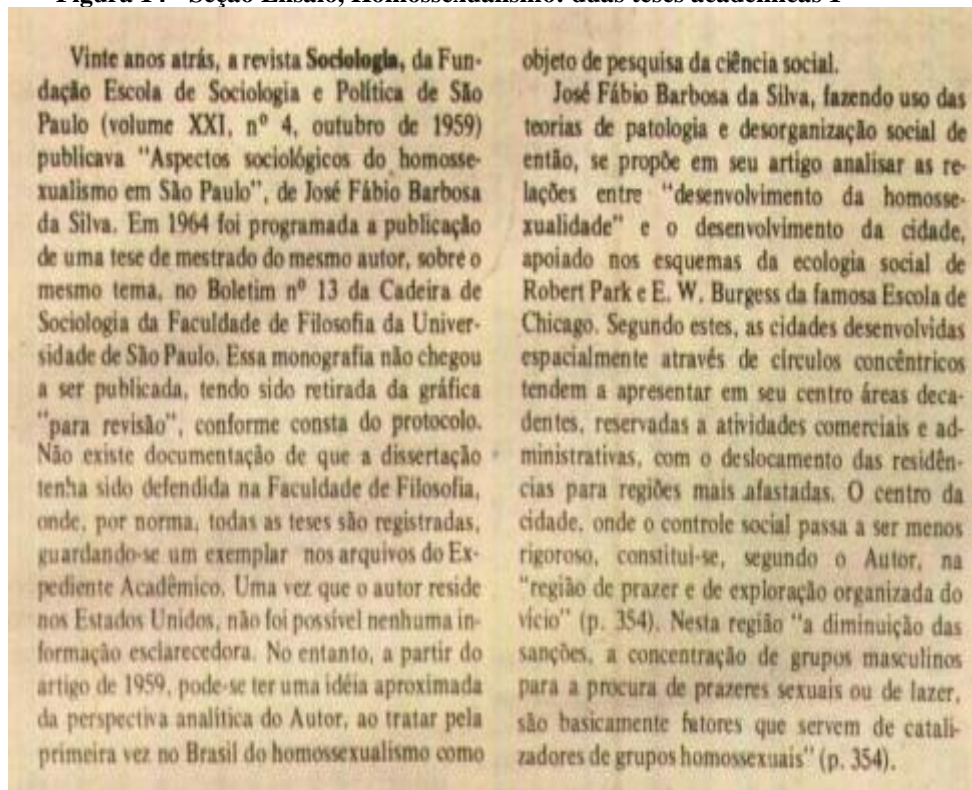
Fonte: *Lampião da Esquina*³¹.

A arte acima é um manifesto do artista Darcy Penteado, que compunha o conselho editorial do *Lampião*. Envolvendo o erótico com a performance linguística de “Eu criei a arte erótico-homossexual no Brasil”, Penteado (1978) enuncia que tanto a sua obra quanto o seu corpo estão dialogados de forma que o objeto artístico expressa um posicionamento político e ideológico do autor. É interessante constatar isso ao enxergarmos, por meio do contexto em que foi produzida a imagem (o tabloide), a legitimidade da propagação da arte erótico-homossexual do artista.

Ao passo que o jornal veiculava informações e discussões para empoderamento das ditas minorias, ele também trouxe manifestos sobre os corpos LGBTIs, na pretensão de promover uma reexistência e reafirmação de sujeitos por meio da linguagem e da criação e ampliação de espaços sociais para o grupo LGBTI. Tal possibilidade torna-se viável a partir da palavra e dos impactos que esta vem a ocasionar nos sujeitos leitores da *Esquina*. A seguir, vejamos um texto da coluna *Ensaio*, publicado na edição 11, em abril de 1979. O título é *Homossexualismo: duas teses acadêmicas*.

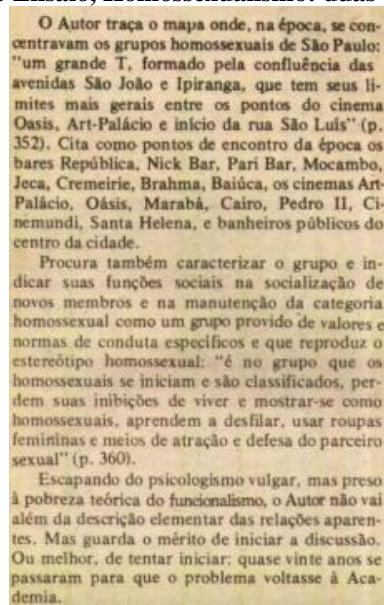
³¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção Ensaio, p.3. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

Figura 14 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 1



Fonte: *Lampião da Esquina*³².

Figura 15 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 2



Fonte: *Lampião da Esquina*³³.

³² PRANDI, Reginaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. Rio de Janeiro, abril de 1979. Seção Ensaio, p.17. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

³³ Idem.

Figura 16 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 3

Em 1977, Carmen Dora Guimarães apresenta ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro a dissertação de mestrado intitulada "O homossexual visto por **entendidos**".

Neste período, o homossexualismo apareceu em alguns trabalhos, mas sempre como assunto paralelo e secundário. Por exemplo, o psiquiatra José A. Gaiarsa, em seu livro **A juventude diante do sexo** (São Paulo, Brasiliense, 1967), dedica um capítulo ao que ele chama de uma das mais frequentes perversões sexuais (p. 283). Tratando do assunto a partir da psicanálise, Gaiarsa acaba por concluir que "A homossexualidade não é um problema sexual mas sim um problema de estrutura de caráter e de comportamento" (p. 297), conclusão que, por si, escamoteia o problema da existência da homossexualidade como objeto merecedor de estudo específico.

Ao contrário, em "O homossexual visto por **entendidos**", Carmen Guimarães parte do homossexual como um dado, e sobre ele se debruça, tomando como ponto de apoio empírico a pesquisa de um grupo de 14 homossexuais masculinos residentes no Rio de Janeiro, de classe média, e originários, em sua maioria, de Minas Gerais.

A dissertação se divide em uma Introdução, uma conclusão e três capítulos sugestivamente intitulados: A produção do mito do silêncio, da diferença à semelhança, e da semelhança à diferença. Traz também uma bibliografia sobre o que de mais importante se escreveu sobre o assunto e um anexo fotográfico.

Além do material colhido através de entevistas

Fonte: *Lampião da Esquina*³⁴.

Figura 17 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 4

tas — material este amplamente transcrito ao longo da dissertação — a autora se vale também de seu conhecimento pessoal de **network** (expressão adotada pela autora para evitar o uso de "grupo"). Em termos de resultados, a autora traça com bastante competência o quadro mais geral da composição do estilo próprio de vida do grupo, suas alternativas e estratégias de sobrevivência no meio heterossexual dominante, seus critérios de identidade e hierarquização. Inda mais, o rico material empírico apresentado fornece o roteiro dos locais de atividade pública do homossexual no Rio de Janeiro, sua glória, e, como não podia deixar de ser, a revelação das situações dramáticas (mas nem por isto tristes) da vida cotidiana dos pesquisados. As histórias de vida relatam momentos da descoberta da própria homossexualidade pelo sujeito, momentos dos primeiros contatos, as dúvidas, incertezas e auto-rejeições, para, finalmente, se chegar ao momento da aceitação, do compromisso e da efetivação do **network**. Por si só este material se apresenta como uma espécie de cartilha pedagógica da homossexualidade, em que se inscrevem valores e normas de comportamento. Como esta pedagogia sócio-sexual é oposta à pedagogia da sexualidade predominante (heterossexual), a constituição do grupo (**network**) aparece na pesquisa como a tática fundamental para a solução de problemas de discriminação e repressão impostas ao elemento desviante.

Dentre vários problemas discutidos, incluem-se a discriminação profissional e a maneira de a contornar; a prostituição homossexual, com seus locais de atuação e táticas de abordagem e de defesa; o lazer e a convivência com o mundo heterossexual.

Fonte: *Lampião da Esquina*³⁵.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

Figura 18 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 5

Quanto ao critério comportamental de identidade homossexual, Carmen Guimarães escreve que "a negação desta diferenciação ideológica ativo (masculino) passivo (feminino) para definir a identidade homossexual também pertence ao **ethos** dos indivíduos do **network** e orienta as suas relações sócio-sexuais. Para este, "a questão de ativo e passivo não se coloca — tudo é transa. Definem a **relação** como homossexual, assim como ambos os parceiros da relação" (p. 110)

A análise da questão do prostituto (**michê**) dá à autora a oportunidade de discorrer sobre a violência e, por artifício ou simplificação, sobre o poder. Na página 111, aparece o seguinte relato de um entrevistado a respeito da possibilidade de violência na relação com o **michê**: "Se depois o outro (**michê**) ameaça escândalo, eu ameaço um escândalo ainda maior. Não me intimido. Não tenho nada a perder. Aí fico bem. **Fico macho mesmo. É homem contra homem.**" E a autora interpreta: "este desfecho é produto da dialética de avaliação para determinar que, em última instância, detém o poder."

Se a leitura da dissertação propicia, a cada página, informações importantes e oportunas, as incursões teóricas da autora se perdem num emaranhado de referências descontinuas e muitas vezes impróprias. Abusa de conceitos, como o de poder (p. 134 **et passim**), fala em dialética quando se trata de simples confrontos de papéis, aponta para a articulação de uma "ideologia" com a "lógica da estrutura social" que não se revela, e acaba por cair na "**funcionalidade** na delimitação das fronteiras de normalidade e anormalidade para a prática social". Extraíndo de obras de Goffman, Foucault e Bourdieu fundamentos para situar o homossexual como sujeito que, por **ser** desviante, sofre todas as consequências do estigma, e que, como estratégia, desenvolve em um mundo paralelo uma simbologia específica, a

Fonte: *Lampião da Esquina*³⁶.

Figura 19 - Seção Ensaio, Homossexualismo: duas teses acadêmicas 6

autora procura manter-se suficientemente distanciada de seu objeto para tentar mostrar o homossexual como ele é em seu próprio mundo, e como ele mesmo vê e interpreta sua situação. Esta meta, atingida em muitas passagens do trabalho, fica, infelizmente, incompleta, na medida em que, por restrições da própria pesquisa, não são analisados outros segmentos sociais da população homossexual.

Mas o mérito de Carmen Dora Guimarães não reside apenas no esforço e disposição para tratar de um tema tão difícil, difuso e praticamente inédito nas ciências sociais no Brasil. Apesar do formalismo que caracteriza as teses acadêmicas, uma bem-vinda publicação do trabalho certamente contribuirá para melhorar o parco conhecimento que todos — homossexuais e heterossexuais — temos da realidade sócio-sexual no Brasil. O trabalho de Carmen Dora Guimarães interessa a todos que acreditam que — apesar do obscurantismo preconceituoso em que vivemos metidos (Lembram-se do **Relatório Hite?**) — o sexo libertado também é fundamental.

Reginaldo Prandi

Página 17

Fonte: *Lampião da Esquina*³⁷.

Como bem disse Reginaldo Prandi, "o sexo libertado também é fundamental"

³⁶ Idem.

³⁷ Idem.

(PRANDI, 1979, p.17). Logo, a coluna *Homossexualismo: duas teses acadêmicas*, presente na seção *Ensaio*, passa a trazer conteúdos acadêmicos, discussões sobre a visão da homossexualidade no campo científico, com a finalidade de politizar o leitor do *Lampião*. Vale lembrar também que, naquela época, a palavra homossexualismo era empregada com bastante naturalidade, porque a homossexualidade ainda era vista como doença, passando a deixar de ser vista assim quando a Organização Mundial de Saúde a retirou da lista de doenças no final do século XX. Tal mudança vem sendo aceita e, infelizmente, compreendida lentamente pela nossa sociedade, pois, nós, homossexuais, somos obrigados a nos deparar cotidianamente com a homofobia presente nos diversos eixos sociais, sobretudo dentro dos nossos seios familiares.

3.5 Entrevista

Essa sessão ocorreu em duas edições extras do jornal (em dezembro de 1979 e em 1980, por exemplo) e em algumas outras periódicas. Os títulos das entrevistas, bem como de todas as sessões, sempre foram bastante chamativos. Vejamos, a seguir, a capa da entrevista concedida por uma das travestis mais famosas da época, Bárbara Hudson.

Figura 20 - Seção Entrevista, A Nova Versão de "A Médica e a Monstra"



Fonte: *Lampião da Esquina*³⁸.

A imagem acima mostra Jaime Eduardo, que, segundo o jornal *Lampião*, era “de

³⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA. A Nova Versão de “A Médica e a Monstra”. Rio de Janeiro, junho de 1981. Seção Entrevista, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

dia, um discreto rapaz: Jaime”³⁹ e, “de Noite, uma exuberante senhora: Bárbara”⁴⁰. A *Entrevista* com Bárbara Hudson conta sobre a sua história, como se descobriu e se construiu travesti, bem como sobre os desdobramentos de sua identidade desviante no seio familiar.

3.6 Literatura

Nesta seção, temos a veiculação de textos literários, bem como a divulgação de obras, por exemplo.

Figura 21 - Seção Literatura, Do outro lado da porta



Fonte: *Lampião da Esquina*⁴¹.

Embora o jornal traga sempre textos de forma bem-humorada, isso não ocorre em todos os momentos. A narrativa acima é um texto literário homoerótico, a dita Literatura Gay, produzido por um autor, M. Rocha, e publicado no jornal. Conforme pontua Rodrigues-Júnior (2010), faz-se necessário ressaltar que a Literatura Homoerótica não se trata de arte com linguagem pornográfica, pois há toda uma engenhosidade por meio das palavras à medida que se conduz o leitor para reflexões e imaginações a respeito do corpo gay.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ ROCHA, M. Do outro lado da porta. Rio de Janeiro, junho de 1978. Seção Literatura, p.8. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

3.7 Reportagem

Nesta seção, apontaremos uma reportagem que foi veiculada na edição número 15 do *Lampião*, ano 2, em agosto de 1979.

Figura 22 - Seção Reportagem, A fábrica de heterossexuais



Fonte: *Lampião da Esquina*⁴².

A reportagem acima trata de um texto escrito por João Silvério Trevisan. É muito interessante constatar a lucidez desse escrito para a época em que ele foi produzido, em agosto de 1979. O texto de Trevisan aponta um discurso ideológico em que já se compreende que a homossexualidade não é doença e muito menos uma prática errada. A grande questão, que compõe essa dicotomia, é a repressão social, haja vista que temos uma tímida receptividade sobre tal discussão. Somente a partir de 1990 é que a discussão sobre sexualidade, bem como a veiculação de narrativas homoafetivas por meio de novelas televisivas, apresentando o beijo gay, por exemplo, se torna mais tolerável. As gerações de jovens que surgem a partir do ano 2000 possuem uma visão bem mais fluída e respeitosa a respeito da diversidade de gênero e da diversidade sexual nos dias de hoje.

No texto de Trevisan, por exemplo, temos também a palavra homossexualismo

⁴² TREVISAN, João Silvério. A fábrica de heterossexuais. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Reportagem, p.9. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

sendo mencionada. Naquela época, essa palavra era aceita e entendida como correta. Embora mudanças tenham acontecido, e a palavra homossexual seja vista como adequada para nomear a orientação sexual, ainda hoje, no nosso cotidiano, nos deparamos com inúmeras pessoas confusas sobre qual palavra ser a mais adequada para empregar. Por fim, o texto do autor traz discussões bastante apimentadas sobre a realidade dos sistemas carcerários brasileiros e da clandestinidade das relações homoafetivas dentro dele.

3.8 Um perfil

Como pudemos constatar, diante dos excertos no decorrer deste capítulo, o jornal *Lampião da Esquina* é um tabloide de múltiplas faces. Todas elas cunhadas nas questões dos grupos ditos minoritários. Há momentos que *Lampião* aborda determinados conteúdos em tom de humor, o que não impede a seriedade do jornal em nenhum momento, e há aqueles em que as discussões são feitas de forma mais objetiva. É importante destacar também que as pautas sobre os grupos minoritários não se restringiram apenas às questões dos corpos LGBTI. Pontuamos, no decorrer deste capítulo, que *querer* pode ser entendido também como aquele que não é apenas LGBTI. Nesse sentido, o jornal traz reflexões desses diversos corpos historicamente marginalizados pela sociedade, possibilitando que, em um futuro próximo aos quatro anos posteriores de sua existência, a criação de outros jornais de Imprensa Livre no país viesse a prosseguir com tais pautas.

A bandeira do *Lampião* é a bandeira da democracia, da promessa da igualdade social e da luta por uma sociedade que respeite, considere, valorize e ame a sua diversidade. Sem dúvidas, quando Djamila Ribeiro (2017) fala que, ao trabalharmos com questões minoritárias, não devemos abraçar apenas uma bandeira, mas, sim, todas. O jornal *Lampião da Esquina*, em um período histórico bem repressivo, já trazia a luta pelas diversas bandeiras: dos menos favorecidos, como a classe trabalhadora, dos LGBTIs e da população negra brasileira.

Capítulo 4 – “Vale tudo, né queridinhas?”: performances gays em *Bixórdia*

O QUE VEM A SER BIXÓRDIA? Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, *sf*; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, *s.f.*, mistura, bagunça. Representação do que é livre, autopermitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p.12)⁴³

⁴³ LAMPPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, outubro de 1978. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

Neste capítulo, analisamos qualitativamente como são performatizadas as identidades gays em *Bixórdia*. Vale ressaltar que a referida coluna apareceu em 27 edições do *Lampião* e por não possuir a assinatura de nenhum dos redatores do jornal, torna-se, portanto, a sua porta voz, bem como de seu conselho editorial. Soma-se a esse dado o fato de que ela ocorreu na maior parte das edições do jornal, ao contrário do editorial *Opinião*, que apareceu pouquíssimas vezes.

Escolhi esta coluna, especialmente, como *corpus* dessa investigação, pois pensando em investigar mais sobre os *Outros*, descubro mais sobre mim. E, assim, trago para o campo do conhecimento o meu corpo em processo de enunciação. Exponho também, os múltiplos corpos, semelhantes ao meu, para demarcar no campo do saber a nossa existência.

Situamo-nos textualmente. Escrevo por mim e por muitos que, no decorrer da História, tiveram o silêncio como ferramenta de sobrevivência. Abri as portas do armário, porque ao me nomear gay no processo da pesquisa, busquei conhecer um pouco mais sobre o meu grupo identitário e contribuir para a visibilização de saberes produzidos por homens gays.

Quando apresento isso a você, leitor, estou expondo, conforme já discutimos no início do primeiro capítulo, uma das agendas urgentes de uma Linguística Aplicada Transgressiva, tendo em vista que a própria Linguística Aplicada, ao transgredir fronteiras, se preocupa com os corpos dos sujeitos que falam e que também são falados, e, para além dessa questão, questiona sobre quem são os agentes que falam sobre esses corpos e em quais grupos sociais eles estão situados.

No propósito de criar as bases para uma nova era do que vou chamar de uma LA *transgressiva*, precisamos manter tanto um foco incansável nas operações do poder como também um questionamento implacável em relação aos termos que usamos, ou, como Scott sugere, precisamos operar com os arcabouços críticos tais como os de Frantz Fanon, “o arquiteto revolucionário por excelência da libertação anticolonial” (Scott, 1999:200), e também com o ceticismo epistemológico de Michel Foucault, para perceber que “nunca se deve permitir que a política descance sobre a satisfação de sua própria autoconcepção, sobre as identidades que afirma serem as constituintes de sua própria comunidade” (Scott, 1999:207). Por um lado, a urgência e as realidades do embate político; por outro, a necessidade de questionar sempre nossas pressuposições, assim como as dos outros. (PENNYCOOK, 2006, p.70)

Conforme vimos, Pennycook (2006) também ressalta que categorias vistas como naturais, tais como “homem, mulher, classe, raça, etnia, nação, identidade, emancipação, linguagem e poder devem ser compreendidas como contingentes, dinâmicas e produzidas no particular” (PENNYCOOK, 2006, p.71), ao invés de serem compreendidas

como prontas e inatas. Assim, o teórico afirma que ao serem feitas análises e abordagens críticas da LA, é preciso ter um cuidado e respeito com os grupos que estamos trabalhando, “uma vez que estamos preocupados com o inter-relacionamento entre diferença, domínio, disparidade e desejo e precisamos ser sensíveis à natureza contingente de nossas terminologias” (PENNYCOOK, 2006, p.71).

Dito de outro modo, devemos conceber os grupos sociais como aqueles que estão em diálogos com nossas pesquisas e não distantes de nós. Nesse sentido, podemos dizer que a proposta deste trabalho foi promover uma pesquisa que dialogasse com os sujeitos, vendo-os além e não como mero fornecedores de informações, como objetos sem vida, e, sim, como ativos no processo de pesquisar, afinal, são nossos colaboradores.

Desse modo, é preciso pensar na LA transgressiva como aquela que busca transgredir para além das fronteiras impostas pelos limites normativos, conforme salienta Pennycook (2006):

A noção de transgressão desenvolvida por bell hooks (1994:13) acrescenta outra dimensão. Ela diz ter sido “inspirada principalmente pelos professores que tiveram a coragem de transgredir os limites que confinariam cada aluno a uma rota, a uma abordagem de aprendizagem como em uma linha de montagem”. Transgredir, sugere hooks, é opor, resistir e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe. Aqui temos uma imagem de professores que transgridem os limites normais da pedagogia e ensinam seus próprios alunos a transgredir: a pedagogia como transgressão. (PENNYCOOK, 2006, p.75)

Pudemos perceber que a transgressão, em bell hooks (2006), deve ser vista a partir de uma visão educacional. De acordo com a autora, em uma relação entre professor e aluno, por exemplo, há de se pautá-la de forma atenciosa e respeitosa, em que ensino e aprendizado ocorram abarcando o aluno em suas dimensões intelectuais e espirituais (hooks, 2013), o que viria a promover a pedagogia dita engajada, uma “pedagogia como transgressão” (PENNYCOOK, 2006, p.75).

Nesse sentido, pensar no ensino de línguas de forma transgressiva é abarcar o aluno e o professor em suas múltiplas identidades, surgindo uma pedagogia do acolhimento, em que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e íntimo (hooks, 2013). Diante disso, expressamos a vertente da LA transgressiva no campo da Educação:

[...] A LA transgressiva, portanto, vai além dos limites normativos; procura imaginar de forma diferente, mantendo tanto a ação política do ensinar para transgredir de hooks como também as questões imbricadas no ensino como

transgressão, tanto Fanon como Foucault. (PENNYCOOK, 2006, p.75)

Como se pôde ver, Pennycook (2006, p.76) defende que a teoria transgressiva pode ser categorizada como aquela que “tem o objetivo de atravessar fronteiras e quebrar regras em uma posição reflexiva sobre o quê e porque atravessa; é pensada em movimento em vez de considerar o que veio antes do momento da posição teórica ‘pós’” e, além disso, “articula-se para a ação na direção de mudança, é Foucault e Fanon.”

É a partir dessa teoria transgressiva que este trabalho se situa. O tabloide *Lampião da Esquina* passa a ser visto não apenas como um artefato cultural veiculado nas mídias, passando a ter importância o grupo que o produziu, sua história e como esse se situa em um contexto mais amplo da História do Brasil e nos eventos ocorridos na contemporaneidade.

Sabemos que o jornal foi produzido por homens gays engajados socialmente e que tinham por finalidade trazer um novo olhar sobre a cultura e comunidade LGBTI. É a partir da relevância social deste *corpus* é que nos debruçamos no objeto de estudo, através da coluna *Bixórdia*, para uma perquirição em Linguística Aplicada Transgressiva.

Tais discussões são uma agenda urgente para o século XXI, sobretudo para as Ciências Humanas e Sociais, de um modo geral, tendo em vista que, ao pensarmos em grupos ditos como minoritários e nos saberes produzidos por eles, estamos refletindo sobre o processo de democratização do conhecimento. Tal fato possibilita não só o empoderamento de sujeitos marginalizados historicamente, mas também a abertura de espaços para que estes sujeitos e seus corpos se façam presentes, produzindo conhecimento dentro de seus núcleos identitários para e pelos seus grupos.

É a partir dessa discussão que a Linguística Aplicada, em seu viés mais transgressivo, impulsiona uma agenda política com saberes descolonizados. Posto isso, a partir de excertos analisados, buscamos responder a seguinte pergunta de pesquisa: *como são performatizadas, por meio da coluna Bixórdia, as identidades de homens gays presentes no Lampião da Esquina?*

Conforme vimos, a epígrafe do capítulo, cujo trecho foi retirado da primeira edição da seção, há uma definição sobre ela. Vejamos: “O QUE VEM A SER BIXÓRDIA? Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, *sf*; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f., mistura, bagun-

ça.”⁴⁴ Já nesse início da conceituação, a coluna, através da personagem fictícia, Mestra Mambaba, pontua que *Bixórdia* é a oposição daquilo que as masculinidades frágeis, denominadas por “machês”, definem ser contrário a elas. Ao mesmo tempo, Mambaba nomeia *Bixórdia* como um substantivo indefinido, por não ser aquilo que se define e, sim, aquilo que flui. Pensando assim, podemos interligar tal afirmação com o pensamento butleriano de que as identidades de gênero, bem como as identidades sexuais, são performadas, fluídas (BUTLER, 2008). Mambaba também coloca *Bixórdia* como uma “mistura, bagunça”⁴⁵, aquilo que não é fixo, determinado por si só.

A personagem fictícia Mambaba foi criada pelos editores do *Lampião* com a finalidade de não revelar de quem era aquela voz, tornando-a do próprio jornal e de seu conselho editorial. Continuando nossas reflexões, a definição sobre *Bixórdia* ainda prossegue como “representação do que é livre, autopermittido. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneiros, frescos, frutas e xubungos.”⁴⁶ E, logo em seguida, termina: “Vale tudo, né queridinhas?”⁴⁷.

Esse “vale tudo” aplica a noção de extensão do conceito de *Bixórdia*, pois insere, na categoria de *Bixórdia*, tudo aquilo que é oposto ao “machês”. Viados, bichas, mariconas, frutas, gueis, entendidos, dentre outros, são apenas adjetivos que qualificam o conceito de *Bixórdia* e de gay. Em outras palavras, nesse momento, o jornal *Lampião* expõe para o seu leitor o que ele compreende por identidade gay, bem como sobre quais questões e quais corpos são contemplados nesta coluna. É interessante frisar, também, que, no final da definição, a pergunta retórica “vale tudo, né queridinhas?”⁴⁸, performa o homem gay (numa nomeação sincrética) como no gênero feminino. Isso não significa que o sujeito gay seja normatizado como feminino, mas a provocação também traz uma ideia de romper com as normas, até mesmo de escrita, sempre colocando o gênero masculino como gênero neutro no campo discursivo. Se, na definição de Mambaba, gay não é masculino e muito menos feminino, “queridinhas” torna-se uma flexão de gênero neutro, ao invés de “queridinhos”.

Sabemos que, com o processo de declinação do latim, através do latim vulgar, o surgimento das línguas românicas vai acarretar também no processo de fixação do gêne-

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem.

ro masculino como gênero neutro, sobretudo na língua portuguesa. Tal processo contribuiu significativamente para a instituição do homem como sujeito dominador na sociedade, logo, as construções e desconstruções de gênero, bem como as nomeações de identidades sexuais, surgem e surgiram em contraposição ao ideal masculino, tratando-se, assim, de uma nomeação política e performativa por meio da linguagem.

Diante do exposto, temos uma noção mais concreta do conceito da coluna e sobre o seu papel ideológico dentro do jornal. A presença do humor, também frequente nas sensações provocadas através de palavras como “queridinha”, é uma proposta engenhosa da escrita lampiônica em tornar as discussões mais prazerosas ao proporcionar ao leitor descontração, uma vez que o jornal tinha como papel informar e empoderar o leitor, em especial, os sujeitos LGBTIs, de conteúdos e temas sobre a comunidade.

É preciso destacar que, nessa primeira edição de *Bixórdia*, temos discussões que falam não somente sobre a vida cotidiana de homossexuais e também de travestis. Nesse sentido, o conceito de *Bixórdia* traz uma noção sobre o *queer* de forma ampliada, não pensando *Bixórdia* como a concepção de *gay* (homossexual) que temos hoje e, sim, como *queer* (*queer*, no seu olhar mais amplo contemporaneamente). Nesse sentido, o sujeito *gay*/homossexual, expresso e entendido naquela época (nas décadas de 1970 e 1980), é de forma generalizada, já atualmente é denominado como sujeito da comunidade LGBTI e *gay* refere-se ao homem homossexual que se sente atraído sexualmente por outros homens homossexuais.

Logo, essa perquirição visou respeitar a visão propagada na época, alternando entre uma palavra (*gay*) e outra (*queer*) dependendo do contexto de enunciação discursiva. Ainda sobre essa primeira edição, gostaríamos de destacar um trecho em que a coluna lança, em sua inauguração, um concurso chamado de *Concurso da Bixórdia*. Vamos reproduzir, a seguir, uma imagem com o trecho do concurso:

Figura 23 - Concurso da Bixórdia

CONCURSO DA BIXÓRDIA: Muita gente ainda tem medo das palavras, de ser chamada de bicha, por exemplo. Pois bem: para provar que o que conta é a cuca das pessoas e que a palavra, seja qual for, pode — e deve — ser encarada como coisa gozosa (!), curtível até, Bixórdia lança um concurso: qual o coletivo da palavra bicha? Já pensaram? Manada, rebanho ou vara não servem, pois já designam o coletivo de outras espécies. Então, imaginações à obra. Vamos inventar um coletivo de bicha, enriquecendo e resgatando o vocabulário guei. Respostas para a Caixa Postal 41031, Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20241. Ao vencedor será ofertada uma assinatura anual de LAMPILÃO, como prêmio por seu talento e incofinência verbal. Eia! Sus!

Fonte: *Lampião da Esquina*⁴⁹.

⁴⁹ Idem.

Vejam que interessante a colocação do conselho editorial ao propor um concurso para se pensar o coletivo da palavra “bicha”. Quando o jornal *Lampião* faz essa proposta, ele está politicamente engajado dentro dos Movimentos Sociais ao tentar desconstruir o significado semântico estereotipado e negativizado sobre o grupo LGBTI. A ideia, nesse contexto, é ressignificar a palavra bicha e empoderar os LGBTIs!

A partir do momento que palavras atribuídas aos grupos LGBTIs começam a circular de forma frequente em espaços midiáticos, como ocorre na Imprensa Livre do século XX, o objetivo é romper com o preconceito e abrir caminhos para a criação e fundação de novos projetos e discussões para a comunidade. Nesse sentido, partindo do princípio de que o falante de sua língua tem o poder de produzir neologismos, no contexto em questão, a produção de um coletivo para a palavra “bicha” já instiga na população LGBTI uma organização social politizada em que práticas de reexistência e reafirmação identitária sejam possíveis para pensarmos na emancipação dos corpos LGBTIs na sociedade brasileira do século XX. Não é somente isso, um grupo identitário fortalecido precisa primeiramente se autoneostrar e a criação e recriação de palavras que fortaleçam determinado grupo só tendem a possibilitar o empoderamento dos sujeitos e de suas identidades.

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. Portanto, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. Assim, a identidade vista de uma forma mais ampla e genérica é invocada quando “um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido” (NOVAES, 1993:25). (GOMES, 2005, p.41)⁵⁰

Através da citação acima, Gomes nos aponta que grupos identitários (e as identidades) se constroem e se fortalecem sobre diversos aspectos. Desse modo, penso que todos os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e contextuais (na localização geográfica e no momento histórico dos sujeitos, por exemplo) só podem se fundir para a constituição identitária de sujeitos e de grupos identitários, se forem permeados por meio da língua e da linguagem.

⁵⁰ Referência: GOMES, Nilma Lino Gomes. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Dito de outro modo, é preciso da *langue* e da *parole* para a constituição da identidade. Adentrando um pouco mais nessa questão, ao compreender o papel performativo da palavra (AUSTIN, 1962; OTTONI, 2002; BORBA, 2014), bem como as construções performativas do gênero e da sexualidade no corpo, por meio da linguagem (BUTLER, 2008), temos que conceber que cada ato de palavra é, sobretudo, um ato discursivo. Portanto, todo ato discursivo exerce uma ação social (MOITA LOPES, 2002), tanto no sujeito que o enuncia quanto naquele que o ouve, e, assim, os corpos se constroem e performatizam suas identidades a partir das ações discursivas.

Para Moita Lopes (2002, p.93-95), “o discurso é ação social e as pessoas estão constantemente criando o mundo em volta delas e nas práticas sociais onde atuam.” Nesse sentido, cabe ao linguista aplicado “o traço mais característico do discurso que é a sua natureza social na medida em que: a) como seres humanos, usamos a linguagem em relação a nós, isto é, o discurso adquire uma natureza dialógica (BAKHTIN, 1982; DURANTI, 1986);” (2002, p.93-95) e “b) construímos o mundo e as pessoas nas circunstâncias culturais, institucionais e históricas nas quais estamos situados (WERTSCH, 1991), isto é, a natureza constitutiva ou socioconstrucionista do discurso” (2002, p.93-95).

Mais à frente, nas reflexões de Gomes (2005, p.41-42) sobre o conceito de identidade, a autora ainda complementa:

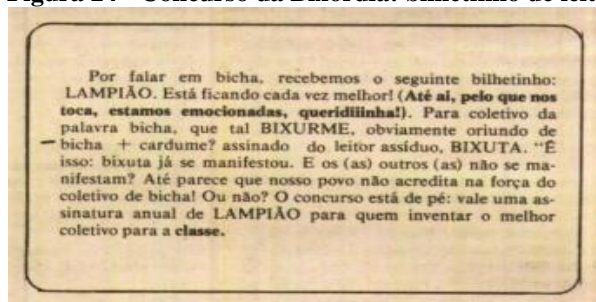
Dessa forma, a ênfase na identidade resulta, também, na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um único sujeito político. E esse trabalho envolvendo semelhanças e diferenças propicia a articulação entre poder e cultura, pois “é exatamente no domínio da cultura que estes grupos (sejam mulheres ou índios) resgatam sua autonomia e reafirmam a sua diferença” (NOVAES, 1993: 27). (GOMES, 2005, p.41-42)⁵¹

É no sentido discutido pela autora que *Lampião* lança o concurso da *Bixórdia*, ao propor aos leitores lampiônicos que tragam uma proposta de neologismo para a nomeação do coletivo de bicha. Eu, se fosse leitor naquela época, certamente diria que bicharada é um coletivo bem pertinente, afinal, como diz Mestra Mambaba, “vale tudo né, queridinhas?” A edição 6, ano 1, de novembro de 1978, traz a continuidade do concurso

⁵¹ Referência: GOMES, Nilma Lino Gomes. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

sobre o coletivo de bicha. Vejamos na página a seguir:

Figura 24 - Concurso da Bixórdia: bilhetinho de leitor

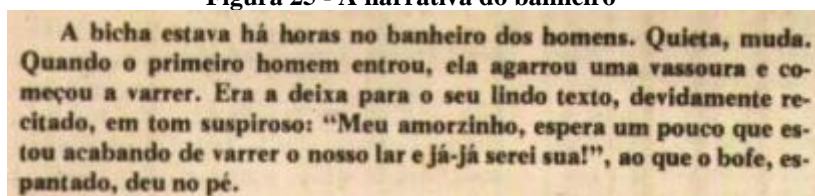


Fonte: *Lampião da Esquina*⁵².

No texto acima, um leitor propõe “Bixurme” para o coletivo de bicha, com a fusão das palavras bich(x)a e cardume (de peixes). O leitor assíduo assina como “bixuta”, o que nos leva a inferir que há uma provocação de tal leitor para o conselho editorial sobre quem possivelmente é a sua pessoa. É interessante observar também que o jornal dialoga com seus leitores e suas leitoras ao propor um concurso de forma tão humorada como se sucede. Nesse passo, sujeitos gays que tiveram acesso ao jornal no período e que não tinham tanto esclarecimento sobre o que é ser LGBTI, de forma empoderada e afirmativa, passam a se ver situados em um grupo para além de regiões como Rio de Janeiro e São Paulo, que produziam o tabloide.

Ainda nessa edição, há um texto dentro de *Bixórdia* que traz uma outra visão sobre o sujeito de *Bixórdia*.

Figura 25 - A narrativa do banheiro



Fonte: *Lampião da Esquina*⁵³.

No recorte acima há um relato sobre um homem gay que estava há horas no banheiro de homens. Assim que entrou um homem no banheiro, ele começou a limpar o espaço e recitou um texto para o homem. Nesse contexto há algumas informações que precisamos analisar com mais detalhes. A primeira é: o homem gay não é um homem que deseja outro homem? Quem seria esse sujeito intitulado por “bicha”? De forma in-

⁵² LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1978. Seção Bixórdia, p.9. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

⁵³ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1978. Seção Bixórdia, p.9. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

cisiva, o outro sujeito que entra no banheiro já é enunciado pelo texto como homem. Então, qual é a identidade de homem que se expressa?

Mais à frente da narrativa, o texto expressa a fala da personagem e a reação do homem que entrou no banheiro e repellido daquela identidade gay, e de sua performance discursiva, saiu correndo do banheiro. Um ponto interessante que podemos destacar é que a fala do homem gay é a performance exata de uma mulher, dona de casa, que espera o seu marido após um longo dia de trabalho com o jantar posto à mesa e com o corpo todo fabricado e preparado para servi-lo sexualmente no final da noite. Logo, temos a inferência de que o homem gay que estava no banheiro certamente poderia estar caracterizado de trejeitos, roupas e vestimentas entendidos como do gênero feminino, mas identificado rapidamente como gay (ou como nomeou o excerto, bicha), como *queer*. Nesse sentido, nas leituras sobre identidades sociais que temos hoje, o sujeito poderia ser uma travesti ou um homem gay afeminado. Vejamos, a seguir, uma outra parte da coluna que trata da “tipificação de bichas”, homens gays:

Figura 26 - Escolha seu nome

Escolha o seu nome

É ponto pacífico que o termo bicha deixou de ser ofensa, para se tornar elogio. E se tornou tão comum dizer **bicha** a propósito — ou mesmo a despropósito — de tudo que já começam a surgir as variações. O filólogo do bar Acapulco e membro (!) do bando de LAMPIÃO, José Fernando Bastos, se encarregou de descobrir — ou inventar, que pra isso é que bicha é um animal cheio de imaginação — algumas variantes da **bichesse oblige**. A saber:

POLICHA — É a que ultrapassou os limites da tricha. Toma hormônios, já que seu grande sonho é virar Fafá de Belém.

BICHIC — É aquela que usa carteirão embaixo do braço, conversa sobre Ibrahim e Teresa Souza Campos como se fosse íntima deles, olha os outros com desprezo. De vez em quando uma é assassinada por um rapaz do interior de Minas que o porteiro viu subir no apartamento com ela.

BICHEQUE — É aquela que por qualquer coisa puxa um talão de cheques. Até para pagar um cafézinho. Diz que não tem carro porque odeia dirigir, nunca foi à Europa porque tem pavor de avião. Usa bolsa a tiracolo.

BICHENE — Fã de Marlene. Daí surge uma série de variações como a BICHY (fã do Cauby) BICHINHA (fã de Emília), BICHAL (do Sidney Magal) e a BICHATORRACA.

BICHÓPOLIS — É a que tem casa em Petrópolis ou Teresópolis mas mora mesmo em Nilópolis. Em São Paulo é a BICHQUARUJÁ; em Salvador, a BICHITAPOÁ; em Belô, a BICHAMPULHA; e em Porto Alegre a BICHATRAMANDAÍ.

BICHOC — É a que não pode abrir a porta sem avisar antes, do contrário quem estiver fora cai duro com a feiura dela.

BICHARM — É aquela que fica no Sótão como se estivesse no Special; no Medieval como se estivesse no Hippopotamus; e no Holmes, de Salvador, como se estivesse no Regine's. Olha pra todo mundo e vai embora sozinha.

BICHADA — É a mal amada. Está sempre com problemas sentimentais. Já tentou o suicídio várias vezes: corta os pulsos e corre pro hospital, se atira do primeiro andar, toma comprimidos e vomita, essas coisas...

BICHWISSAIR — É a que voa. Geralmente usa Cartier americano, Gucci argentino e possui em casa trinta perfumes diferentes e, na geladeira, conservas de todas as partes do munto.

BICHEIRA — É a mineira. Não aquele pessoal maravilhoso da terra do Magalhães; mas aquelas que votam no Bonifácio, pertencem à TFP, namoram uma garota da terra e, aqui no Rio, soltam como se podem (com p mesmo).

BICHÃO — É o tipo macho, sapatão. Cospe pro lado, adora futebol, só fala em mulher. Bebe, transa todas. No outro dia, finge que não lembra.

BICHICLETA — É a atleta, que tem mania de correr de manhã cedo na praia e da polícia de noite. Todas elas tem o Cooper feito.

E por aí vai. Qualquer semelhança com pessoas colunáveis será mera coincidência: de bichas e contrabichas cada um tem um pouco. Ah, ia me esquecendo, tem mais uma; é a BICHATA — É aquela que se enquadrou em algumas das variações aqui mas vai escrever pra cá falando mal do LAMPIÃO.

Fonte: *Lampião da Esquina*⁵⁴.

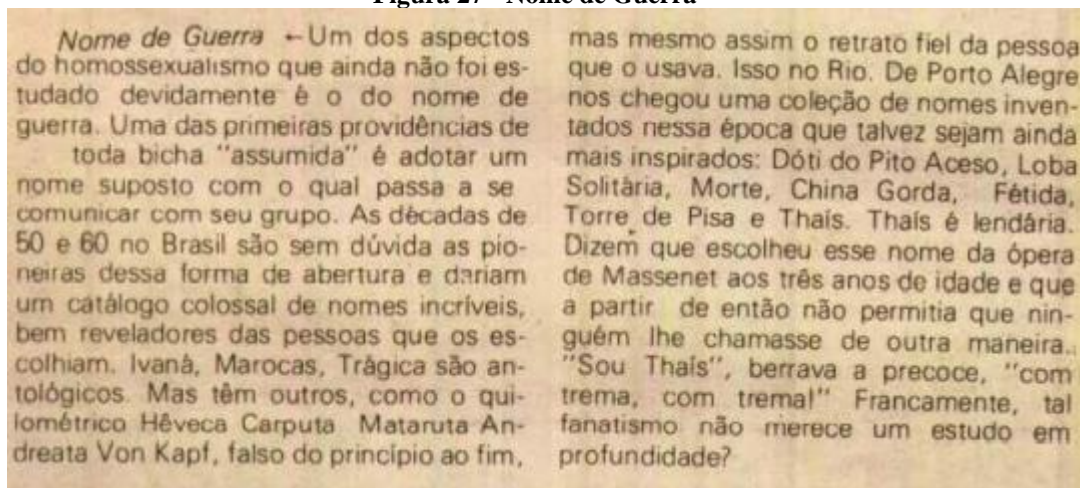
Esse texto é bem interessante ao trazer as noções de variações linguísticas sobre uma linguagem que pode ser compreendida como gay. Uma das nomenclaturas mais conhecidas, certamente, é “bichinha”⁵⁵, que no jornal é apontada a sua conceituação

⁵⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1978. Seção Bixórdia, p.9. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

⁵⁵ Idem.

como “fã da Emilinha”⁵⁶. Em nível de curiosidade, Emilinha foi, segundo o site Wikipedia⁵⁷, uma cantora de samba, marcha de carnaval, bolero e choro. Seu nome era Emília Savana da Silva Borba. A coluna da edição 7, Ano 1, dezembro de 1978, é bastante interessante, pois além de apresentar narrativas de forma humorada, traz também os conceitos sobre as identidades gays e a discussão sobre “nome de guerra”. Vejamos:

Figura 27 - Nome de Guerra



Fonte: *Lampião da Esquina*⁵⁸.

Naquela época, como já mencionamos anteriormente, homossexualismo era a palavra costumeiramente empregada, pois a homossexualidade ainda era vista como doença. Embora essa visão fosse propagada, o trecho sobre nome de guerra que essa edição discute é bastante pertinente, pois além de trazer o conceito, a coluna também exemplificava e com o tom do humor, sempre tão presente. No texto é informado que um homem gay que se assume socialmente, desde a década de 1950, passa costumeiramente a ter um “nome de guerra”, geralmente escolhido por ele. Engraçado, pois o “nome de guerra” nada mais é do que, de praxe, um nome do universo feminino e atribuído às mulheres. Há, nesse contexto, a propagação da construção da identidade gay como uma identidade cuja predominância se faz do que é dito do universo feminino. Será que tal questão não propaga uma visão de que gays são mulheres imperfeitas? Será que a questão do “nome de guerra”, propagado socialmente, não contribuiu para a estereotipação do corpo gay como um falso corpo feminino? E, até mesmo, uma suposta relação entre gays e mulheres?

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Link para acesso: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Emilinha_Borba>. Acesso em 26 de novembro de 2020.

⁵⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, dezembro de 1978. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

Nas últimas análises, vemos que a palavra bicha é sempre atribuída à homens que se enxergam como homens e se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens, no entanto há momentos que a palavra bicha é empregada na inferência de homens que possivelmente podem vir a se travestir de personagens femininas. Tal performance, na visão butleriana (2008), nos coloca a ideia de que tanto o gênero quanto a sexualidade são fabricados socialmente e, em especialmente, na constituição do sujeito (BUTLER, 2008). Vejamos, a seguir, outro trecho dessa edição:

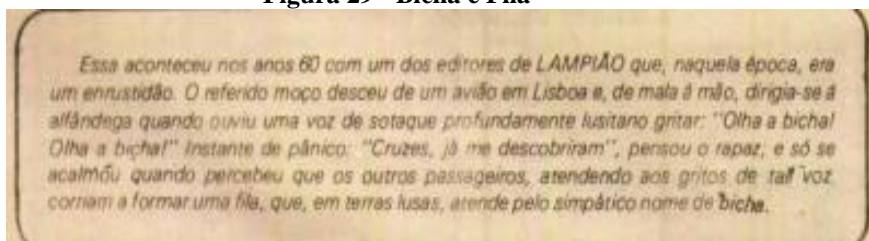
Figura 28 - Escolha seu nome, II



Fonte: *Lampião da Esquina*⁵⁹.

Escolha seu nome, II traz neologismos cujas contribuições vem dos leitores do *Lampião*. Podemos inferir que o jornal foi capaz de reunir um grupo de lampiônicos que, ao se reconhecerem pertencentes ao grupo de homossexuais, passaram também a contribuir para o fortalecimento e consolidação desse grupo. A edição 9, Ano 1, de fevereiro de 1979, traz também algumas questões de variação linguística e as envolve no humor. Vejamos, a seguir, um trecho humorado que aborda a questão de variação linguística:

Figura 29 - Bicha e Fila



Fonte: *Lampião da Esquina*⁶⁰.

O jornal, no passo que vai empoderando os sujeitos LGBTI, torna as discussões

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, fevereiro de 1979. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

mais leves por meio da presença do humor. As narrativas apontam para o leitor que não seja LGBTI como é a realidade de um sujeito desviado da dita heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2008). Na edição 10, ano 1, de março de 1979, ocorre uma questão bastante intrigante e que seria indispensável para pensarmos na visão sobre a performance de identidades gays. Trata-se de um texto que fala sobre Carmem Miranda.

Figura 30 - A pequena notável



Fonte: *Lampião da Esquina*⁶¹.

No texto acima há uma informação que é importante de destacarmos. Vejamos a seguinte reprodução: “Quem sabe da vida de Carmem Miranda é Aracy Cortes. As duas se comiam vivas, naturalmente para saber quem era mais bicha do que a outra.”⁶² Quando o conselho editorial aponta que Carmem Miranda e Aracy Cortes disputavam entre si, enquanto artistas, na questão de “quem era mais bicha do que a outra”⁶³, é apontada uma informação que associa a identidade performática gay às mulheres citadas acima. Nesse sentido, pensemos lá na abertura da coluna *Bixórdia*, quando ocorre a sua inauguração e a Mestre Mambaba coloca o conceito de Bixórdia (e de “bicha”, que no decorrer das edições se torna o sinônimo mais frequente para a palavra bixórdia) e a associa com tias, primas, por exemplo. Seguindo esse raciocínio, nessa edição de *Bixórdia*, especifi-

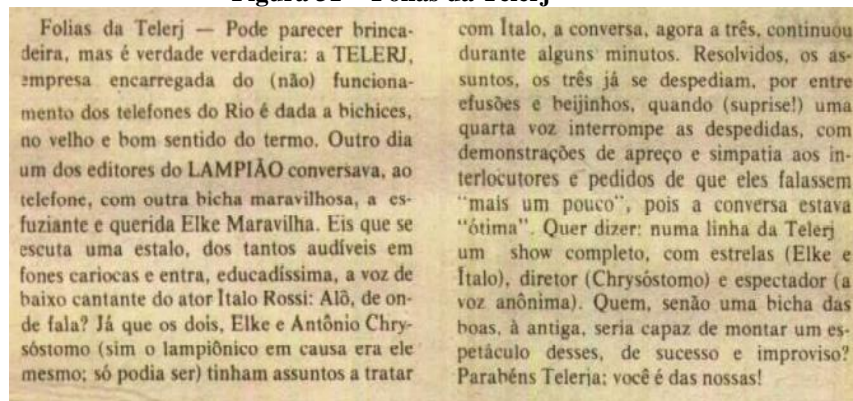
⁶¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, março de 1979. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

⁶² Idem.

⁶³ Idem.

camente no contexto deste texto extraído acima, as performances corporais das duas artistas, Carmem Miranda e Aracy Cortes, estão associadas às performances de homens gays. Logo, as performances corporais das artistas, vistas como performances do gênero feminino, acabam por trazer uma definição sobre performances corporais de homens gays, que o jornal *Lampião da Esquina* produz neste instante. Ainda assim, tendo em vista que nas últimas edições a palavra “bicha” estava mais associada à homossexuais gays e não lésbicas, no entanto, “bichas” sempre esteve performaticamente construída no discurso de identidade oposta aos homens heterossexuais, transitando mais pelo universo feminino. O universo gay seria exclusivamente feminino? Ser gay é ser feminino, possuir trejeitos afeminados ou travestir-se em algum momento de sua vida? Ficam aí algumas provocações, para que possamos pensar mais a fundo sobre como são representadas as identidades gays, conforme se produziu a pergunta de pesquisa da presente investigação. Outra edição interessante que trata da relação entre o conceito de “bicha” proposto pelo *Lampião* e as mulheres, é a edição 11, ano 1, de abril de 1979. Vejamos um trecho dessa edição, que segue abaixo:

Figura 31 - Folias da Telerj



Fonte: *Lampião da Esquina*⁶⁴.

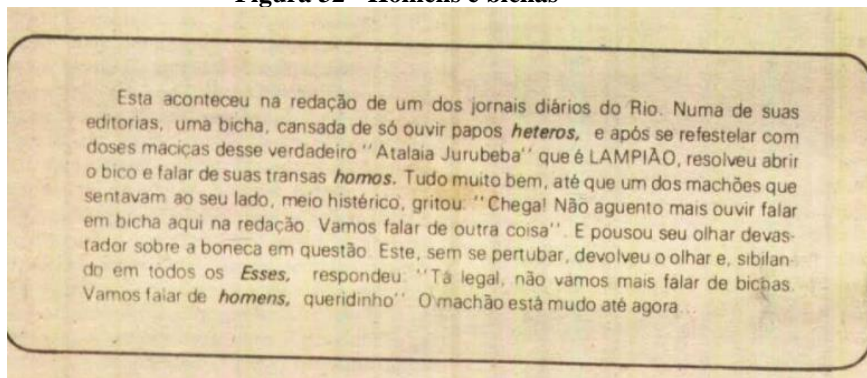
No texto acima, *Lampião* nomeia Elke Maravilha⁶⁵, uma artista brasileira, de “bicha maravilhosa”. Elke Maravilha era mulher e cisgênero. O que a faria ser considerada “bicha maravilhosa”? Seria a sua performance artística e seus adereços que a construía não só como mulher e também como personagem. A performance de gênero, nesse contexto, estaria associada à personagem como uma ficção, pois no sentido butleriano, o gênero é uma invenção, construído e performatizado (BUTLER, 2008). A edição 12,

⁶⁴ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1979. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

⁶⁵ Para maiores informações sobre a biografia da artista, acesse o link: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Elke_Maravilha>

ano 1, de maio de 1979 teve como temática principal a discussão sobre lesbianidades. Leiamos o texto abaixo, extraído dela:

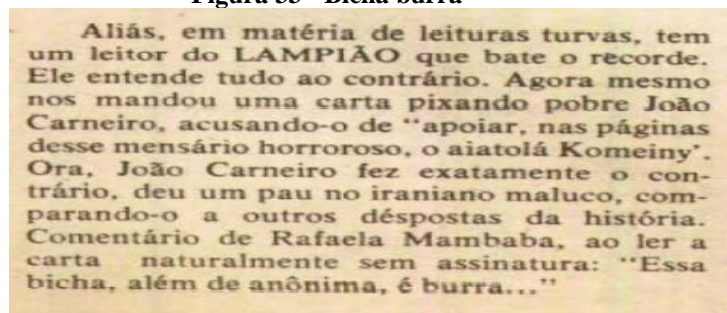
Figura 32 - Homens e bichas



Fonte: *Lampião da Esquina*⁶⁶.

No texto, o jornal *Lampião*, ao narrar um fato, nomeia um jornalista de outro jornal por "boneca". Logo, a palavra "boneca" passa a ser entendida também como gay. Qual é a imagem que a palavra boneca nos traz? A comparação de um homem gay com uma "boneca". Vejamos, essa expressão faz parte do repertório gay.

Figura 33 - Bicha burra



Fonte: *Lampião da Esquina*⁶⁷.

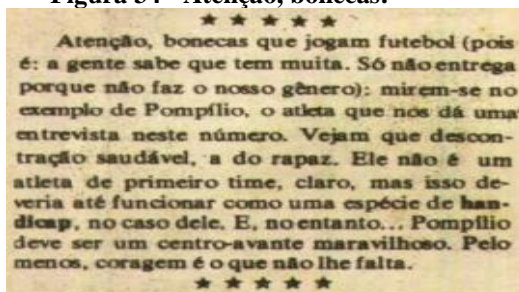
No texto acima a personagem fictícia Rafaela Mambaba nomeia um leitor anônimo do *Lampião* como "bicha", o que nos leva a influir que, para a personagem fictícia, que representa o próprio conselho editorial do jornal, "bicha" é o leitor/a leitora do *Lampião da Esquina*. Nesse sentido, quem seria o leitor do *Lampião*? Certamente seriam todos aqueles sujeitos que se sentissem contemplados com as discussões feitas pelo jornal. Tendo em vista que, numa das análises anteriores, ficou explícito que o tabloide não discute somente questões de gênero e sexualidades, mas também outras questões de grupos sociais ditos minoritários, "bicha", nesse contexto, é o corpo de todo aquele que se vê como interessado pela causa dos corpos e grupos marginalizados socialmente:

⁶⁶ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, maio de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

⁶⁷ Idem.

LGBTI, negros, indígenas, mulheres e classe trabalhadora, por exemplo. Na edição 15, ano 2, de agosto de 1979, temos a nomeação de “bonecas” para alguns jogadores de futebol. Vejamos:

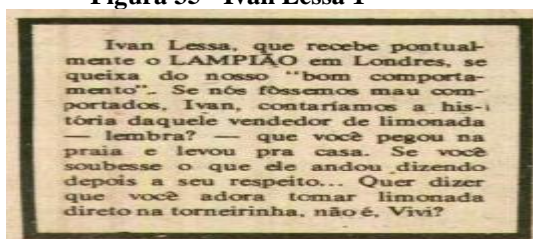
Figura 34 - Atenção, bonecas!



Fonte: *Lampião da Esquina*⁶⁸.

No texto acima, a coluna traz o caso de Pompílio Garcia, 31 anos, que era jogador de futebol e “madrinha” do Clube Atlético Boa Vontade, um dos pequenos clubes da localidade do sudeste brasileiro. Nesse texto, os editores nomeiam outros jogadores de futebol de “bonecas”, convidando-os a virem participar de uma entrevista, assim como fez Pompílio. Na provocação acima, e de forma bem-humorada, ao nomeá-los de “bonecas”, o jornal também expõe como a homossexualidade era silenciada no meio do esporte. A entrevista com Pompílio está na coluna Esquina⁶⁹. Na edição 16, ano 2, de setembro de 1979, tem-se mais um excerto que trata da adjetivação sobre homossexuais. Vejamos na página a seguir:

Figura 35 - Ivan Lessa 1



Fonte: *Lampião da Esquina*⁷⁰.

No trecho acima, o editorial responde um dos seus leitores que se encontrava em Londres. É prudente afirmar que, assim como nesse trecho e bem como em outros já destacados nas nossas análises, os homossexuais são nomeados sempre por adjetivos e

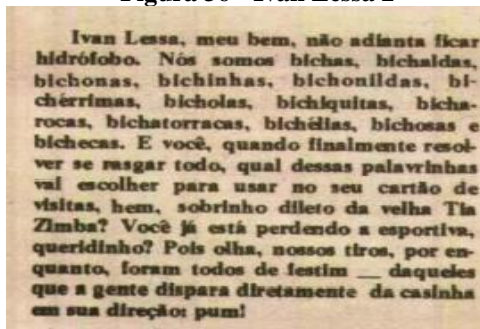
⁶⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

⁶⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Esquina, p.3. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

⁷⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

substantivos femininos, como é o caso do nome Vivi, acima, que seria certamente um “grito de guerra” de Ivan Lessa. Na edição 17, ano 2, de outubro de 1979, há um trecho em que o jornal dialoga com Ivan Lessa:

Figura 36 - Ivan Lessa 2

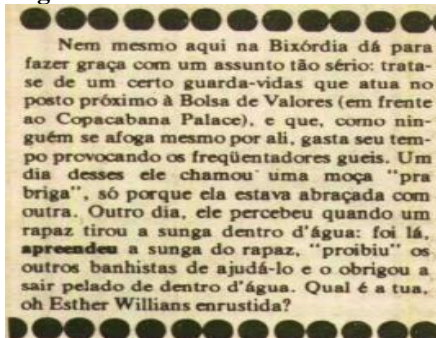


Ivan Lessa, meu bem, não adianta ficar hidrófobo. Nós somos bichas, bichaldas, bichonas, bichinhas, bichonildas, bichérrimas, bicholas, bichiquitas, bicharocas, bichatorracas, bichélias, bichosas e bichecas. E você, quando finalmente resolver se rasgar todo, qual dessas palavrinhas vai escolher para usar no seu cartão de visitas, hem, sobrinho dileto da velha Tia Zimba? Você já está perdendo a esportiva, queridinho? Pois olha, nossos tiros, por enquanto, foram todos de festim — daqueles que a gente dispara diretamente da casinha em sua direção: pum!

Fonte: *Lampião da Esquina*⁷¹.

Lampião, ao falar com Ivan Lessa, apresenta inúmeras nomeações para bichas e de forma positiva e bem-humorada. Vejamos que o jornal, no decorrer de suas edições, procura trazer expressões, bem como nomeações para o grupo gay, de forma que se desconstrua a visão negativa e estereotipada sobre os corpos gays, tão bem propagada em nossa sociedade. Da edição 19, ano 2, de dezembro de 1979, extraímos o seguinte ex-certo:

Figura 37 - Esther Willians enrustida



Nem mesmo aqui na Bixórdia dá para fazer graça com um assunto tão sério: trata-se de um certo guarda-vidas que atua no posto próximo à Bolsa de Valores (em frente ao Copacabana Palace), e que, como ninguém se afoga mesmo por ali, gasta seu tempo provocando os frequentadores gueis. Um dia desses ele chamou uma moça “pra briga”, só porque ela estava abraçada com outra. Outro dia, ele percebeu quando um rapaz tirou a sunga dentro d’água: foi lá, apreendeu a sunga do rapaz, “proibiu” os outros banhistas de ajudá-lo e o obrigou a sair pelado de dentro d’água. Qual é a tua, oh Esther Willians enrustida?

Fonte: *Lampião da Esquina*⁷².

Vejamos no trecho acima que *Lampião*, mais uma vez de forma humorada, narra um fato sobre um guarda-vidas da cidade Rio de Janeiro. Podemos constatar que nesse trecho há uma associação do guarda-vidas com nomeações femininas que, no olhar do jornal sobre gay, eles também representavam o universo gay. Constata-se, mais uma vez, que a identidade do homem gay é costumeiramente alinhavada com atributos e no-

⁷¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, outubro de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

⁷² LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, dezembro de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

meações que estão frequentemente, e inicialmente, presentes no universo feminino. Da edição 20, ano 2, janeiro de 1980, destacamos, a seguir, o texto que fala sobre a festa de aniversário do *Lampião*:

Figura 38 - Aniversário do *Lampião*

O pessoal vidrado no "Lampa" já está pensando na festa de segundo aniversário do jornal, no mês de abril. Pra começo de papo, querem um repeteco de "Bixórdia", o espetáculo que passou para a história do folclore carioca como o que abriu a década de 80. Um grupo de bichinhas decidiu que todo mundo val traçado a caráter: as mais jovens e assumidas de longuinho ou chanel; as mais antigas e/ou enrustidas usarão palazzo pijamas de cores discretas (proibido a calça bufante, depois de a grande esfinje Rafaela Mambaba ter decretado que iriam pensar que todas elas estavam saindo de algum serralho); e os acompanhantes desfilarão com os jeans mais incrementados à venda no mercado. "Gatão de boneca é isso, filhas, tem de estar sempre no último berro da moda", comentou de seu canto a vetusta Mambaba.

E por falar em vetusto, o nome que veio à baila para estrelar o show foi o de Walmir Ayala, que seria relançado como cantor de ópera. "Uma homenagem aos seus tempos heróicos, em que participava do coro das temporadas líricas", disseram. E foram ainda mais longe no seu delírio: querem "Bixórdia" no Municipal, com Walmir cantando árias da ópera "Thais", o cavalo de batalha da época em que ainda tinha o registro de castrati. A comoção foi geral com a idéia, até que a malevolente Mambaba sentenciou com sua voz de ducha gelada: "Mas não deixam ela entrar em cena com aquele quilmona roxo com que canta "Madame Butterfly" nas festinhas que dá em casa."

Fonte: *Lampião da Esquina*⁷³.

Neste excerto são abordados alguns relatos sobre o aniversário do jornal. Destacamos o trecho: "Gatão de boneca é isso, filhas, tem de estar sempre no último berro da moda', comentou de seu canto a vetusta Mambaba."⁷⁴ A fala é da personagem fictícia do jornal, e que por sua vez veicula a voz do próprio conselho editorial. Assim sendo, ela emprega expressões como "gatão de boneca" para referir-se de forma positiva e bem-humorada à homens gays. Vejamos o trecho a seguir, da edição 21, ano 2, de fevereiro de 1980:

Figura 39 - Verdadeira Bixórdia

O Baile que a Riotur promoveu na Cinelândia, na noite do dia 20 de janeiro, para festejar o aniversário da cidade de São Sebastião, acabou se transformando, um pouco à revelia dos seus promotores, numa verdadeira Bixórdia. Sob o palanque de madeira armado em frente à Câmara dos Vereadores — que a abertura acabou por transformar em ponto fixo para todo tipo de manifestações — misturavam-se, ao som da fenomenal Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, pares para todos os gostos: homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher, mulher com homem, e cada par na sua: a ordem era dançar, sem se preocupar com o vizinho. Pairando sobre tudo isso, como uma espécie de sátiro que visivelmente se deliciava com o espetáculo (e pairando é o termo: ele estava no degrau mais alto do braço armado para abrigar a orquestra), Rodrigo Faria Lima: o homem que criou a Sociedade de Amigos da Rua da Carioca, e que está se empenhando em reviver, com todo o tipo de promoções, o Centro do Rio. O bicharú, que faz do Centro a sua área de lazer, está de olho nas promoções do Rodrigo: ele é quente.

Fonte: *Lampião da Esquina*⁷⁵.

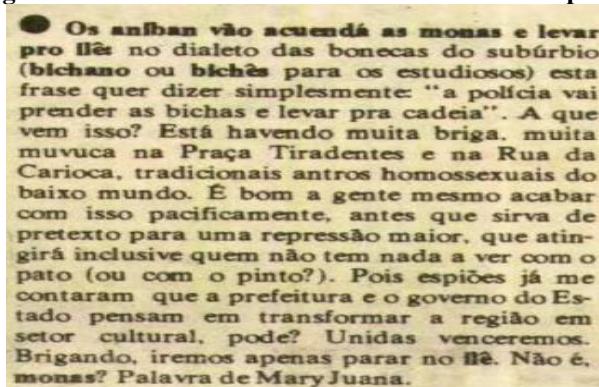
⁷³ LAMPILÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, janeiro de 1980. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ LAMPILÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, fevereiro de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

No texto que acabamos de ler tem um ponto interessante e que merece destaque quando o jornal traz uma visão mais amplificada e concreta do que seria *Bixórdia*: “O Baile que a Riotur promoveu na Cinelândia, [...], acabou se transformando, um pouco à revelia dos seus promotores, numa verdadeira Bixórdia.”⁷⁶ Nesse momento palavra *Bixórdia* toma um desdobramento bem mais diversificado que o dado pela mestra Mambaba na primeira edição da coluna. Mais à frente, o texto afirma que *Bixórdia* seria “homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher, mulher com homem, e cada par na sua: a ordem era dançar, sem se preocupar com o vizinho.”⁷⁷ Nesse sentido, *Bixórdia* também se estende, nesse contexto, à homens com mulheres. Nessa discussão não estamos apontando especificamente a sexualidade e sim as relações sociais. A partir do momento em que os sujeitos sociais interagem num coletivo, estabelecem um tipo de relação social, e a dança promove tal relação. O fato de homens dançarem com homens, mulheres dançarem com mulheres e homens com mulheres não significa que todos os casais de dança eram os mesmos casais de parceiros afetivos e da mesma forma não se proibiam que parceiros afetivos dançassem, no entanto, a construção do significado semiótico sobre a palavra *Bixórdia* pode se amplificar nesse contexto. Leiamos a seguir o excerto extraído da edição 22, ano 2, de março de 1980:

Figura 40 - Os aníban vão acueudá as monas e levar pro ilê



● Os aníban vão acueudá as monas e levar pro ilê: no dialeto das bonecas do subúrbio (bichano ou bichês para os estudiosos) esta frase quer dizer simplesmente: “a polícia vai prender as bichas e levar pra cadeia”. A que vem isso? Está havendo muita briga, muita muvuca na Praça Tiradentes e na Rua da Carioca, tradicionais antros homossexuais do baixo mundo. É bom a gente mesmo acabar com isso pacificamente, antes que sirva de pretexto para uma repressão maior, que atingirá inclusive quem não tem nada a ver com o pato (ou com o pinto?). Pois espíões já me contaram que a prefeitura e o governo do Estado pensam em transformar a região em setor cultural, pode? Unidas venceremos. Brigando, iremos apenas parar no ilê. Não é, monas? Palavra de Mary Juana.

Fonte: *Lampião da Esquina*⁷⁸.

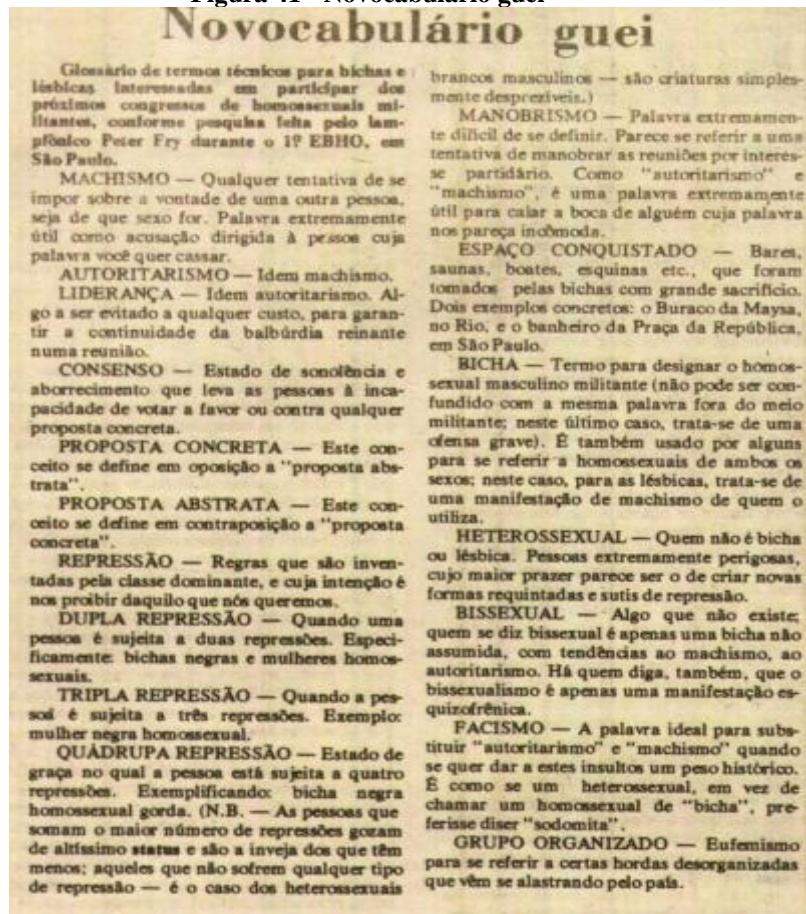
Como podemos ver, há expressões que são presentes na linguagem gay, logo o jornal, ao legitimar tal identidade, traz de forma positiva e humorada elementos que a constitui, promovendo assim uma reafirmação identitária do grupo. A edição 24, de maio de 1980 é a última do Ano 2. Trouxe assuntos diversos, como as outras, além de notícias, orientações para a comunidade e relatos diversos. Vejamos, na página a seguir, um trecho em que a edição traz alguns vocabulários ditos como gays:

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Idem.

Figura 41 - Novocabulário guei



Fonte: *Lampião da Esquina*⁷⁹.

Nesse texto o jornal traz para a comunidade lampiônica a construção de alguns termos e conceitos. Embora o conselho editorial fosse bem articulado e entendido sobre as questões e direitos LGBTI daquela época, alguns dos conceitos que eles trazem nesse vocabulário são, para os dias de hoje, um tanto equivocados, e naquele período contribuíram de forma expressiva para a propagação de estereótipos de uma não bissexualidade, por exemplo. O conceito de "bicha" nessa edição é demarcado como referente à homens que sentem atração por homens, independentemente de suas vestimentas, se no ato sexual são ativos, passivos, versáteis e muito menos se possuem traços femininos ou não. De um modo geral, como em todo o jornal, *Lampião* traz as informações de forma humorada. O humor se faz como um recurso de linguagem para atrair o leitor sobre o conteúdo. Embora o público-alvo do tabloide não fosse exclusivamente homens gays, os conteúdos são dirigidos a todos os grupos sociais vistos como minoritários, logo o recurso do humor é uma estratégia para atrair esses diversos grupos também. A

⁷⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, maio de 1980. Seção Bixórdia, p.15. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

forma ironizada como o jornal discute, nessa edição, a questão dos tipos de repressão se faz bem pertinente, sobretudo quando se pensa que as repressões sociais podem ser acumuladas, a depender do sujeito, principalmente quando o concebemos como um sujeito que possui diversas identidades sociais, que podem ser contraditórias ou não e reprimidas ou não socialmente. A edição 30, ano 3, de novembro de 1980 traz um ponto pertinente e que destacamos o trecho a seguir:

Figura 42 - Regionalismos semânticos

• Em Recife, há muito tempo a mulher homossexual já era conhecida como "pitomba" — uma fruta que se chupa, mas não se come, já que ela praticamente só tem caroço. Agora, no Rio, conforme os bairros, novas palavras vão sendo criadas para os homossexuais. O "naicra" é patente dos subúrbios (Madureira e adjacências). O "rala", fenômeno de Niterói. Isso sem falar no "mona", palavra supostamente nagô, usada nos subúrbios e na baixada. Quer dizer, os regionalismos semânticos estão brotando, e a criatividade tá comendo (!!!) solta. Que bom!

Fonte: *Lampião da Esquina*⁸⁰.

No trecho é abordada a questão dos regionalismos semânticos que, a nosso ver, tratam de uma variação linguística referente aos grupos identitários. Cabe destacar que o jornal vem realizando esse trabalho de divulgação, propagação e reformulação de nomes, apelidos, expressões que dizem respeito aos LGBTIs, ou melhor, à *Bixórdia*. Em março de 1981, é a última vez que a coluna circula e com o nome de *Bixórdia*. Vejamos a seguir um trecho de uma piada presente na edição 34, ano 3:

Figura 43 - O homem do dedo-duro

O homem do dedo-duro

Esta aconteceu com uma amiga dos editores do *Lampião* durante visita a conhecido médico carioca:

— Doutor, tenho umas dores chatas nos rins e nos intestinos...

— Tire a roupa toda, dobre bem a cintura e abra as pernas.

— Para quê, doutor?

— Preciso apalpar com os dedos os seus intestinos. Vai fazer bem a você.

O médico mandou, paciente obedece. O médico agiu e, depois de algum tempo, o passivo, perdão, paciente, resolve falar:

— Mas, doutor, o senhor está apalpando ou esfregando?

— Fique calmo, não é nada grave. Estou quase terminando... Estou apalpando e massageando com o dedo.

— Com o dedo!? Mas o senhor está segurando meus ombros com as duas mãos! Mas pode continuar, que seu dedão é uma glória!

Fonte: *Lampião da Esquina*⁸¹.

⁸⁰ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

A piada traz a narrativa de um encontro homoerótico (sexo casual) entre um médico e um paciente. *Lampião* não só empodera seus leitores, bem como os diverte também. Outro ponto interessante é que não há uma estereotipação da identidade LGBTI no trecho em questão, ao contrário de muitas piadas que circulam pelas mídias atualmente e que versam sobre os corpos homoeróticos. Após três meses da circulação da última coluna *Bixórdia*, o jornal lança *Ecos de Bixórdia*⁸² na última página de sua última edição, que ocorrera em junho de 1981, soando como uma despedida do *Lampião*.

Além dos problemas internos e ideológicos, havia os problemas com o sistema político. O jornal foi alvo de um inquérito policial que durou 12 meses. O possível crime: atentado à moral e aos bons costumes. De acordo com Trevisan, a carta que a Polícia Federal enviou ao jornal tratava os editores como “pessoas que sofriam de graves problemas comportamentais”. O *Lampião* levantava uma bandeira difícil de ser aceita por grande parte da sociedade, assumir o prazer como direito fundamental do ser humano. Além disso, o *Lampião* jogava luz sobre o homossexual, naquele tempo ainda colocado, na maioria das vezes, escondido em becos escuros. [...] Apesar de as questões com o governo e as diferenças ideológicas estarem cada vez mais visíveis dentro do jornal, o *Lampião da Esquina* cumpriu seu papel de comunicador e deu espaço para as diferentes vozes das facções gays da política partidária que o jornal passava por graves problemas. O jornal, financeiramente e ideologicamente, atravessava uma enorme crise. (RODRIGUES, 2018, p. 241, grifo do autor)

Sendo assim, *Lampião da Esquina* encerra as suas atividades em razão de muitas questões, sejam elas internas ou externas. Posto isso, a pergunta que retomamos para encerrar esse capítulo é a nossa pergunta de pesquisa: *como são performatizadas, por meio da coluna Bixórdia, as identidades de homens gays presentes no Lampião da Esquina?* Para o tabloide, numa leitura do século XXI, gay é ser LGBTI e ser LGBTI é ser *queer*. Embora o termo *queer* não fosse propagado na época, seria essa a tradução mais aproximada sobre o que é ser gay no olhar retratado pelo jornal *Lampião da Esquina*. Ser gay também é estar fora da norma que propõe aos corpos regras binárias sobretudo ao que é considerado do universo do homem e do universo da mulher. No entanto, no que tange aos homens gays, por exemplo, o jornal aponta, por meio de referências lexicais, a existência de uma linguagem específica para o grupo de homens gays, portanto uma linguagem gay.

Como Cameron (1997) argumenta, ao entender a linguagem como performance (e, com Butler, como performativa) não devemos considerar que fa-

⁸¹ LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, março de 1981. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

⁸² BITTENCOURT, Francisco. Rio de Janeiro, junho de 1981. *Lampião da Esquina*. Seção Bixórdia, p.20. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

lamos/escrevemos A, B ou C por somos X, Y ou Z. Ao invés disso, devemos focar nossa atenção nas dinâmicas sócio-históricas-discursivas que fazem com que ao *falarmos/escrevermos X, Y ou Z sejamos percebidos/as como A, B ou C*; ou seja, os recursos linguísticos (e identitários) são produtos de processos históricos, políticos, filosóficos e culturais específicos e sua utilização nos insere nessas dinâmicas. (BORBA, 2014, p.460, grifo do autor)

Tal linguagem específica é desempenhada por meio de performances identitárias e linguísticas que são constituintes da língua e das próprias identidades performáticas, tanto na perspectiva butleriana (2008) quanto austiniana (1962) de que dizer é fazer. Ou seja, quando o jornal trazia itens lexicais e aspectos linguísticos regionais atribuídos aos homens gays, ele estava expondo uma performance linguística e discursiva gay, que por sua vez torna-se uma performance identitária. Borba (2014, p.467) aponta que “a performance linguística das drags sublinha que ‘a linguagem não é um meio ou instrumento externo em que despejo um eu e onde vislumbro um reflexo desse eu’ (Butler, 2003: 207)”, o que podemos transmutar para a performance linguística de homens gays, por exemplo. O linguista ainda continua: “Antes, ela é constitutiva desse eu e, assim, quando investigamos performances identitárias não podemos deixar de contemplar as possibilidades oferecidas e as limitações impostas pela linguagem em sua construção” (BORBA, 2014, p.467). Nesse sentido, a linguagem contribui de forma decisiva para as constituições das performances identitárias.

Os diferentes caminhos percorridos pelos conceitos de performance e performatividade em suas peregrinações disciplinares sublinham o fato de que para analisarmos a construção de identidades (*todas* as identidades) não basta atender somente às práticas corporais. Deve-se, isto sim, considerar que esse corpo só atinge significado cultural quando embrenhado em uma rede altamente complexa de regulações, vigilâncias, punições que paradoxalmente fornecem os recursos de sua própria contestação. Tal rede é constituída por sistemas de saber/poder e saber/discurso historicamente específicos que são, em grande parte, produzidos e sustentados por práticas linguísticas. (BORBA, 2014, p.467-468, grifo do autor)

Posto isso, muitas das referências lexicais que o jornal faz sobre homens gays tem sua flexão de gênero no feminino, mas ser gay seria exatamente ser uma mulher? Não. A ideia de trazer a flexão de gênero para o feminino, com palavras como “bichinha” e “boneca”, por exemplo, é promover justamente o rompimento com uma ideia convencional de gênero e de sexualidade, colocando o corpo gay como um corpo fluído, em emancipação, ou melhor, flutuante, pois ao performar seus anseios e o seu universo interno, ele não se fixa num ideário masculino e muito menos feminino, apenas é. A provocação da flexão de gênero para nomes e qualificações sobre nomes gays ocorre no “feminino” justamente por provocar uma nova flexão de gênero neutro, com a ideia de

romper com os padrões que instituem o homem heterossexual como referencial para uma denominação linguística de nomeações de sujeitos e das coisas do mundo, em uma visão binária sobre masculino e feminino. Para o tabloide, *Bixórdia* é uma coluna que inclui todos nós, convocando performativamente que todos podemos nos situar sob o seu signo: gays, travestis, tias, primas, entendidos, bichinhas, bichonas, sapatas, por exemplo. Afinal, como diz a Mestra Mambaba, “Vale tudo né queridinhas?!”.

Como indica Pennycook (2007), estudar a linguagem e a identidade como performances que são performativas exige um arcabouço analítico transtextual que excede o texto (oral e/ou escrito) *in situ* e o localiza em sua história de reiterações e transformações: o significado de um texto e seus efeitos não estão presos nas fronteiras textuais, mas são constituídos em sua história dialógica pré-textual (i.e. o que vem antes do texto e possibilita a performance em si), nas relações intertextuais com outros textos e os efeitos que a performance linguística produz nas/os interlocutoras/es; necessitamos, assim, de perspectivas pré-, inter- e extra-textuais na análise dessas performances. (BORBA, 2014, p.468-469)

Logo, quando estamos apontando como são desempenhadas as performances identitárias de homens gays por meio da linguagem, estamos investigando não somente as informações fornecidas pelo jornal, mas também os discursos que veiculam sobre o contexto histórico de sua recepção. Nesse sentido, as identidades de homens gays performatizadas na coluna *Bixórdia* são identidades que estão em processo de invenção e reinvenção, partindo por nomeações linguísticas, e senão performances linguísticas, constituídas a partir de uma linguagem própria, inicialmente advinda do universo feminino, não significando que ser um homem gay a partir das nomeações representadas no *Lampião* significa ser mulher, mas o rompimento com a neutralidade imposta pelas nomeações linguísticas masculinas, advindas e instauradas como normas desde o processo de declinação do latim (para o latim vulgar e depois no processo de desenvolvimento das línguas românicas), instiga ao homem gay que começava a conquistar novos espaços de reexistência e reafirmação identitária a possibilidade de ser gay da forma que mais lhe apetece, corroborando com o que já discutia a filósofa estadunidense, Judith Butler, sobre as identidades e performances identitárias serem inventadas, sobretudo a partir da linguagem (BUTLER, 2008; BORBA, 2014;).

Lampião da Esquina encerra suas atividades com a sua última edição em junho de 1981 por diversas questões, já pontuadas acima, mas segundo um de seus principais

fundadores, João Silvério Trevisan⁸³, o jornal cumpriu com o seu papel naquele devido momento, possibilitando novos caminhos e novas oportunidades para que homens gays e a população LGBTI, de um modo geral, pudessem alçar novos horizontes.

⁸³ Tal fala está presente no documentário intitulado *Lampião da Esquina*, dirigido por Lívia Perez, produção Doctela e coprodução Canal Brasil, ano 2016. Link para acesso ao documentário: <<http://doctela.com.br/tv/lampiao-da-esquina/>>

5. Considerações Finais

O que vão dizer de nós?
Seus pais, Deus e coisas tais
Quando ouvirem rumores do nosso amor
Baby, eu já cansei de me esconder
Entre olhares, sussurros com você
Somos dois homens e nada mais
[...]
Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar sem temer
Eles não vão vencer
Baby, nada a dizer em vão
Antes dessa noite acabar
Baby, escute, é a nossa canção
E flutua, flutua
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar
E flutua, flutua
Ninguém vai poder querer nos dizer como amar
(Flutua, Johnny Hooker e Liniker)⁸⁴

⁸⁴ Link do clipe: <<https://www.youtube.com/watch?v=mYQd7HsvVtI>>

O presente trabalho possibilitou uma discussão sobre a identidade de homens gays que trouxe para o campo da Linguística Aplicada em seu viés transgressivo, para os Estudos *Queer* e, sobretudo, para as reflexões sobre Linguagens e Identidades um olhar gay sobre a forma como os corpos dos sujeitos gays podem fluir para além dos limites de um tipo de performance no início do século XXI. João que era Maria não quer mais ser nem um e nem outro, só quer amar, se realizar em suas múltiplas performances identitárias.

Ao situarmos esta pesquisa no campo da Linguística Aplicada Transgressiva, nos propusemos a perquirir sobre como são performatizadas as identidades de homens gays no jornal *Lampião da Esquina* através da coluna *Bixórdia*. Quando elencamos identidades de homens gays, partimos da visão específica sobre homossexuais, no entanto o jornal amplifica o significado semântico sobre a palavra gay, sobretudo para uma época em que emergia-se de corpos LGBTIs, assim como contemporaneamente, porém vistos única e exclusivamente como gays.

Hoje, no século XXI, temos nomenclaturas (e categorias) mais específicas, tais como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros, binários, não binários, pansexuais, goys, dentre outras. Se *Lampião* fosse um jornal do século XXI, certamente seus editores diriam novamente que isso tudo é uma tremenda bixórdia! Sobretudo porque a coluna *Bixórdia*, que representava a voz do conselho editorial do tabloide, nos convida a compreender nossas performances de gênero e sexuais como situadas em seu escopo desconstrucionista, uma vez que este se propõe a tratar de questões que emergem em grupos que foram socialmente subalternizados.

Em se tratando de um jornal escrito por homossexuais para um universo que não se restringia exclusivamente ao mundo gay, *Lampião* promove para os seus leitores um espaço de reafirmação e reexistência, sobretudo quando traz para suas folhas a presença, a voz e o corpo desses sujeitos, instigando a propagação de informação, conhecimento e manifestações culturais do universo LGBTI. Assim sendo, a forma engenhosa como os jornalistas lampiônicos gays criam e recriam termos para serem associados aos leitores e leitoras do tabloide, possibilita um maior afinamento entre tais sujeitos de forma que possam se empoderar e se organizar política e democraticamente não apenas como um grupo (repleto de muitos outros grupos) e sim como um universo que deve ter os seus direitos e espaços conquistados, bem como a oportunidade de viverem dias mais felizes e menos doloridos ao romper com padrões historicamente construídos através do machismo, sexismo, racismo e as diversas fobias.

Ser gay a partir do *Lampião* é uma nova oportunidade de reexistir e se reafirmar no Brasil do século XXI, sem medo algum da felicidade. É assim que me vejo daqui para frente, ao situar o meu corpo nos bastidores dessa investigação. Terminei este texto tirando um sufoco que carreguei dentro de meu peito por muitos anos, a partir do momento que aprendi que o silêncio não era uma estratégia de sobrevivência e sim de apagamento de minha subjetividade e de meu corpo enquanto corpo de homem gay. Tornar-se gay, como coloca Richard Isay (1998), é ter a consciência sobre quem você é, e acima de tudo, estar preparado para afirmar a sua identidade seja por meio de seu corpo e de sua voz. Essa pesquisa me possibilitou ter um pouco mais de conforto a respeito disso. Tornar-se gay é processo. Das lutas que começam na hora que acordamos e pausamos apenas enquanto repousamos o nosso corpo gay na cama, pois prosseguimos com o despertar do dia. Tornar-se gay é lutar constantemente por espaços de respeito, escuta e de dignidade. Espaços que respeitem quem somos, sem correr risco algum de sofrer qualquer violência ou até mesmo ser silenciado ou inferiorizado por ser quem se é. Tornar-se, ou melhor, ser gay é luta. Por fim, a presente perquirição, denominada por pesquisa gay, nos instiga a pensar em mais possibilidades de se refletir sobre e com o universo LGBTI a partir dos estudos sobre as identidades e suas performatividades na perspectiva de uma Linguística Aplicada que se faça – sempre - Transgressiva e *Queer*.

6. Referências Bibliográficas

AUSTIN, J. L. *How to do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BITTENCOURT, Francisco. Nossa forma é a própria imagem da nossa alma-límpida e pura. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, dezembro de 1979. Seção Opinião. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

BITTENCOURT, Francisco. Rio de Janeiro, junho de 1981. *Lampião da Esquina*. Seção Bixórdia, p.20. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: (ORGANIZADORA), I. S. *Investigações sobre a Língua[gem] situada 1 - Situar a Linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 91-115.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 43, julho-dezembro 2014. 441-474.

BEAUVOIR, S. D. *O segundo sexo*. [S.l.]: Nova Fronteira, 2014.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino*, v. 1, n.8, p. 101-122, 2005. In: <http://rle.uepel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/198/165>.

CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis - SC, p. 171-188, 2002.

DINIZ, M. Gênero, subjetividade e relação com o saber. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, Florianópolis - SC, 30 Agosto 2006. 1-7.

FAURE, G. O. *A constituição da interdisciplinaridade: Barreiras institucionais e intelectuais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (coleção leitura)*. São Paulo: SP: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, G. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

FURQUIM, C. H. D. B. *A Pesquisa Identitária e o Sujeito que Pesquisa*. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador - BA, v. 5 n.1 Número Especial - Gêneros e Raça na

Educação , p. 11-23, Março 2019.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, p. 38- 47, 2002.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, S. D. E. C. A. E. D. Educação anti- racista: caminhos abertos pela Lei Federal, v. 10639, n.3. Brasília, DF: MEC/Secadi: [s.n.], 2005. p. 39-61.

GRANETTO-MOREIRA, J. C. Reflexões e implicações da pesquisa em linguística aplicada em perspectiva transdisciplinar. Travessias, v. v.9, n.1, p. 457-564, 2015.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro - RJ: DP&A, 2006.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça - Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. Tempo Social, revista de sociologia da Usp, v. 26, n 1, 2014.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. Linguagem: Ensinar novas linguagens / novas paisagens. Estudos Feministas, Florianópolis, 2008.

ISAY, R. A. Tornar-se gay. [S.l.]: Edições GLS, 1998.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção Cartas na Mesa, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Pintou o bode. Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção Cartas na Mesa, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Ora, pois! Rio de Janeiro, junho de 1981. Seção Cartas na Mesa, p.2. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção Ensaio, p.3. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Qual é a da nossa imprensa? Rio de Janeiro, abril de 1978. Seção Ensaio, p.17. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. A música popular entendida de dona Lecy Brandão. Rio de Janeiro, dezembro de 1979. Seção Entrevista, p.10. Edição Extra. Disponível em:

<<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. A Nova Versão de “A Médica e a Monstra”. Rio de Janeiro, junho de 1981. Seção Entrevista, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, outubro de 1979. Seção Tendências, p.17. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, outubro de 1978. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1978. Seção Bixórdia, p.9. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, janeiro de 1979. Seção Bixórdia, p.11. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, dezembro de 1978. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, janeiro de 1979. Seção Bixórdia, p.11. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, fevereiro de 1979. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, março de 1979. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1979. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1979. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, maio de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, junho de 1979. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 27 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, julho de 1979. Seção Bixórdia, p.15. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Esquina, p.3. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, outubro de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, dezembro de 1979. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, janeiro de 1980. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, fevereiro de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, março de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, abril de 1980. Seção Bixórdia, p.10. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, maio de 1980. Seção Bixórdia, p.15. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, junho de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, julho de 1980. Seção Bixórdia, p.14. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, agosto de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, setembro de 1980. Seção Bixórdia, p.17. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, novembro de 1980. Seção Bixórdia, p.16. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, março de 1981. Seção Bixórdia, p.12. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

LOPES, L. P. D. M. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

LOPES, L. P. D. M. Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas - SP: Mercado de Letras (Coleção Letramento, Educação e Sociedade), 2002.

LOPES, L. P. D. M. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguística aplicado. In: LOPES, L. P. D. M. Por uma linguística aplicada INdisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: (ORG), G. L. L. O Corpo Educado. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MUNIZ, Kassandra da Silva. Linguagem e identificação: performatividade, negros (as) e ações afirmativas no Brasil. Sínteses-ISSN 1981-1314, v. 14, 2011.

NELSON, C. D. A teoria queer em linguística aplicada: Enigmas sobre "sair do armário" em salas de aula globalizadas. In: LOPES, L. P. D. M. Por uma linguística aplicada INdisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OTTONI, P. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. Revista Delta, São Paulo - SP, p. 117-143, 2002.

PRANDI, Reginaldo. Homossexualismo: duas teses acadêmicas. Rio de Janeiro, abril de 1979. Seção Ensaio, p.17. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: LOPES, L. P. D. M. Por uma linguística aplicada INdisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: LOPES, L. P. D. M. Por uma linguística aplicada INdisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. 112p.

ROCHA, M. Do outro lado da porta. Rio de Janeiro, junho de 1978. Seção Literatura, p.8. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

RODRIGUES JUNIOR, Adail Sebastião. Representação gay em corpus literário paralelo. Rev. bras. linguist. apl., Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 603-624, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982010000300006&lng=es&nrm=iso>. acessado em 08 jul. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982010000300006>

RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: LOPES, L. P. D. M. Por uma linguística aplicada INdisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SALIH, S. Judith Butler e a Teoria Queer. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

SCHULTZ, L.; BARROS, P. M. D. O lampião da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. Revista de Estudos da Comunicação, Curitiba, v. 15, p. 49-63, 2014.

TREVISAN, João Silvério. A fábrica de heterossexuais. Rio de Janeiro, agosto de 1979. Seção Reportagem, p.9. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2020.

TREVISAN, João Silvério. Somos o quê mesmo? In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo: Alameda, 2018.

VAL, M. D. G. C. Redação e Textualidade. 3. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2006.